Vergílio Ferreira

Vagão «J»

(ROMANCE)

EXPLICAÇÃO

Fundamentalmente este livro procura ser uma experiência de aproveitamento da linguagem escrita do povo.

*

Se a sugestão é alheia a finalização creio que é minha. Como quer que seja, que outros levem a experiência a cabo e estarei vingado.

*

Pode pôr-se em prosa um romance popular em verso.

*

Os valores de expressão do povo são o limite para que deveria tender a progressiva democratização da arte.

*

As classes sociais, como as fases da vida, têm um exclusivo de relacionações lógicas e de valorações, em harmonia com o ângulo donde se observa o mundo; a simples distribuição dos pontos finais ou vírgulas, numa carta de uma pessoa do povo, tem muitas vezes aí a sua raiz.

*

Nós que somos a prosa vil da nação não podemos entender a poesia do povo, anda Garreta a dizer há cem anos às modernas da Arte com A maiúsculo.

P.S.

Rigorosamente não há em literatura
simultaneidades à Boyle-Mariotte...

Barracas de feira, «tudo a dez tostões, é escolher, é escolher, tudo a dez tostões, freguês», homens jogam na roleta, as doceiras cruzam os braços atrás das mesas coalhadas de amêndoas. «Eh! Pá! olha aquele realejo». «O meu irmão comprou um de campainhas e custou quinze mil reis». «Olha a bpa da melancia!» «Como pra tremoços, minha senhora?» e o poviléu agita-se numa massa e a noite é lisa e macia. Algumas doceiras são raparigas novas, de modo que a festa sempre rende mais, «compra umas amendoinhas...» E os rapazes novos andam ali de asa rastejante dizendo coisas às doceiras. Depois o farmacêutico ganha um dinheirão, (e as estrelas, muito quietas, pregadas no veludo escuro, olham com olhos piscos de sono). Homens, mulheres e crianças passam para baixo e para cima, blusas novas, chapéu derrubado para a nuca, um perfume de manjerico escorrendo da orelha. Balões suspensos, balouçando. Música tija de pratos e bombo. Fogo! Fogo do ar, ah!... Estrelas cadentes, pó de oiro e os olhos dos homens arredondados de espanto. As doceiras olham também para o alto e os rapazes novos dizem outra vez que é um instantinho e elas respondem que não. Foguetes esfuziando. Tiros. A música parou. Olhos no ar, bem abertos para as estrelas cadentes. Depois o homem que deitava os foguetes desceu do muro e marchou em triunfo por entre os garotos que o olharam com admiração. Os garotos devastavam os batatais esfarrapado a rama, de um lado para o outro em correria à caça das canas dos foguetes. Um de tiro explodiu num pèseiro e extirpou da terra as batatas que engrossavam e o Chinola que é homem de muita piada disse que o fogueteiro tirava as batatas à borla e toda a gente se riu. Toda a gente que estava ali ao pé se riu a valer, porque o Chinola tinha, na verdade, muita piada. E a música tornou a tocar, enquanto as estrelas iam tombando devagar para o outro lado da serra. As barracas começaram o negócio, «uma limonada são cinco tostões», e os homens bebiam água com açúcar e diziam que era bom de verdade, «compra estes doces, minha menina». Lá para baixo, a gente que veio de fora para ver a parreira, mete-se na venda do Capacho que é coisa asseada e come frango assado e croquetes e vinho e mais frango assado, mais vinho, e os carros estão em cima, à espera, numa fila. «Chega aí mais um copo», «toma um pirolito, com vinho é daqui», «dá ali uma cerveja àquele senhor», «mexe-te, dá cá o saca-rolhas depressa, meu lesma», «ó Joaquim deita aí um

copo», «já são horas da parreira?» «só lá para as 3 da madrugada», «é uma espiga que dá para tarde». Cá fora, os que já estão integralmente ensopados, forçam a cabeça contra a parede com os olhos injetados de sangue, depois os amigos dizem que venham daí, eles garantem que já estão bons e berram, cabelo amassado, pernas engelhado e querem beber mais que é para ser festa de verdade, canudo!

A charanga, derreada, vai marcando do coreto o compasso à marcha que os homens batem em baixo no terreiro. Botas de bezerro, bota cardada, camisa branca, rosto vermelho estourando de carrascão.

- É agora!

No sarrabulho do baile, arrancam nuvens de poeira que engrossam o ar. E na curva macia do céu, estrelas ensonadas, lucila de olhos piscos.

«Chega-lhe agora. Prá direita. É mais uma! E virou!» Os campos dormiam no escuro. Enxadas, foices, manguais. Searas maduras, batatais ramalhudos, a torra do sol. Tudo no escuro sob os olhos piscos do céu.

Um balão malhado de cores numa ascensão repousada ia subindo ao céu. Então os homens deixaram de escavar o terreiro.

- Vai arder! Vai arder!

Antes que ardesse, o mestre da charanga atacou, duro, uma música de triunfo. Olhos parados no ar. (Olha a boa da melancolia!) Ia arder com certeza. Aquele asno do Carranca...

Sobre a escadaria da capela Manuel bate com a bota o compasso da música.

- Tão não danças?

A calça repuxada descobria a meia de algodão e os atilhos. Tinha a jaqueta aberta, a camisa desabotoada e um crânio de ferro.

- Não danças?
- Pró raio...

O crânio rodou no pescoço encordoado. Aquele asno do Carranca teimava sempre em apertar o buraco aos balões com a mania de não deixar escoar a força. O resultado era aquele. Lá estava o balão a enfolar-se. Olha! As chamas a lamberem-no, o arco a precipitar-se com a mecha nos quintais. É um asno... Já o ano passado os balcões dele arderam quase todos.

Um calor burro nas tabernas atulhadas. O senhor João e a Senhora Amélia passeando, fidalgos, de braço dado. Espinhas vergando. Olá! Como passou o Sr. Joãozinho? Sr. Joãozinho, os homens sempre vão na terça-feira. As tascas atulhadas de bêbados gorgolejando, galfarrando, varapaus nodosos, «o Zé da Amaral é que lá tinha umas ricas batatas», «deita aí mais um litro», «pois é tal qual como lhe digo, um ano de fome, o feijão é o que se vê, e a lagarta assim a dar nas batatas, vai ser um ano de fome».

- Ó ti João, tão não vai mais um copo?

Ar grosso de fumo, áspero como cardas. Barbas escanhoadas, cor de aço, rostos corridos de pregas. E um riso estalado nos corpos de bronze.

- Tão não danças?

Manuel Borralho pertencia aos Borralhos, à família dos Borralhos, que eram ladrões, ladrõezitos reles, se multiplicavam como cogumelos, provinham das classes da naifa. Punha gravata aos domingos, sabia ler e penteava-se com um pente de barbeiro, o pulha. Quando o Bogas não ia à taberna, Borralho soprava a caixa do peito, dava socos na mesa, dizia coisas engraçadas, e os rapazes riam-se à boca larga. Mas quando o outro aparecia, toda a gente deixava de ligar ao Manuel, porque o Bogas contava aventuras corridas em Lisboa, no tempo de tropa, bebia uma cântara sem desembocar e desafiava qualquer um para o soco. Era um teso. A coisa, porém, já não deve nem teme e traz no peito a raiva surda que a vida desgraçada gerou. Por isso não tolera que um qualquer venha para a taberna armar em esperto. Homem de jorna é igual, anda aos baldões a vida inteira e não suporta que um Bogas se faça mais do que é. Por isso os rapazes já andavam remoendo a ideia de vingança. Uma noite, dois ou três levariam o bazófia do Bogas para fora da aldeia e malhar-lhe-iam nos lombos como cumpria. Mas Borralho tem vontade de ir começando sozinho para adiantar serviço. Ele precisa de caçar o outro naquela noite. Esperá-lo-á na quelha de cima quando ele for urinar e então poderá cravar-lhe a navalha no bandulho. Mas o Bogas não arrancava dali e parecia não ter vontade de urinar. Foguetes esfuziavam, largando um rasto de pó luminoso, música achochocalhada, carregada de sono. Mas a dança não pára, borbulhando no terreiro.

Borralho ergueu-se da escadaria da capela. Entornou a cabeça para trás e de mãos nos bolsos, veio descendo até à poeirada do baile. O Bogas lá andava amarrado à rapariga, sorrindo pelo canto da boca, o filho da mãe, requebrando-se como gente fina. Metia raiva aquela pose e se não fosse cá por quê, Borralho cravava-o já ali. Estava-lhe passando uma onda pela

cabeça. Foge da minha vista que eu até cego. O Bogas continuava dançando, cabelo lambido de pomadas e sempre com aquele jeito garrido de bambolear os quadris e de achegar-se bem à rapariga que andava toda vaidosa. Bogas piscou o olho ao Borralho que sorriu de esguelha:

- Chega-lhe, que a maré vai boa.

Uma labareda de ódio incendiou-lhe os nervos. Via na frente o outro, satisfeito, feliz, com uns ademanes irritantes. Se lhe perguntassem porque odiava, Borralho não saberia responder. Não tolerava que ninguém subisse. Era um ódio inato que descarregava em qualquer da alta. Ao Sr. João, dono de largas terras, tinha Borralho de respeitá-lo porque ele se dava com a gente da vila e metia na cadeia quem quisesse, como fizera a tantos lá da terra. Mas num Bogas, apesar de amigo do Sr. João, poderia desforrar-se de toda a sua raiva surda. Qualquer desgraçado pensava assim, porque o homem de jorna, sem eira nem beira, foi deitado ao mundo para andar aos baldões. Toda a gente possuía qualquer coisa para afirmar a sua existência:

- O homem da jorna tinha apenas o seu ódio.

Borralho aproveitou um descanso do bailarico para convidar:

- Eh! Bogas, queres tu vir daí beber um copo?
- Nem é tarde, nem é cedo; é pra já.

Atravessaram o arraial, traçados pelo pescoço num abraço muito íntimo. «É tudo a dez tostões», «Eh! Freguês, compra tremoços?», um bruáá de gentes caldeadas, barracas, vozes de pregão, festões de era enroscada nos paus das bandeiras, «cá está o belo sabão que tira todas as nódoas, por dez tostões são dois sabões se um anel grátis, é aproveitar que daqui a pouco já não há mais, anel contra as trovoadas». Chegava o anel aos polos de uma pilha, fazendo tocar uma campainha e os homens viam que ali havia eletricidade e as trovoadas tinham coisa elétrica e não havia dúvida que o anel guardava ocultos poderes contra a misteriosa eletricidade.

- Eh! patrão, largue aí um pacotinho.
- ... por dez tostões e um anel de prémio. Em qualquer parte custava cinco escudos e sem anel.

Os sons dispersos, a vozearia que rolava em ondas pelo ar, pelo chão, ao lado, atrás, mesmo ali ao ouvido, escoavam-se pela ideia fixa de Borralho, como areia fina por rede. Três copos, um passeio até fora da

aldeia e sem mais explicação a faca no bucho. Borralho acabaria assim com aquele espinho teimoso, que o sarrazinava. Sim, ele não tem nada contra o Bogas, Bogas nunca lhe fez mal, já lhe tem pago até copos de vinho. Mas, caramba! Para que raio anda ele a armar-se em lorde, a quilhar, a moer os outros com a sua pose de homem sabido? Faz sofrer os outros muito, muito, faz-lhes sentir que eles são uma coisa reles. E isso foi um tipo, consome-o. Se o Bogas se não penteasse como gente fina, se não tivesse aquela bazófia de contar aventuras de Lisboa, Borralho seria seu amigo, amigo de verdade. Palavra de honra. Se o Bogas andasse com o cabelo amassado, se não soubesse dizer duas coisas juntas, se não soubesse ler. Mas aquele luxo irritava toda a gente. Porque os homens de jorna sofriam como cães ao verem que ele trouxera de Lisboa um ar de rufia, um paleio de malandrim. Cavasse como os outros a terra negra, andasse ensebado, fosse como os da sua igualha.

- Vai outro?
- É pra já!

Enfiaram três copos, que o dia era de festa. Mas Borralho está em brasas por apanhar o Bogas num lugar escuro, (enquanto do coreto, a música chegava delida no tinir dos pratos e nos socos do bombo).

- E se a gente fosse dar uma volta até à fonte?
- Qual fonte? Pró arraial.
- Ó Bogas! Tu és meu amigo?
- Sou amigo e amigo de verdade.
- Então e não vens comigo?
- Não vou, já te disse. E se é por causa do vinho, eu pago-to já aqui todo, que eu não sou homem de ficar a dever nada a ninguém.

Estavam fora da taberna. Borralho olhou em volta. Dois homens aproximavam-se da venda. Lá para dentro, o vozear confuso dos bêbados. Era pra já. Bogas não queria ir até à fonte, mas enganava-se se julgava que fugia. Era ali já. Palavras levava-as o vento e Borralho não estava para mais razões. Estalou a lâmina no bolso e sacou-a num ápice. Bogas esquivou o corpo ao golpe e a navalha foi cravar-se num braço. Borralho rodou vivo e sumiu-se numa quelha próxima. Depois foi à fonte para molhar a garganta seca e lavar a lâmina.

Aos berros de Bogas o poviléu acudiu em roldão.

Barulho! Barulho!

Aos gorgolões a gente rolava, que foi, onde foi?, braços poderosos acotovelavam de um lado e de outro, deixa passar! As mulheres tinham um

ar escorrido de aflição. Bogas esbracejava em fúria chamava filho daquela ao Borralho e garantia que havia de esmigalhar-lhe os cornos. E os rapazes sentiam uma alegria feroz, por saberem que o Bogas fora cravado.

- O gajo é que é um provocador. Inda um dia destes eu estive vai não vai pra lhe esmurrar a fuça.
- O Borralho não lhe batia assim sem mais nem ontem.
- Andavas pràí feito lorde da casaca preta... Anda que o outro deu-te água pelas barbas

Os homens da jorna sentiam-se felizes. E até os artífices, que eram gente de certa categoria, sorriam satisfeitos por verem o Bogas reconduzido ao seu meio.

- Foi o Borralho que esfaqueou o Bogas.
- Adonde?
- Como foi? Conta lá, conta lá!
- Eu não vi nada. Mas o Bogas disse que o Borralho estava a beber uns copos e que òdepois saíram e sem mais nem ontem que o cravou. Disse que já foi dar parte, mas o Borralho não lhe batia sem mais nem menos.
- Disse que já andavam picados.
- Picados... Ele o Bogas veio pràí armar à lorde e lá por andar em Lisboa na tropa julga que é mais que os outros. A gente também não pode ver certas bazófias. Òdepois, olha, paga-as...
- Mas então se ninguém viu, ele não pode dar parte.
- Oh!... Vossemecê está maluco, homem. Ele é todo do Sr. Joãozinho... Então julga que não arranja logo testemunhas?
- Isto quem está debaixo é que se amola.

E o velho pensou que era verdade. Quem estava debaixo é que se amolava. A isso ficava reduzida a história de todos. Debaixo. Ninguém estimava o Borralho, porque ele era dos Borralhos, a raça mais reles da aldeia. E as mães, os pais e os filhos lutavam por subirem, por serem mais que os outros, por esmagarem os que pudessem. Por isso os Borralhos ficavam para trás, perdidos no esterco, na promiscuidade da salada da família. Os da alta tinham dado à vida uma significação. Toda a gente via que o valor de cada um se media pela maior ou menor possibilidade de esmagar os outros. Por isso o Sr. João era a pessoa mais importante da terra. Por isso ele era odiado por todos. O ódio despertado nos outros marcava a importância da pessoa. Borralho não é odiado por ninguém, porque toda a gente o despreza. Mas ele satisfez o desejo de vingança dos artífices e dos

que não pertenciam à raça mais reles. Por isso Borralho chamava a si a atenção e o afeto de toda a gente. Breve o esquecerão de novo. Mas por ora ele é o rei da festa. Ele, o que esfaqueou o bazófia do Bogas.

- Anda que a arranjaste fresca! Então disse que bateste no Bogas!
- Cale-se pràí e não me faça perder o juízo! Eu bati lá no Bogas ou no raio!

A mãe ergueu os punhos ameaçadores:

- Eu até te esborrachava o focinho! Olha, assim, assim, (e dava murros em si própria, num desaforo). Que tinha você que se meter em sarilhos? Seu coisa reles.
- Ou você acaba com essa música, ou eu perco-me da cabeça e vai tudo raso.
- Isso! Isso! Anda, bate-me também a mim. Bate-me! Olha que eu não sou o Bogas! Eu migo-te como o caldo na panela. Meu ordinário! Você não sabe que agora vai malhar co'o lombo na cadeia?

Manuel ardia. Lá de dentro, uma voz sumida ecoou lugubremente.

- Estivesse eu bom que eu é que te dizia! Rachava-te de meio a meio.
- Veja lá agora se você também tem voz ativa. Você cale-se, se quer.
- Tu mandares-me calar? Ó meu garoto reles!
- Sou garoto reles, sou. Mas se não fosse eu, eu queria ver o que é que você comia. Comia trampa, naturalmente.

A mãe acudiu, furiosa, em defesa do marido doente:

- Ó malvado! Ó homem sem consciência! Olha que o desgraçado, se não travalha é porque não pode. Já te encheu muitas vezes o bandulho de pão, meu reles.

Manuel não respondeu. Rebuscar pela casa a manta velha e saiu para o monturo em frente, onde se deitou. Quase desfeita, a música do coreto chegava ainda ali e voava pelo céu tranquilo, onde as estrelas continuavam a brilhar.

Os irmãos de Manuel acordaram e ergueram berreiro. Maria, a rapariga mais velha, que tinha já 18 anos, não buliu no canto onde dormia. Pouco depois chegou o João que se deitou ao lado dele, perguntando:

- Atão chegaste ao Bogas a valer?

- Vamos dormir que já é quase de dia.
- Mas chegaste?
- Se me tornas a falar, levas já duas taponas plo focinho.

João não tornou a falar. E tinha pena. Porque Manuel esfaqueara o rufia do Bogas que andava pràli todo cheio de nove horas, Galos cantavam na manhã ampla que se abria. João e Manuel dormiram até que o sol explodiu no céu. E as moscas do monturo ziguezaguearam em seu voo nervoso. Moscas varejas, gordas, que refocilavam no esterco próximo. Manuel carregado de sono, tapava a cabeça para não ver o sol, mas não conseguia dormir. Os garotos tinham-se levantado para virem ao quintal fazer a vida. Ventre emproado e nu, cara suja e negra. Joaquina Borralho veio para a rua com uma bacia descascada no esmalte e chamou os filhos pequenos para os lavar. Preferia proceder à limpeza dos garotos, na rua, à vista de toda a gente, para que toda a gente soubesse que ela era limpa, asseada como os da alta. Os pequenos puseram-se na fila arrastando um pranto lamuriado, esfregando os olhos, barrigas de fora.

- Anda cá tu, Jaquim!
- Não quero... lave primeiro o Cão...
- Anda cá, Jaquim! Não me faças perder a paciência. Olha que eu pego dum chinelo e dou-te duas nalgadas.

O garoto aproximou-se a medo, cheio do terror daquelas mãos sapudas da mãe que lhe iriam esfregar vigorosamente a cara, as orelhas e o pescoço, onde se tinha acumulado em crosta a imundície de longos dias. Joaquina Borralho agarrou na cabeça do filho, segurou-a com força e com a mão direita erguia a água com que rapava as côdeas. O pequeno berrava, batia os pés no chão, mas a mãe, imperturbável, continuava esfregando, sempre esfregando. Depois enxugou no avental o rosto do garoto que ficou rosado e fresco. Os outros pequenos esperavam, acocorados, a sua hora, e miravam com angústia o suplício do irmão. O dia era de festa e Joaquina Borralho também tem a sua vaidade que lhe não consente ver na rua os filhos ensebados. Por isso os esfrega com água e sabão, mãos ásperas como cardas, até escarolá-los convenientemente.

Quando ia lavar o último dos pequenos, o Regedor com dois cabos, aproximou-se arrogante:

- Ouve lá Joaquina, que é do tê filho?
- O mê filho?
- Sim, mulher, deixa de te fazer de novas. O Manel, onde está ele?

- Mas que fez o mê filho, Santo Deus? Ai Nossa Senhora me valha... Diga lá o que é, Sr. Gabriel, que eu já nem stou em mim.
- Ai minhas encomendas... Se calhar não sabes que deu duas facadas no Bogas. Vocês, claro que nunca sabem nada. Mas deixa star que lá na vila logo te dizem.

Joaquina Borralho brandiu os punhos cerrados;

- É mentira! O mê filho não é nenhum desordeiro que eu até às vezes lhe digo que a gente também tem nervos mas ele até é um bom-serás. Já lhe disse, Sr. Gabriel, o mê filho não vai daqui, que isso é uma grande calúnia.

Manuel Borralho, seguido do irmão, veio vindo do quintal para o largo, serenamente,

- Pronto, Sr. Gabriel. Vem-me prender, não é? Pronto... Stou às ordens.
- Ah! mê rico filho. Mas deixa lá star. Na vila é que eu os quero ver e esse reles do Bogas, encostou-se ao Sr. Joãozinho, mas deixa star. Na vila é que eu os quero.

Manuel cortou, rente, a pregação da mãe.

- Cale lá a buzina e meta-se em casa.

A vizinha acudiu à rua. Curiosos. Quem é que ia preso, quem era? Ah! ... o Borralho...

A charanga circulava já pela aldeia, berrando a continuação da festa. E os foguetes estalavam no ar. O pequeno que não fora lavado, escapuliu-se para o quintal, satisfeito de ter escapado ao suplício da esfrega. Quando Manuel ia já a caminho, Maria surgiu com um pequeno embrulho:

- Toma, que nem comeste nada.

Manuel olhou a irmã enternecidamente. Amava-a do coração. Porque Maria o não aborrecia com perguntas e só falava quando era preciso. Ali estava o naco de broa que ela trouxera a correr. Ficou a olhá-la por um instante, mordendo o lábio inferior. Depois reagiu. E disse brusco:

- Gire já pra casa e não se meta onde não é chamada.

Mas ela nem sequer estranhou a repreensão. Porque a gente da baixa não conhece palavras ternas e doces. Não conhece. E fala sempre em termos duros, como se andasse enraivecida com o mundo inteiro. «Gire já para casa». Maria girou. Mas de longe ainda olhou as cordas do pescoço do irmão que balouçava os braços arqueados, num andar pesado e lento.

Agora a vida seria mais difícil. Um mês na cadeira, ninguém o tirava a Manuel.

- Mas, ó ti Chico, como é que você ficou mesmo co'a perna partida? Você não tinha olhos na cara?

Chico Borralho contava dezenas de vezes o desastre da pedreira que o chumbara à tarimba para toda a vida. O desastre que tornava a vida mais difícil, agora que o filho fora preso. O Sr. Joãozinho queria uma casa nova na Quinta que comprara com o dinheiro dos pobres. O Chinola que tem carros de piada chamou-lhe a Quinta das Lágrimas. Era mesmo um nome a matar. Chamou-lhe a Quinta das Lágrimas e ficou chamada assim mesmo e o Sr. Joãozinho ia aos arames com a piada do Chinola. Um Zé Pedro que não tinha eira nem beira, arrematara por dois patacos a obra de pedreiro, porque julgava que o Sr. João se deixava comer. Mas o caderno do contrato explicava tudo vingava-se no pessoal e estava sempre às esporadas, se um homem erguia a cabeça para respirar um pouco. Chico Borralho andava na pedreira da Lavra. Tinham estalado a rocha com três tiros. Depois removeram as pedras. «Eh! Ti Chico, aguente você daí pra a gente desandar de cima». Fincou a agulha, a pedra era leve.

- Ó ...i Ó pedra... Vai boa... Ó...i

A pedra era leve, mas para baixo havia areia movediça e a agulha escorregou. E a pedra escorregou. E aquilo aconteceu assim mesmo. A pedra caiu de lado sobre a canela de Chico Borralho e partiu-a como a um cavaco. Foi assim.

- Mas você não via, pra pôr mesmo a perna por baixo?
- Ele dizia à gente pra andar depressa, que a gente só fazia cera e foi logo de manhã a gente stava com força e a pedra caiu e partiu-me a perna. Aquilo foi assim, a gente nem sabe bem como foi... Eles stavam em cima e eu stava de baixo e a pedra escorregou. Levaram-me pró Hospital e lá os médicos disseram logo que era preciso cortar a perna. Eles perguntaram-me se eu tinha dinheiro e eu disse que não tinha dinheiro, anda lá... Dinheiro... E então eles olharam um pró outro e disseram que tinham de cortar a perna.

Era mais simples. A soldagem do osso levava um tempo bruto, porque era preciso raspar, injetar cálcio, e mais cálcio e Chico Borralho não tinha dinheiro e a Câmara era pobre e tudo o mais assim.

- Mas você não stava no seguro?
- A gente não sabe. Eles disseram que eu é que tive a culpa, que fui pôr mesmo a perna por baixo. E eu não sei, não me lembro, ele stava sempre a dizer que a gente só o que fazia era cera. E foi de manhã... Eu queria era segurar bem a pedra pra ela desandar e então finquei bem os pés mas ódepois escorregou; não sei... A pedra veio sobre mim.

Ficara um orifício no extremo do osso, por onde o pus escorria sempre e sempre. Era preciso desinfetar o buraco e espremer bem, para deitar fora tudo, o médico dissera que aquilo passava. Mas aquilo não passava mais, Maria lavava a ferida do pai que gastava um ror de ligaduras, desinfetantes, algodão todos os dias. E que dava que curasse? Pràli ficava aquele mono comendo suor dos filhos e da mulher. Por isso todos os filhos e a mulher desejavam que Deus o levasse para o seu divino reino e os aliviasse daquele fadário. Sim, eles amavam o pai. Joaquina Borralho ama o marido bem do fundo do coração, porque lutou com ele anos e anos, porque ele lhe pôs no ventre os filhos que tinham. Mas a vida continua e quem é pobre não pode saborear essas coisas do sentimento. Chico Borralho nada pode fazer pela vida. Se fosse sapateiro, se pudesse trabalhar sem a perna... Mas ele é homem da jorna que luta de mangual, de enxada, de foice, de agulha e picareta, e precisa de pernas, de braços, de peito, de tudo o que lhe puseram no corpo. Não há músculo ou órgão que fique à boa-vinda quando um jornaleiro trabalha. Por isso Borralho está inutilizado. E os filhos o sabem e a mulher o sabe. De que serve ter ali aquele trambolho? A vida era má e não consentia luxos. Sim; seria bom ouvir muito tempo, todos os dias, a voz daquele homem que lutara pelos filhos e pela mulher. Seria bom. Mas esse prazer custava muito dinheiro. Por isso a mulher pede a Deus que o leve e os filhos desejam que a ferida se agrave e a perna se desfaça e todo o corpo se gaste bem depressa. Mas a ferida é pequena e o pus continua a escorrer pelo buraco estreito.

- Bem, conta lá isso como foi, que é melhor. Tu sabes que há testemunhas...
- É mentira!

O Sr. Joãozinho, estirado no sofá, balouçava a perna cruzada, enrolava e desenrolava a corrente das chaves no dedo espetado. Pusera no lugar de regedor um homem da sua confiança, porque o Sr. João tem grandes influências na Câmara da Vila. Manuel estava de pé entre os dois cabos. Sabia que ninguém o tinha visto esfaquear o Bogas e por isso aferrava-se a negar o crime.

- Ouve lá, Manuel, (levantou-se e poisou-lhe a mão no ombro) isto é para teu bem. Eu sei o que são essas coisas. Às vezes a gente perde-se da cabeça e faz das suas. Pronto, acabou-se. São horas. A gente sabe o que isso é. Agora tu o que deves é chegar lá e confessar. Pedes perdão, prometes emendar-te e verás que te não sucede mal nenhum.
- Mas, ó Sr. Joãozinho, se eu tivesse tocado com um dedo no Bogas, com um dedo só, stá bem. É como o Sr. Joãozinho diz, às vezes a gente perde-se da cabeça. Mas, ó Sr. Joãozinho eu não toquei com um dedo no Bogas. Eu stive co'ele na do Quintino e depois disse-lhe pra irmos até à fonte que eu queria fazer as minhas necessidades e ele porque torna e porque deixa que queria era mas é dançar. E eu fui sòzinho. Quando cheguei vi aquele borborinho e não sei de mais nada.

O Sr. Joãozinho ficou em silêncio, pensando, depois moveu os ombros irritado.

- Bom, tu não queres confessar, é lá contigo. Na vila te ensinarão. Tu julgas que não há testemunhas, e ele há as que se quiserem. Cinco já se me vieram oferecer. Mas bastam duas ou três.
- Cinco?
- Sim, homem, cinco: e há mais gente que viu.

Manuel Borralho esquecera-se que era possível comprar um cento de testemunhas. Pobre o que quer é comer. Consciência, dignidade: - luxo de gente fina. Pobre o que quer é comer. Se, por jurar falso, Borralho recebesse o salário de um dia, ou menos até, ele não hesitaria em afundar o maior amigo. Com dinheiro é que se come. Os da alta enfeitavam a sua falta de honestidade. Eram desonestos mas o dinheiro cobre tudo. Pobre é coisa reles e não procura enfeitar nada. Por um bocado de pão mata qualquer homem, nem que seja o pai. A questão é ter fome. As testemunhas compravam-se e Manuel esquecera-se disso. Ele poderia também comprar testemunhas se pudesse pagá-las. Mas a aldeia estava nas mãos do Sr.

Joãozinho porque só ele tinha o dinheiro necessário para isso e para muito mais.

Ficou numa loja do Sr. João Teles porque domingo é dia feriado e até segundo-feira Manuel podia fugir.

Maria trouxe-lhe o caldo e um copo de vinho. Mas o Sr. João mandou logo a rapariga embora, porque o preso estava à sua conta.

- Anda lá, pequena, vai-te embora, come tu o jantar, que o teu irmão não precisa.

Falava a sorrir, como a meter a rapariga no coração. Isso tirava a Maria a toda a vontade de recalcitrar.

Manuel sentara-se num caixote de sabão, olhando a luz do sol para lá do postigo engradado. Sentia o estômago vazio, mas quando a criada lhe trouxe de comer, apareceu-lhe um nó na garganta que o não deixava engulir. Mastigo duas rodelas de batata e emborcou o copo de vinho. Depois tirou do bolso do colete um dos cigarros que tinham sobrado da festa, desembrulhou-lhe as pontas e fê-lo rodar entre os lábios para o babujar de cuspo. Raspou um fósforo e meditou com o fumo que ia subindo em novelos. Menos um braço na família. A mãe estava condenada a criar eternamente filhos, a remendar os trapos, a irmã sem rumo, o pai apodrecendo sem apodrecer de uma vez e Manuel Borralho vai para a cadeia. Pelo menos um mês. Para a cadeia. Talvez a irmã se empregue como criada de servir, se bem que os Borralhos tenham fama de ladrões e toda a gente receie metê-los em casa. Os Borralhos são ladrões e nada perdem com isso. Porque se o não fossem, poderiam, sim, gabar-se da sua honestidade «gente séria, pobre, mas honrada», e de que servia? Teriam de roer a ponta de um chavelho bem duro, e com honestidade não se enche barriga. Agora era um braço a menos. Mas há males que vêm por bem e Manuel vai agora ver como a família se arranja sem o esforço do seu braço. Ele precisa de fugir de casa, lutar para si apenas. Cada qual que se arranje. Viver era subir, esmagar os outros, pés fincados com ódio nos que impedissem o caminho. Manuel Borralho não sabe pensar em nada disto. Mas sente que o seu rumo fala crânios esmagados, chicotes zurzindo, músculos retesados no esforço de arrancar para a frente. Se o pai ou a mãe ou a irmã ou qualquer pessoa lhe entravar o caminho, Manuel Borralho esmagará a mãe e o pai e qualquer, porque a vida tem apenas o significado que lhe deram os poderosos. Viver é subir. E se para subir, Manuel Borralho precisar de cravar os pés na mãe ou no pai, ele não hesitará um segundo. Por isso lhe apeteceu já muita vez deitar o pai à ribeira, enterrá-lo vivo, esmigalhar-lhes os cascos, porque o pai não produz nada e só presta para travar a carreira dos filhos e da mulher.

Joaquina Borralho fez uma cena de lágrimas diante do Sr. João. Ele sorriu calmamente, num sorriso dorido.

- Mas se eu não posso fazer nada...
- Ai Sr. Joãozinho que pode ia por alminha de quem lá tem.
- E pronto! Então você não vê que há testemunhas?... O queixoso é o Bogas. Eu não tenho nada com isso.
- Olha o Bogas; o rufiazito reles... Ele tem lá poder pra nada. Se não fosse o Sr. Joãozinho ele não ia dar parte.
- Ó mulher, você está a disparatar. Vá-se lá embora, antes que eu a mande pôr na rua.

Joaquina Borralho parou, fulminada, e pôs os olhos no chão. Rosto negro, carne flácida, riscada a pregas, multiplicadas pelo lenço atado sob o queixo.

- Atão ao menos, deixe-me ir ver o mê filho.

João Teles recuperou a serenidade macia de um trato afável:

- Porque não? Faça favor.

O regedor fez correr a lingueta, deslocou a porta e conservou a mão na chave, de modo que Joaquina Borralho passou sob o braço esboçado do regedor que se sentou depois à entrada da loja.

- Ah! mê rico filho!
- Mau! Se você vem pràí botar lágrima, é melhor ir-se já embora.

Irritava-o o carinho da mãe, porque o obrigava a ele a sofrer mais e mostrava ao Regedor fraqueza no aguentar o peso da má sorte. Gostava era da mãe dura, ralhando com os filhos, lutando com força pela vida. Tudo o mais era luxo. Chorar pra quê? Não adiantava nada. Só moía mais a gente por dentro. Homem pobre não chora.

Joaquina Borralho está de pé, tem os braços cruzados sobre o ventre e os olhos fitos no filho. E o filho está sentado sobre o caixote de sabão, amassando devagar o cabelo nas mãos grossas. Joaquina Borralho está ali para dizer qualquer coisa ao filho que vai para a cadeia, mas não sabe o que dizer e quer chorar e tem vergonha de chorar e quer abraçar aquele rapaz que está sentado e um dia saiu do seu ventre, passados que foram nove meses sobre o amor com o marido que está apodrecendo lentamente na cama que fica em frente da Queimada onde os homens vão fazer as

necessidades e as moscas se multiplicam e os filhos mais velhos dormem no verão para refrescarem. E o regedor está à porta mudando constantemente o cigarro de um canto da boca para o outro. Já desabotoou o colete e pôs o casaco nos ombros e olhou a terra esbraseada sob o metal candente do sol. Joaquina Borralho quer fazer qualquer coisa e não sabe. Se o regedor ali não estivesse, teria abraçado o filho, mesmo contra a vontade dele, ou tê-lo-ia repreendido àsperamente por se ter envolvido em desordem, que uma pessoa deve ser ordeira e tudo mais. Mas assim não sabe o que há de fazer. Trazia no bolso do avental três peras e já se ia esquecendo de as dar ao filho. Mas agora lembrou-se das peras que traz, tira-as uma a uma do bolso do avental, põe-as na mão em concha e vem andando até mais perto do filho para lhe dizer brandamente:

- Toma...

E o filho mordeu muito o lábio inferior e passou as mãos pela cara como se não quisesse ver as peras que estavam ali diante, na mão da mãe como numa fruteira. Mas Joaquina Borralho tornou a dizer:

- Toma, que stão maduras; comprei-as há bocado pra nós e trouxe-te estas pra ti.

Então Manuel Borralho pegou nas peras com uma das mãos, meteu-se no bolso, apesar de sentir uma vontade enorme de as despejar pela porta fora.

- Quer mais alguma coisa?
- Não... A tua irmã também cá quer vir e o João mas eu nem sei...
- Não quero cá ninguém. E vossemecê pode ir andando e escusa de cá tornar outra vez.

O regedor estava sentado à porta olhando o batatal do Sr. João e pensando na pouca sorte que os homens tiveram aquele ano com a lagarta que dera nas batatas e Joaquina Borralho queria sair mas o Regedor continuava pensando.

- A gente não cultiva batata, disse Joaquina Borralho.

De maneira que não precisava preocupar-se com a lagarta. Mas o regedor Gabriel fez-lhe notar que tinha de comprá-la mais cara e Joaquina Borralho concordou. Disse até:

- Vai ser um ano desgraçado.

Porque assim se tornava solidária com a desgraça dos outros e parecia que também cultivava batatas. Gabriel acrescentou:

- E vós agora sem o Manuel... Estes rapazes têm o sangue na guelra. Pró que o diabo lhe havia de dar.
- Isto é uma calúnia, Sr. Gabriel; o mê filho não fez nada.

Mas Gabriel compreende que a Borralho defende o filho porque, se ela o não defendesse, quem havia de defendê-lo? Borralhos são mentirosos, ladrões e assassinos. Se lhes apetecer dizer que pau é pedra e a gente estiver mesmo a ver que é pau, dizem-no e não se atrapalham.

- Pois um mesito de cadeia ninguém lho tira do pêlo.

Vai ser um ano desgraçado. Porque deu a lagarta nas batatas e Manuel vai preso e o homem tem a perna escorrendo pus, sempre escorrendo.

Os sinos badalavam a hora da procissão. E os homens traziam o rosto enfartado de vinho e carne gorda e arrastavam as opas das irmandades que lhes davam alguma importância. Sol requeimando, o buxo e a hera emurchecendo nos arcos derreados de cansaço. Gritos estafados afirmam que a festa ainda não morreu, mas ninguém acredita, porque os homens tiveram a sua hora no arraial e a procissão é para as beatas e para os anjinhos que querem colo logo a meio da volta.

No dia seguinte o homem de rosto estragado, disse com o olho zanaga e os dentes apodrecendo:

- Conte lá você agora.
- Saberá V. Ex.ª que eu estava na taberna e vinha verter águas às árvores quando vejo o Bogas e o Manel a discutirem. O Manel dizia pra irem à fonte e este que não queria ir e atão o Manel, sem mais nem pra quê, anavalhou-o.

Manuel Borralho, sorria balouçando a perna «malandro». Mas já não reagia. As testemunhas tinham sido indústrias e todas diziam o mesmo. Só variavam na explicação da sua presença no local do delito. Manuel Borralho ia-as marcando uma a uma e jurava a si mesmo vingar-se um dia. Estava sentado numa cadeira, rosto fechado, boca cerrada.

- Tens alguma coisa a alegar em tua defesa?

Manuel Borralho não respondeu logo, dando mesmo a impressão de que estranhava a pergunta. Defender-se? De quê? Ele esfaquearam o outro mas ninguém vira. Agora estavam ali aquelas testemunhas a contar tudo por miúdos. Defender-se de quê? Nem ele sabia. Mas arriscou:

- Eu não fiz nada.

O secretário da Câmara que se constituíra em juiz, deu um murro na mesa:

- Então as testemunhas não contaram o que você fez? Hem?

Borralho não respondeu. Esfregou os olhos e esperou. Lá fora Joaquina Borralho esperava também. Um desconhecido interpelou-a:

- O rapaz é-lhe alguma coisa?
- É mê filho.

Brandia a perna, soprava o fumo do cigarro e ia dizendo misteriosamente:

- Aquele cavalheiro armou-se em ditador da comarca.
- Que diz? (Não entendera tanto palavrão).
- Nada. Vocês hão-de ser eternamente uns trouxas. (Sim, trouxas. Agora entendera bem: - trouxas, burros de carga, carneiros).
- Aquele homem não pode julgar ninguém. Estas questões devem correr pelo tribunal. Mas o zanaga armou-se em juiz e prende quem quer, multa quem lhe apetece.
- Mas quer vossemecê dizer que a gente devia ir pró tribunal?
- Eu não quero dizer nada. Vocês não têm dinheiro, vocês não podem nada. Só lhe digo que o Secretário não pode fazer o que tem feito. Ele decide todas as questões. O que quer é dinheiro. Um homem bate noutro ou chama-lhe nomes. O outro vem dar parte dele e o Secretário carrega-lhe com uma multa. Ele não pode fazer isso. Mas se vão para o tribunal gastam mais... Mas ele abusa, porque não tem poder para fazer o que faz.
- Mas a gente podia ir pró tribunal?
- Vocês não têm dinheiro, onde é que querem ir para o tribunal? O queixoso tem testemunhas?
- O mê filho diz que não pode haver testemunhas, que não fez nada. Mas as testemunhas arranjam-se sempre.

O homem acendeu novo cigarro e murmurou apenas:

- Pois é; arranjam-se sempre.

E desandou. Joaquina Borralho não percebeu bem o que o desconhecido dissera. Mas ficou-lhe a ideia de que estavam cometendo uma injustiça com o seu filho. Também entendeu que o dinheiro estava fazendo muita falta, mas isso já ela sabia. O dinheiro fazia sempre muita falta. O Sr. João tinha roubado muita gente, diziam, mas arranjara dinheiro bastante para obrigar os outros a vergarem a espinha. Se ele tivesse roubado um pão, fruta de um pomar, ou qualquer outra coisa miúda, seria um ladrãozito reles. Mas assim não era reles nem ladrãozito. O dinheiro fazia sempre muita falta. O Secretário ergueu-se:

- Tens dinheiro?

Manuel Borralho franziu o sobrolho no esforço de entender o que lhe perguntavam. Depois alisou a testa e lançou um olhar idiota ao homem.

- Se podes pagar, deixas trezentos escudos e dás duzentos ao queixoso.

O olhar idiota de Manuel continuava espalhado sobre o rosto estragado do homem que falava.

- Se não, ficas um mês na cadeia

Borralho não respondeu.

- Queres pagar ou ir para a Cadeia?

Manuel lançou com estranheza:

- Pagar?!

Dois homens pegaram nele e conduziram-no ao calabouço. Joaquina Borralho, quando soube do sucedido, correu para o filho que a repeliu:

- Mas que tinha você aqui que cheirar? Girou.

E o Secretário pensou «Bandido cem por cento. Nem à mãe tem amor. Para estes indivíduos a forca era um grande remédio. Antes mesmo

de cometerem um crime, logo que dessem mostras do que são, - Forca. Oh! Isto assim endireitava-se».

Bogas paga uma rodada às testemunhas.

- Eh! Zé! Ó João! Eh! Gente! Vamos ali molhar a palavra.

Os homens mostravam-se desinteressados pelo vinho, iam dizendo que o Borralho apanhara a mostrada toda e entravam na taberna e sentavam-se pensando intensamente na queijeta e no carrascão.

- Eu fui fino, tu viste ó João? Eu fui fino. Quando ele me prècurou se eu tinha conhecido o Borralho disse-lhe que pela voz que o conheci logo e que ódepois me fui chegando e que vi dar as facadas.
- Deixa lá star que as amargou bem amargas.
- Vá lá agora! Toca a comer. O que lá vai, lá vai.

Bogas sentia-se feliz por ter arrumado o outro na cadeia. Só por isso. Que o favor do Sr. João, nunca poderia modificá-lo, tornando-o amigo. Sim Bogas nunca poderá estimar João Teles. Rico quer é mandar, pôr sempre os pés no bandulho a um homem. Malhara com o Borralho na cadeia, porque Bogas lhe desbravava a Quinta que o Teles estava aformoseando. De manhã à noite, Bogas arrasta o pedregulho, aplaina o terreno, escava, limpa. À noite o patrão dá-lhe palmadinhas nas costas.

- Uma boa alma. A questão é sabê-lo levar. Ele às vezes também diz: por bem qualquer um me monta... Eu até l'achei graça. Mas por mal não há quem o leve.

Todos os homens, todas as mulheres pensaram na desgraçada que ficara sem a courela empenhada para que o marido fosse aos *dollars*; na miséria em que ficara o homem sem eira nem beira que arrematara a obra de pedreiro. Todos pensaram. E sentiram uma vez minhas como seriam bom esfacelar aquele senhor que tinha toda a gente nas mãos e os comprara a eles para arrumar na cadeia os ossos do Borralho. E disseram:

- Ai! Nem há como o Sr. João! Tem matado a fome a muita gente.

Sim, tinha morto a fome a muita gente. João Teles era o procurador de uns condes ou marqueses que possuíam na aldeia largos talhões de terra fértil, que eram divididos depois em pequenas courelas onde os homens semeiam o feijão e plantavam a batata. Pagavam por isso um número fixo de alqueires. Às vezes a magra colheita dava para a despesa, mas muitas

vezes ficava aquém. Naquele ano, por exemplo. Uma praga de lagartas ia lurando os batatais. E as mulheres faziam promessas à Virgem, ou ao Senhor do Calvário, de tamanha devoção na freguesia, o único Senhor que tinha culto com missa cantada, dança e fogo artifício. Mas a lagarta continuava a obra a destruição. Ninguém, todavia, largava o arrendamento, porque a vida então seria bem pior.

Metiam-se empenhos para a obtenção das courelas. Um naco de terra dava sempre alguma coisa. Porque o homem de jorna, se bem que de corpo moído por trabalho, aguenta sempre mais trabalho. E a courela exigia apenas isso. Trabalho, sim, o pobre pode dá-lo. Dinheiro é que não tem. Durante o dia o homem de jorna arranca do seu suor as moedas que hão-de pagar os alqueires do arrendamento. Mas depois de dar o dia, ele fossa ainda na courela que só lhe pede suor. Que não pede dinheiro. E trabalho, o homem de jorna pode dá-lo sempre e sempre, mais trabalho, músculos afrouxando no desgaste contínuo, membros trémulos, mas no inverno a fome, e então os homens retesam os músculos e não se importam que o suor esguiche no esforço e lutam mais e lutam sempre. Passam as estrelas no céu e a lua nada em sonho e os grilos fantásticos, tecem músicas estranhas. Mas os homens têm os olhos no chão e dizem às mulheres que cheguem mais a laterna para que a água penetre bem nos pèseiros que hão-de matar a fome no inverno longo. Se a noite é de lua cheia, então a lua é boa, porque não deixa que os homens gastem azeite com a laterna que mostra o caminho da água das regas. Por isso os homens de jorna estranham que os veraneantes da aldeia gabem a lua ou as estrelas só porque são bonitas. E digam: Que paz! Que beleza! Os homens de jorna ficam satisfeitos porque têm uma lua bonita e uma paz invejável. Os ricos veraneantes o dizem. Sim, a lua deve ser bonita. Mas os jornaleiros não sabem porquê. Os da cidade invejam-lhes a sorte, dizendo que a vida da aldeia é sã, bons ares, só as águas, que riqueza e este sossego, que linda noite, a gente na cidade nunca repara nas estrelas, que beleza! E os homens de jorna ficam contentes ao saberem-se donos de uma felicidade imprevista. Só não entendem essa ventura.

Os Borralhos não conseguiram nunca uma courela para cultivar, porque são madraços incorrigíveis incapazes de trabalhar como convém, segundo dizia João Teles de Amorim.

Joaquina Borralho veio pensando desde a Vila que a Maria devia ir servir. Em casa não era precisa, porque os pequenos lá se iam criando e se fosse servir sempre comia de graça. Agora vinham as ceifas depois a tira das batatas, depois semeavam-se os pastos e depois vinha a fome do inverno. Mas não valia a pena pensar nisso. Agora vinham as ceifas, o João era moço trabalhador, a Maria talvez arranjasse casa e o Tonho, que tinha sete anos talvez pudesse também já trabalhar, nem que ganhasse metade da jorna de

uma mulher. Joaquina Borralho veio pensando. Manuel ficara na cadeia, o marido estava apodrecendo e em casa os pequenos tinham sempre fome que até Joaquina Borralho lhes dizia: toma até te luzir a pele, mas a pele nunca luzia nem podia luzir. O Chinola, que era, como se sabe, homem de muita piada, contava histórias engraçadíssimas a propósito da fome dos Borralhos. Contava que a mãe, a Joaquina, quando os filhos lhes pediam pão diante de estranhos, dizia assim por entre os dentes:

- Se me dizes que tens fome, racho-te de meio a meio.

E que então perguntava em voz alta:

- Queres pão, queres pão? Mas tu terás fome, depois de teres comido tanto?
- Nã Senhora...
- Atão vai prá cama que estás como um órgão.

Acontecia também - o Chinola contava - que o Borralho pai prometia dois tostões aos garotos, se eles não quisessem jantar. Então os garotos pensavam logo nos rebuçados que iriam comprar à loja com os dois tostões. Mas no dia seguinte Borralho pai dizia:

- Se hoje querendes jantar, tendes de dar dois tostões.

E os garotos nem jantavam nem chupavam rebuçados, mas o Chinola é que inventava estas histórias, de sorte que os outros homens diziam:

- Se calhar, tu é que fazes assim e ódepois, dizes que são os outros.

Porque era manifesta a miséria do Chinola, um homem alto e vergado, que andara na guerra e era campeão no jogo da malha que lhe garantia quase todos os dias dois ou três meios na do Quintino.

Joaquina Borralho, quando chegou a casa disse que vinha morta de calor.

Sentou-se na arca, despertou o lenço do queixo e respirou fundo. Fora, a terra fumegava sob o sol. Ar parado, silêncio opresso na tortura do estorreiro. Portas fechadas, janelas fechadas à luz crua do dia, chapa de zinco ao rubro. Zangarreio de cigarras roendo os ouvidos. Joaquina Borralho disse que vinha morta de calor e respirava ofegante, erguendo e baixando a massa dos seios. Do seu corpo suado desprendia-se um odor fétido que se caldeava com o cheiro dos percevejos, do monturo da

Queimada. Nuvens de moscas invadiam a casa, sugando, teimosamente, o esterco dos moradores. Maria veio, toda enfarruscada, de esfregão apunhado:

- Atão?

A mãe olhou-a em silêncio. Depois respondeu com a mesma pergunta da filha:

- Atão? Já se esperava.

Os garotos rodearam a mãe, puxando-lhe pela saia, lamuriando:

- Mãe! Não nos trouxe nada?

Porque era possível que tivesse trazido alguma coisa. Joaquina Borralho não respondia. Queria explicar à filha o caso por miúdos:

- ... E apareceu-me um homem que eu não sei quem fosse e, disse-me que se a gente...
- Mãe, atão não trouxe nada?
- Eu queria a folha pró papagaio...
- Tamém não me trouxe o livro pra ir prá escola...
- ... se não fosse pobre, que o caso havia de ir pró Tribunal. Mas a gente...
- Mãe, diga lá, ande, não trouxe?...

Joaquina Borralho irritada virou-se para os garotos e descarregou:

- Truxe uma pouca de trampa prá tua cara.

Falou depressa e com força, de modo que os pequenos, desandaram, desfazendo o colar que tinham formado à volta da mãe.

- Mas a gente não tem nada... Lá ficou preso.

Os garotos vieram para a rua e sentaram-se à magra sombra das casas, brincando com a terra. Estavam tristes porque nenhum conseguia realizar os sonhos que tecia. O papagaio... Via-o bem, à noite, quando os olhos fechavam para o sono. Roubara uma cana que servia de estaca num feijoal, rachara-a pelo meio e cruzara as duas partes aparadas nas pontas. Durante o dia de festa, o garoto não descansara, farejando os canudos dos

foguetes para lhes desenrolar o fio que havia de formar um novelo, um novelo bem grande de forma que o papagaio, lançado da estrada nova, no alto de serra, pudesse pairar sobre a aldeia. Não podia fazer uma ideia exata do comprimento do fio, mas parecia-lhe que o novelo volumoso tinha guita para isso e para muito mais. Faltava o papel de seda, porque era comprado com dois tostões e a mãe não dá meio tostão sequer. O pau estava preso na cama, mandou pedir um jornal para fazer ele o papagaio ao pequeno. Talhou o papel com cuidado, colou-lhe as dobras com batata cozida, deu-se até ao luxo de vedar as canas com tiras. O garoto ficou radiante e todos os pequenos o invejaram. Mas o papagaio não teve alma de subir, devido ao peso. Era preciso correr, correr sempre para que o vento o aguentasse no ar. Nunca o garoto poderia sentar-se còmodamente ao ribeiro, segurando a guita do papagaio, pregando no céu. Nem, sequer, podia gozar a beleza do papagaio no ar, porque, olhando para trás, corria o risco de tropeçar no caminho, como, de fato, uma vez aconteceu. Um dia o papagaio de jornal ficou dependurado nos fios do telefone, e passada uma semana já tinha as canas à mostra. Agora o pequeno sonhava com um papagaio, a sério, de papel de seda. Mas o papel comprava-se e a mãe não havia modos de querer dar dois tostões.

O outro irmão, não queria um papagaio, queria só, só, um livro da primeira que tinha cores tão bonitas e ensinava muita coisa; e para se ser alguém, para se ler um jornal ou escrever uma carta era preciso ir para a escola e ter um livro e um caderno e uma pedra, e uma caneta... Tanta coisa. Uma fortuna. Mas não havia dinheiro e a mãe dizia que os pequenos não podiam andar na escola porque depois quem havia de ir ao mato? E buscar água? O professor afirmava que a Caixa pagava ao pequeno os cadernos e lápis mas que não dava livros que era uma despesa e tanto, infelizmente não dava livros, mas que se havia de fazer? Dizia assim e atirava um braço com a manga da camisa arregaçada, enxada ao ombro porque o professor tinha um rebanho de filhos e depois das aulas cultivava umas sortes do tal conde ou marquês de quem o Joãozinho era procurador. Que se havia de fazer? Ele tinha pena que o garoto ficasse como os irmãos, sem saber ler nem escrever, mas a Caixa não dava livros.

- Olha... Espera! Passa lá por casa, que talvez se arranje.

Arranjava-se, na verdade, mas Joaquina Borralho era muitíssimo estúpida e teimava que o filho não iria para a escola, porque não tinha que vestir e era uma vergonha ir para lá fazer uma figura de urso com o rabo de fora, além de que teria de lavá-lo todos os dias não ir cheio de côdeas e sobretudo precisava dele porque às vezes o irmão não estava em casa e se uma pessoa dissesse,

- Tonho vai ao mato! Nem Tonho, nem Jaquim e depois quem ia ao mato? Também a pequenita mais nova que só tinha oito meses dava um trabalho e o Joaquim e o António tinham de guardá-la, não a deixar ficar debaixo de algum carro, que Joaquina Borralho tem muita vida e não arranja tempo para cuidar da menina. Agora no verão era um castigo com os garotos, porque vinham desafiá-los para irem nadar e eles deixavam a irmãzita ao deus-dará.
- Eh! Jaquim! Vamos nadar!

Estava um calor de rachar e a mãe ia aos arames por deixarem a menina e correrem o risco de ficarem afogados. Eles olhavam, não viam ninguém e fugiam para a ribeira. A pequena ficava a berrar, mas depois lá se calava entretida a meter terra na boca, excrementos secos de animais, um pauzinho que encontrasse à mão ou qualquer outra coisa, enfim. Às vezes não a deixavam bem à sombra, ou então era ela que se arrastava para o sol e ali ficava a torrar de modo que os cabelos tinham o toque áspero de palhas espetadas.

Os garotos chafurdavam na água suja de sabão que as mulheres deixavam da lavagem da roupa. Havia uma poça de água mais limpa, mas essa era para os homens que os enxotavam sempre, para andarem à vontade chafurdando nus, peludos e grandes, roçando o coiro com grossas lajes a fim de ficarem integralmente escarolados. Vinham para o poço da Azenha que ficava quase dentro da freguesia, desnudavam-se e as mulheres clamavam que aquilo era uma indecência e que o regedor devia meter aqueles garotos na cadeia a ver se tomavam emenda.

Chafurdavam na água suja e depois secavam ao sol. Para que ficassem depressa enxutos, batiam nas costas e no peito com a camisa desfraldada e diziam «enxuga-te velha que eu te enxugarei».

Depois voltavam a casa e apanhavam uma sova. Mas isso pouco importava, porque logo depois da magra ceia pegavam no arco de pipa e do «guiador» e corriam pela aldeia ou jogavam às escondidas ou iam para o balcão do Quintino ouvir o que diziam os homens. Às vezes os homens diziam coisas que os garotos não deviam ouvir. E tornavam a enxotá-los, mas eles voltavam sempre.

Nessa tarde Joaquina Borralho viu parar ao ribeiro um carro luxuoso. Correu logo para lá pressentindo que aquela gente ia precisar dos seus serviços, olhando em volta, cioso de que outro garoto lhe viesse roubar o lugar. Um homem de calça cinzenta e sapato preto e branco destrancou a portinhola, lançou preguiçosamente as pernas à estrada, rodando no assento e foi sondar o motor. Joaquina Borralho pôs-se também junto do motor à espera que o interrogassem sobre qualquer coisa. Sabia que as suas informações seriam pagas e isso era bom. O homem da calça cinzenta

desaparafusou uma peça examinou-a com atenção, bufou por um tubo e veio dizer para dentro do carro que o carburador estava realmente entupido.

- É preciso alguma coisa?

Joaquim Borralho falou. Estava ali há uma vida à espera de serviço, mas o homem da calça cinzenta não despegava do moto. É preciso alguma coisa? Não é preciso nada. Estava-se mesmo a ver. Água? Bolachas para as meninas que haviam de estar com fome? Hem? Não será preciso mesmo nada?

- Tu sabes se vendem aí gasolina?
- Vendem sim senhor: Ali o Quintã
- Onde é que mora o Quintã?
- É ali detrás daquela rua. A gente vai por aqui, ódepois mete pra cima... Eu vou lá. Deixe ver a lata. Canudo! Cinco tostanicos! Como ginjas...
- Vamos lá ver do Quintã. Toma lá a lata.

Trouxeram gasolina. Verteram-na no depósito. O de calça cinzenta voltou ao motor, submeteu-o a mais uma inspeção e parecia não querer arrancar dali. Esses cinco tostões! Estão a arrefecer...

Finalmente o motorista baixou a capot, sentou-se ao volante (essa coroinha, canudo) e pôs o motor em marcha. Joaquim estava a arder. Seguia todos os movimentos do homem guiando-lhe, com os olhos as mãos às algibeiras.

- Atão não me dá nada?

Favas, que estava a ser demais! Quem quer bestas paga-as. O homem bateu com a mão na testa, vasculhou o porta-moedas e perguntou para trás se não havia ali cinco tostões trocados.

Moedas, nova, novinha em folha, branca, reluzente, que até era uma pena não valer mais que as outras já forradas de sebo. O carro arrancou erguendo nuvens de pó. Agora Joaquim Borralho podia comprar o papel de seda para o papagaio. Assobiou de contente, mirando de novo a moeda, fazendo-a rodar na estrada, namorando a cara da República e os algarismos da outra banda. Apetecia-lhe comprar logo ali o papel. Mas tinha pena de rachar a moeda tão depressa. Ná... Tinha tempo, ao outro dia. Foi para casa satisfeito, segurando no bolso os cinco tostões, não fosse a mãe namorá-los para pão. Sentou-se à porta e sempre que apanhava a mãe de costas, sacava

da algibeira a moeda branca para mirá-la uma vez mais. Até que a mãe lhe caçou o jogo.

- Quem t'os deu?

Veio para junto dele, muito mansa, mão sapuda correndo-lhe as repas do cabelo. O pequeno já sabia que aquilo trazia água no bico. Enterrou bem as mãos nos bolsos e embezerrado, trombudo.

- Quem t'os deu, mê filho?
- Achei-os.
- E pra que é que tu os queres?
- Lá vem você já com cantigas. Olhe que não são pra si, não.
- Atão pois pra quem são? São pra ti? Quem é que te dá de comer? Se me cá fazes perder o juízo, embarro-te já a ti e aos cinco tostões...
- Quero um papagaio, pronto...
- Pra que é que quer você o papagaio? Pró engalhar outra vez nos fios?
- Quero um papagaio, quero, quero...

Fincava os dedos na palma da mão, com a fúria do desespero. Joaquina Borralho tentou uma vez mais levar o caso a bem:

- Anda, mê filho, deixa-os ver, que eu prá semana que vem dou-tos. Empresta-mos só.
- Não, que você ódepois não mos dá.
- Dou, dou, mê filho.
- Não quero.

Joaquina Borralho perdeu a paciência. Agarrou no pequeno que se lhe dependurava do braço, abanou-o com destreza e apanhou-lhe a mão aferrada ao tesoiro. O garoto espinoteava, rouco de tanto berrar, defendendo, dedo por dedo, a moeda branca, reluzente, que até era uma pena valer tanto como as forradas de sebo. Joaquina Borralho via-se embaraçada para despegar os dedos do filho soldados intimamente à moeda. Se despegava um, logo o outro aderia e naquele jogo estava a perder-se um tempo infinito. Agarrou do abano e deu com o cabo pancadas nos nós dos dedos do filho. Ele urrou e sacudiu a moeda que rebrilhou no chão negro. Joaquina Borralho não terá ainda o papel de seda para o papagaio. E que pena não poder sentar-se, à tarde, segurando-o do ribeiro, ou até mesmo à noite, depois de lhe ter prendido um balão na ponta do rabo. Até mesmo à noite...

À noite a lagarta saía da terra e vinha roer as folhas verdes dos batatais. Então os homens e as mulheres largavam para as courelas, de balde suspenso, para colherem a lagarta. Bichos moles, esbranquiçados que encolhiam e afastaram os aneis no andar. Os homens vinham roídos do trabalho e rogavam pragas à lagarta, as mulheres levantavam alarido, e as devotas garantiam que ali andava o castigo de Deus. A água gorgolejava no rego longo, a lua andava pelo céu e os homens acocoravam-se raivosos, junto dos pèseiros de modo que as lanternas espalhadas pelas courelas, e a lua, e a frescura da noite, e as águas palrando, faziam sorrir de delícia aqueles senhores que vinham passar o verão à aldeia. Que engraçado! E o povo amontoava-se, nunca se vira uma coisa assim e as mulheres mostravam os caldeiros com o fundo coalhado de bichos e colhiam as lágrimas no avental negro.

- Vai ser um ano de fome.

Então os homens sentiam no lombo o peso das medidas a pagar e o cansaço dos músculos roídos de trabalho e o vazio deixado no estômago pela côdea negra e pelo fundo do caldo. Por isso caíam desesperados...

- Ano de fome!

...sobre os batatais, agarravam nas lagartas com ganas de esborrachá-las entre as mãos calosas, descarregavam-nas com fúria nos caldeiros e os bichos lá ficavam encolhendo e distendendo os aneis. E a lua branca despejava ondas magoadas pelos recantos negros da aldeia, a água cantarolava, e os meninos fraldários corriam as ruas de gritos frescos, as mulheres confrontavam os seus caldeiros com os das outras para averiguarem da colheita e os veraneantes de perna a oscilar, sopravam o fumo do cigarro pacífico. O noitibó não fez ouvir a sua canção pingada no alto da árvore minada pela urina dos homens, que até o presidente da junta se enfurecia todo com o mau cheiro que tão mal impressionava as gentes de fora e mandara afixar uma tabuleta com os dizeres «é proivido ourinar, multa 20$00» mas os homens urinavam sempre e sempre. E a noite ia correndo e no outro dia era preciso que os homens se esbagoassem em suor e a colheita tinha por isso de acabar cedo. João Borralho não tinha courela para cuidar da lagarta e então ajudava os outros, porque se não tinha courela tinha braços e os amigos são para as ocasiões. Espiolhava miùdamente os pèseiros do professor que era um homem de posição mas ganhava pouco dinheiro e tinha uma ninhada de filhos que andavam pelas ruas descalços, com a camisa de fora, jogando o *coque-mi-rela* com os filhos dos filhos dos desgraçados. Parecia que o professor não era professor,

porque tinha as mãos calosas do rabo da enxada e entrava na taberna mas não bebia com a mania de que o vinho estragava um homem por dentro. A mulher do professor parecia pessoa fina e, talvez por isso, não viera recolher no caldeiro a lagarta branca de roscas. António Borralho é que suspendia o caldeiro e catava escrupulosamente os pèseiros desde o caule até às folhas. O professor dizia coisas que se não entendiam:

- A miséria. Desequilíbrio social...

Dizia assim coisas e cruzava os braços olhando as lanternas que picaram o escuro, enquanto Manuel Borralho, na caldeia, espreitava a lua pelo gradeamento da janela e coçava as pernas, os braços, o peito e jurava a si mesmo que havia de estoirar o Bogas quando tivesse ocasião, esse filho da mãe.

A noite ia avançando e os homens recolheram-se cheios de raiva e quando o sono os tombou, os seus olhos alegraram-se de terror porque viam lagartas enormes roendo-lhes os dedos dos pés, e o Sr. Joãozinho, sentado, assistindo à medição dos alqueires. Mas o sono acabava depressa porque as mulheres parecia que não dormiam e ficavam ali à espreita de que os homens pregassem olho para logo os acordarem, apresentando-lhes o fundo do caldo verde e o naco de broa. Joaquina Borralho ia estendendo as cobertas à porta de casa e ao ar livre, ia contando os filhos como gado e só faltava o João. Os grilos cantavam estrìdulamente, o ar era espesso, as estrelas, em grupos, corriam pelo céu, e o marido de perna cortada e purulenta reclamava o conchego de Joaquina Borralho que não queria mais filhos, nem por mais uma, mas ele chorava:

- Stá práqui um homem com'a um cão...

E Joaquina Borralho tinha pena dele, mas era um castigo porque o homem não se podia mexer e os filhos ouviam tudo, embora já não estranhassem, que aquilo era velho. Só no inverno, quando dormiam empilhados, os irmãos mais crescidos se torturavam ao perceberem a vida conjugal dos pais e daí não admirava que vissem na mãe apenas uma fêmea e se enraivecessem com aquele viver tão miserável e tão sem remédio. Viam a mãe constantemente de ventre redondo e por fim habitaram-se. Ela produzia filhos com extrema facilidade e cada ano deitava um para a rua, atascando-o logo do esterco do chão, pregando-lhe logo carbúnculos das moscas imundas que habitavam no monturo em frente onde toda a vizinhança ia fazer os despejos. Quase todos os filhos tinham a cara malhada das cicatrizes dos carbúnculos. Havia perto um barbeiro que os queimava com uma pedra branca. Mas a pedra branca roía, roía e deixava a

cara numa lástima. A gente de mais posses ia à vila ao médico e o médico deixava só um cicatriz pequenina que não afeiava nada a cara. Alguns nem queimaram o carbúnculos e tomavam injeções e tudo passava. Mas os Borralhos iam ao barbeiro. Um dos mais novos tinha até um olho arregalado, porque o mal fora mesmo cravar-se na pálpebra. Os garotos, quando o queriam ofender, chamavam-lhe assim mesmo «olhos arregalado» e ele ofenda-se de verdade. Às vezes ia queixar-se à mãe:

- Olhe aquele chamou-me olho arregalado.

A mãe virava-se para o ofensor e descarregava:

- Olho arregalado tem-lo tu no..., meu estepor!

E para o filho:

- Porque é que lhe não rachas os cornos? Não sei pra que tendes a habilidade.

Depois virava-se para os afazeres caseiros e esquecia-se de tudo.
João veio tarde, porque ainda se demorara no balcão do taberneiro em conversa pegada com os outros homens:

- Pra quem andas tu agora?
- Pró Sr. Julio.
- Já começastes a tira nas Tapadas?
- Inda não...

Vozes dispersas, vozes no ar, homens cansados, e a noite correndo. A noite correndo e os corpos impregnados do calor do dia, desprendido da curva zincada do céu. Amolentos, mazorras, os homens iam-se despegando do balcão, derreados ao peso do cansaço da jorna.

- Boa noite!

«Vai um calor dos infernos, nem de noite a gente sossega» e Chico Borralho abafava entaipado na casa estreita todo o dia, pensando cada vez mais na porca da vida, vício que nunca tivera esse de pensar e de se pôr para ali a remoer, a remoer.

- Jaquina!
- Stá quieto e calado, homem, que os pequenos ouvem.

Maria Borralho tinha de ir servir quando o inverno chegasse. Porém agora andava no campo e sempre ia ganhando mais alguma coisa.

- João, levanta-te!

Nem era preciso chamarem-no. Ainda o sol andava longe, ainda os ricos dormiam a sono pleno, já o João estava a pé.

- Rica manhã! Que frescura!

Os veraneantes também se levantavam cedo. Às vezes. E gozavam, deliciados, a claridade macia da madrugada. Parecia uma troça. João queria era ficar na cama a descansar os músculos que só à força de vinho endureciam. Para ficarem depois mais cansados e frouxos.

- Rica manhã!

Manuel Borralho espreita-a pela janela quadriculada. E pensa. Pensa na vida dos seus, pensa. Pensa na vida de escravos, vida inútil, vida sem esperança. Como havia ela de querê-lo? Como? Ela que era bela entre as mulheres, e o dilacerava a ele, fugindo, fugindo sempre?

- Canta, Maria! Canta!

Maria do Termo erguia o rosto jovial e pela regueira cavada entre as montanhas fazia rolar a sua voz plena e sã. Fazia rolar a sua voz pelos milheirais verdes e o canto alastrava pela planície aberta e alagava o céu.

- Canta, Maria!

Os homens sonhavam e os veraneantes ficavam-se pasmados no alto do penedo repassados daquela alegria forte que inundava o ar. Maria do Termo cantava mais e mais, corpo fresco de virgem, dentes brancos reluzindo ao sol. Vida em fogo no sangue vermelho esguichando das faces tostadas. Olhos rindo, dentes brancos na boca úmida, rosto vibrante. Voz forte e clara como sinos de cristal reboando na amplidão. Seus braços eram vigorosos, pernas firmessuas nos quadris ágeis e ondeantes. Seu abraço de amor seria ardente e fogoso, tortura sôfrega de beijos escaldantes. Seios túmidos, rompendo a blusa, coxas arrebentando a saia apertada, vida em fogo, rica e ampla, de sangue a borbulhar, de sangue em brasa...

- Maria, canta!

Pela trincheira cavada na montanha ondas rolavam aos gorgolões, levando os homens e as coisas, abalando a terra e o céu.

Manuel Borralho tem os olhos para lá da montanha que retalha o céu longínquo. E lembra a voz de Maria do Termo, o seu riso estalado. Tantas vezes pusera nos olhos dela o seu olhar suplicante, tantas vezes lhe fizera sentir que o seu peito era forte e que a vida o não vergava fàcilmente. Mas ela nunca lhe alimentara uma esperança, talvez porque tinha a mãe velha e doente e não podia, por então, pensar em mais nada. Manuel Borralho dá volta ao miolo para achar uma solução. E sempre lhe parece que tudo é impossível porque ele é dos Borralhos, gente acanalhada, a raça mais reles da freguesia. Jura então que nunca mais olhará para a cara dela. Porém Maria do Termo é bela como não há e Manuel Borralho enfraquece quando a vê.

- Maria!
- Hã!
- Tu sabes que gosto de ti. Se quisesses...A gente punha uma casita, levava a tua mãe prò pé de nós... Maria!
- Não e não! Vós dizeis sempre o mesmo e ódepois, se levava a minha mãe, tu eras até capaz de a tratar mal.
- Juro-te por esta que não! Tu verias! Eu só queria que tu me aceitasses...
- Já te disse. Enquanto a minha mãe for viva, escusas de me bater à porta.

A mãe era viva e doente. Passava o dia em casa a arranjar o comer para filha, ou então acocorava-se à porta olhando nos campos verdes, nos montes e céu, a vida que fora sua. Tivera aquela filha de um patrão qualquer. Na aldeia pouca gente sabia quem lhe dera aquela filha. Vergada ao peso da vergonha, abalara por esse mundo de Deus com a criança e a trouxa, e só voltara muito tarde encordoada de gelhas. Hoje não sentia vergonha nenhuma da filha e achava que fizera bem em submeter-se ao patrão. Ele era um cão lúbrico, sempre repassado de um apetite violento. A tia Ana foi dele todas as vezes que ele quis. Até que o seu ventre se empolou e a tia Ana fugiu por esse mundo de Deus. Mas hoje não sente vergonha do que fez, porque tem à sua beira aquela filha que tanto lhe quer. O Manuel Borralho rabeava à volta dela sem ver que Maria do Termo não era para os seus dentes. Era velha e doente, queixava-se do reumatismo e contava história de outros tempos, voz pausada, olhos pequeninos e sem brilho. Magra, escavada, tinha só a armação das ripas. Queixo e nariz, só nariz e queixo e as canas dos braços para apontar: - Foi além... Além era uma coisa vaga para lá das hortas frescas, dos milheirais verdes, das casas caiadas, para

lá, porque tudo se mudou e a ti Ana já não é a rapariga roliça e fecunda estorcendo-se no apertão vigoroso do outro. A noite era longa, Ana dormia nas águas-furtadas e ele veio de olhos incendiados, tateando no escuro.

- Se me toca, eu grito.

Carregou sobre ela com o peso do seu desejo e o mundo desfez-se e Ana não tinha voz para gritar. Tinha só o prazer amargo de se ver derrotada com o seu corpo belo estragado e aquele homem enorme ali ao pé resfolegando como toiro. Depois... E para quê «depois», se as estradas se abriram e as pedras cresceram e o corpo morreu? Longos caminhos, gentes estranhas, poeira e sol e chuva e a menina gemendo na trouxa, os cavalos correndo, as árvores recuando e tudo era novo. Só a amargura ia envelhecendo e um dia perdeu o significado porque a menina crescia, os vestidos iam ficando curtos, mas os patrões gostavam da criança e tudo se fora passando. Velha e doente, mas a menina é mulher, boca cheia de riso, voz quente, membros fortes e uma esperança aberta.

- Foi além.

Os garotos formavam roda e decoravam o sítio onde tudo aquilo acontecera. Tudo aquilo que ela contava em sons escoadas pela boca sem dentes.

- Isso é que era, ó ti Ana! Só queria viver nesse tempo.

Só queria viver nesse tempo, porque era forte e bela e tinha o corpo nascido para a alegria. Mas depois tudo morreu, e a gente anda para aqui a pensar em coisas que passaram e andaram, não vale a pena, fica-se mais triste. Porém a menina é mulher e essa mulher vai continuar aqueloutra que o homem-toiro matou. E tudo será belo porque os caminhos e o sol e a chuva e tudo isso que a gente sofreu já não tem significado e só a minha filha vive e é linda. Mas às vezes tem modos de falar que fico mesmo desconsolada. Ora, não importa, ela tem uma vida como nenhuma e a poeira e o sol e a chuva, tudo isso morreu.

- Lá está vossemecê com as suas histórias.
- Atão, mulher, as crianças gostam e eu para entreter...

Invadia a casa escura com o seu nervo inquieto e remexia a panela, punha mais uma cavaca e ia roendo uma côdea de pão. Os garotos alçavam mas antes de alçarem a ti Ana engrolava o resto da história ou então dizia

que ficava para outra vez e levantava-se da soleira da porta, sumindo-se lá para dentro como para um túmulo.

Sentavam-se em bancos rasteiros, quer dizer, a velha sentava-se no chão dobrada em duas com os joelhos espetados junto da boca equilibrando neles a tijela.

Maria do Termo despejava várias tijelas de caldo com pão migado, comia uma azeitona para desenfastiar e pronto, mãos à vida, lavar a loiça, um pouco de fresco no balcão e de trela com as vizinhas. Um dia e outro, um dia e outro e o sol descaindo para as bandas da serra, o ar amarelo e o vento de vez em quando, em lufadas agudas de navalha. O inverno vinha aí já e Joaquina Borralho teima na sua que o pequeno não pode ir para a escola, porque não tem que vestir e essa coisa de aprender a ler era um luxo como qualquer outro. Ela não sabia ler e sempre se governara, enfim, não lá muito bem, mas isso não tinha importância. Num desses dias Manuel Borralho entrou pela casa dentro, quando todos estavam a comer e disse:

- Deite lá também um fundo de caldo!

E a mãe abriu muito a boca e ia correr para ele de braços abertos, mas conteve-se e admirou apenas:

- E não disseste que vinhas.
- Olhe lá a perca. Deite lá o caldo.

Todos o olharam como a um deus e o pai, lá de dentro, também disse qualquer coisa para se perceber que ele estava em casa, estirado na cama, ele e a perna. Cada qual perguntou o que muito bem lhe apeteceu, só a Maria é que não e Manuel percebeu que a irmã o estimava talvez mais do que todos os outros. Palavras para quê? Eh! Aquilo era assim mesmo, ele estava ali com um mês de cadeia, os ossos moídos, que é que tinham mais que saber? Estava ali e pronto. Dessem-lhe o caldo e não chateasse com perguntas. Quando tudo acalmou, Tonho tornou à sua:

- Deixe-me ir prà escola.
- Se me tornas a falar na escola, dou-te um murro que te arrebento.

E Joaquin voltou à porta a limpar das tigelas os restos da comida. Manuel Borralho olhou o irmão e pensou que a mãe era estúpida, que o saber ler era uma boa coisa. A gente nasce com a enxada nas unhas e nunca pode levantar cabeça, que um homem sem instrução é pràqui um carneiro.

- Mas tu não vês que ele nem tem que vestir? E a gente...

- Vai assim mesmo...
- ...tamém não tem dinheiro pròs livros e cadernos e òdepois eles partem tudo...

Mas o professor entendeu que o pequeno devia ir e foi. A mãe repetiu todos os argumentos do princípio para o fim e às avessas. Porém o professor era teimoso e não compreendia que os garotos eram precisos em casa e essa coisa da escola eles depois esqueceu tudo e ficam na mesma.

- Você manda o rapaz e acabou-se

Nesse manhã Joaquina Borralho levantou-se em sobressalto. Ia ter um filho na escola e isso ultrapassava tudo o que houvesse de mais extraordinário. Pegou no filho, submeteu-o a uma lavagem bem escarolada, espremeu-lhe bem o nariz ao avental, deu ainda, uma vez mais, uma vista de olhos pela cabeça do garoto, e remeteu-o ao professor.

O professor espreitou-o por cima dos óculos, disse *schiu* aos alunos, afagou o cabelo molhado do garoto e encravou-o num dos bancos da primeira. A sala era larga e branca, bem janelada, com vistas para a Serra e o cemitério, mapas nas paredes e um zum-zum de abelhas continuamente no ar. B, a ba; três vezes dois, seis; o Tejo nasce na Serra de Albarracim e os óculos do professor, bem agudos, vigiando. António Borralho embezerrou para aquilo tudo, na calça rachada e fato de serrobeco. A mãe espremeu-lhe o nariz, mas o nariz estava agora de novo a incomodar.

- Vamos lá a contas... pst, caluda lá ao fundo (onde?)... Dá tu aí ditado aos da segunda (este ano foi uma desgraça com a batata, 600 mil réis, como é que se há-de viver? Três vezes três, nove; três vezes quatro, doze...) vamos lá nós às contas.

Sentou-se numa cadeira baixa, trouxe um saco de bugalhos e esparralhou-os no chão. Depois foi-os separando, agrupou-os, tornou a separá-los, e os miúdos iam aprendendo a soma, a subtração e toda a aldeia era repassada de uma doce ternura no calor morno do sol, na claridade frouxa, diluída e mansa. O professor dobrava-se para os bugalhos, despedia *shius* sem levantar os olhos e os garotos acocorados em roda, iam tirando dos bugalhos o mistério da contagem. Depois no livro grande, bem aberto, António aprendeu o feitio do A que queria dizer *alhos*, porque lá estavam os alhos bem à vista de qualquer um. Depois vinha o E das *éguas*, éguas bonitas, bem feitas, mas não admirava porque não eram feitas à mão e o I da *igreja* com uma torre e um sino. Também quiseram pôr uma torre na igreja da aldeia mas depois disseram que o campanário ficava ao pé da

ribeira, era larga e abatida e tinha algumas pedras gastas porque as mulheres iam lá aguçar as facas para miragem o caldo, que até o prior disse que por aquele andar as paredes vinham um dia por ali abaixo.

António quer também ir à igreja aprender a doutrina conveniente, para comungar como os outros, mas Joaquina Borralho foi sempre casmurra nesse ponto e o pequeno para ali andava como qualquer animal, diziam as beatas, sem saber nada de doutrina, nem ao menos o sinal da cruz que era coisa bem fácil de aprender.

O professor puxou então do gordo relógio que amarrava ao cinto das calças com uma fita preta, e disse «podem sair». Era a ordem de descarregar os tampos das carteiras, arrastar os bancos e despedir em correrias pela porta fora. Os garotos obedeceram em algazarra tumultuosa e Antónia teve de esperar que os outros saíssem, mordendo a boina para entreter. Mas o professor enlaçou-o carinhoso e perguntou:

- Então tu tens assim vontade de aprender?
- Tenho sim, senhor professor.
- A tua mão não te comprou a pedra e o livro?
- Nada não. («Olha que ao sr. professor não se diz *não*; é *nada não*»).

Então o professor tirou da gaveta um livro, um lápis, um caderno e uma pedra.

- Agora vê lá se estragas isso!

Os olhos do garoto reluziram com um brilho redondo de regalo. Pegou na oferta com carinho e pensou logo em proteger o livro com uma capa de jornal. Poisou tudo no banco e correu para casa penetrado de uma alegria de triunfo. Quis contar logo à mãe o caso por miúdos, mas ela não dava atenção nenhuma, porque o Manuel se pegara a conversar sobre coisas que não tinham nada que ver com o livro e o lápis e a pedra.

- Então vão todos abaixo?
- Pois vão. Diz que é para alargarem as ruas.

Os balcões iam todos abaixo porque a aldeia ficava muito mais bonita, com um ar lavado de dias festivos e o Sr. Joãozinho podia levar o carro até à Quinta das Lágrimas. O Presidente da Junta achou muitíssimo bem e pensou que dessa vez ia despachar os monos que lhe ficavam eternamente na loja.

- Claro, homem, isso nem se pergunta. Todos os que andarem no trabalho, gastam da sua loja.
- Eu, é como diz o outro; mas enfim, se a gente lhes dá trabalho, eles devem gastar de lá.
- Claríssimo.

E então correu pela aldeia um susto com os melhoramentos públicos. Pelas ruas ia passar um rasoiro que nivelava as paredes, descolando os balcões. Mas os jornaleiros pensaram que o inverno ia ser menos mau e formavam-se partidos, «os balcões devem ir abaixo», «qual abaixo? o das Lágrimas quer mas é ir de carro para a quinta», «você ainda se cose com esse modo de falar» mas se era verdade... coisa que saltava aos olhos. Olhos parados na névoa baça, nas árvores nuas, no abandono desolador da aldeia deserta, das casas desertas, desertas e frias, que os caminhos estavam agora impedidos. Balcões abaixo e o Sr. Joãozinho é que mandava; por isso Borralho tem de ver-se se encaixa e não se mete em bulhas com o Bogas, que havia um dia de pagá-las, esse pulha. Mas isso lá mais para diante.

E se o inverno não era mau, Manuel pode sondar de novo Maria do Termo que é linda entre as mulheres e tem um corpo firme e esbelto, rosto alegre de uma alegria vermelha.

- Adeus, Maria!
- Então já vieste?

Cântaro à cabeça, quadris meneando-se em movimentos de cobra.

- Já. Ficou-me para emenda, que aquilo inda custa a roer, mas ele não queria dizer isso. Todavia era preciso que Manuel fosse um homem às direitas como convém.
- Tu nunca mais tomas juízo.

E oh! Aquilo dito assim pela boca encarnada de Maria do Termo, vergava Borralho a uma promessa decisiva.

- Não tomo? Vais ver. Quero me casar e a gente assim não faz vida nenhuma.

Não fazia vida nenhuma, por mais que tentasse, Maria do Termo o pensa, que ela bem sabe onde Borralho quer chegar. Mas Manuel teimava porque tudo se queria bem explicado e a noite ia caindo, numa escuridão grossa.

- Boas tardes.
- Venha com Deus!
- ... se tu quisesses, Maria, que eu até nem sei que te diga que gosto de ti a valer e agora vou ter travalho.

Maria, a vida é tua, porque tens no teu corpo todos os caminhos, a conquista de um sol que se não apaga, a certeza dos mil sonhos apetecidos, fogo e sangue, mar vivo de ondas sempre renovadas e Manuel Borralho chumbou-se à negra sorte do lombo sujo, dos calos grossos da miséria.

- E ainda não perdeste a mania? Olha que tu...
- Nem que eu viva cem anos, Maria.

Nem que eu viva cem anos, o teu corpo sairá do meu corpo e dos meus músculos, do meu desejo violento, e deste amor que eu te não sei dizer e me faz andar tão triste.

- Pois nem que vivas mil e adeus que se faz tarde.
- Talvez um dia te arrependas e podes ter a certeza que...

Oh! Ele seja um cão se qualquer filho daquela a desejar. Maria é dele, só dele. Ele a criou para si nas horas duras do trabalho, nas horas do abandono.

- De quê?
- ... De nada. Se tu quisesses, agora co'os balcões tu e eu juntávamos algum dinh...
- Adeus minhas encomendas!

Vergados, acocorados, iam extirpando das ruas o calcetamento envelhecido. Outros, de maço e guilho, gretavam o lagedo que alastrava nalguns largos *a ... ap, a... ap* e Chico Borralho vai pensando sobre a perna purulenta, que se não estivesse colado à cama, poderia agora ajudar a família, ganhar para um copito na venda, que Joaquina agarra-se aos tostões com uma avareza incrível e raro dá um pinga a uma pessoa. E um homem sem vinho não é homem nem é nada. Passam-se dias e dias sem o provar e agora que tanto precisava de esquecer a porca da vida que lhe dava volta ao miolo.

- Você a vida que faz é comer!

Hoje é que o Manuel me pode deitar isto na cara, mas que hei-de fazer? só se der um tiro nos miolos mas nem pistola tenho. Estou pràqui como um cão à espera da mastiga e a gente cansa-se e cansa-se, mas que adianta? Eles têm razão porque trabalham para mim, e não há forma de isto mudar, porque o buraco da perna nunca mais fecha, e se fechasse? ficava na mesma, que eu não podia trabalhar. De verão é o calor, morre um homem abafado, de inverno o vento mete-se por aqui dentro e é como se estivesse na rua e depois? Só se comprasse uma corda pra me dependurar, mas nem isso, que eu não posso chegar ao teto. Também tenho pena dos mais pequenos, queria vê-los criados e depois sim, podia morrer, Os outros o que queriam era ver-me na cova, mas têm razão, eu só lhes estou a fazer carrego, que possa! Mas ao menos estão criados, trabalham e os balcões foi uma boa coisa para o inverno.

Foram uma boa coisa, porque agora, o Presidente da Junta que ficou na loja com uns monos, pode vender a traquitana que para lá tem arrumada aos homens que cavam as calçadas e põem brita nova nas ruas e esborralham os balcões tão feios a atravancar as quelhas, por onde o carro do Sr. Joãozinho não pode passar para a Quinta baptizada das Lágrimas pelo Chinola que é um homem de muita piada e chorou às escondidas quando escangalhou o balcão da sua casa, às escondidas pra ninguém ver, porque diante dos outros fez graça e afirmou que os filhos se iam treinar para bombeiros voluntários por subirem por uma escada de madeira.

Mas Manuel Borralho não tem que chorar porque o balcão dele não atravanca o caminho ao carro do Sr. João e pode ganhar algum dinheiro durante o inverno chuvoso, de aguaceiros massudos que tombam ao peso de ventos bem soprados. E Maria do Termo, de gamela à cabeça, vai e vem, vai e vem, despejando as pedras acarretadas da ribeira, ela e outras mulheres em fila indiana.

- Um...ump! Um...ump!

Manuel Borralho lança o peso da maça no guilho espetado que o João segura. E a pedra vai cedendo, vai rachando em lascas que depois se esborralham em cascalho, enquanto as árvores se vão despindo juncando o chão de folhas secas que voejam em rodopio ao sopro do vento. Bogas vigia e dá ordens:

- Vocês passam para aqui. Ajuda tu aí à pedra.
- Então eles não podem sòzinhos?
- É pràqui e deixa-te de música; primeiro deita-se o balcão abaixo e depois racha-se a pedra.

Mas o Presidente da Junta escangalha as ordens do Bogas muitas vezes e Manuel Borralho pensa que o Presidente da Junta manda mais. Porém Bogas manda alguma coisa e Manuel Borralho podia também valer alguma coisa, mas como, se ele era ladrão, ladrãozito reles, dos Borralhos sem eira nem beira? Fosse agora e eu te dizia, minha Joaquina de um raio que nunca me mandaste aprender uma letra e me deixaste pràqui um burro. Ainda tu não querias deixar ir o António para a escola.

De que valia?

Sentado no degrau da Escola, o filho do Presidente bate as mandíbulas manducando regalado a merenda que a criada trouxera. Pão e queijo, queijo e pão tão bom, oh! Deve ser bom de verdade e António por mais que se esforce não consegue despregar os olhos do quarto de trigo que o menino come. Corria pelo pátio, jogava o *salto-em-vão*, mas os olhos estavam pregados no queijo que devia ser bom de verdade. Deixou a brincadeira e veio trombudo com o dedo na boca, enquanto o outro pequeno mastigava *schloc schloc* fazendo grande barulheira com os queixos, olhos soberanos contornando o pátio.

- Oh! Tamém já comi pão e queijo uma vez...
- Comeste nada... Stás aí ògado parece que nunca viste...
- Eu nem gosto de queijo, anda lá... Mas já comi, e foi no casamento da Correlhas, que até a minha mãe lá foi... Vê?
- Querias era ver se eu te dava.
- Oh! Eu nem gosto...

Um filho do Carapinha ouviu a conversa e veio de mansinho com os seus punhos rijos até junto dos dois. Olhou em roda e apeteceu-lhe pregar uma partida ao do Presidente que manducava o pão e queijo. Passou-lhe a mão pelos caracóis muito bem encanudados e o menino resmungou. Carapinha não estava para mais esperas e quando o menino levava à boca o quarto de trigo, apertou-lhe o pulso com força e fez-lhe largar o pão. E enquanto o garoto choramingava, Carapinha e Borralho mastigaram num recanto do pátio os restos da merenda.

Veio a mãe do menino, veio o pai e disseram ao professor que meia dúzia de palmatoadas, que meia hora de joelhos para aqueles galegos esfomeados que parecia nunca terem provado pão e mais isto e mais aquilo, com várias suspensões para tomarem fôlego, pai e mãe, enquanto o menino, guardado por ambos, entalado entre os dois, olhava em desforra aqueles comilões esgalgado que lhe tinham papado o pão e o queijo. O professor abanava a cabeça e os óculos de aro branco e dizia que sim senhores, coisas de garotos, mas que fossem descansados («são uns

miseráveis, Sr. professor, não deixarem a criança comer descansada a merendinha») e pensava... «São uns miseráveis...»

- Andai cá! Conta lá tu.

Carapinha contou, sem medo do rosto pregueado do professor, enquanto da rua subia o martelar do maço *a...ap! a...ap!* E os homens aqueciam com o esforço musculado dos seus corpos talhados a cinzel, o sol esmorecia na luz mansa que o canto de Maria do Termo regava de frescura.

- Ele stava a comer e o Tonho tamém queria e ele não lhe dava e eu atão fiz-lhe largar o quarto de trigo...

Não tinha mais que ver. O outro estava-se a regalar e a cozer o Borralho. Carapinha chateou-se e rapou-lhe o bocado que comia.

- Mas isso não se faz. O pão era dele e tu cometeste um roubo.
- Ó Sr. Professor, o Tonho tamém queria e ele não lhe dava...

O Professor dividiu ao meio a conta das palmatoadas e bateu três vezes a férula nas mãos dos garotos em preguiça condoída. Apesar disso, aquela alma de velho torturado através de uma longa vida, sentiu uma amargura sem fim percorrer-lhe os nervos combalidos. E teve vontade de chorar. Mal saíam do ventre das mães, aqueles meninos sentiam logo a desgraça da sua sorte de abandonados, roídos pela fome, castigados por ele professor, porque o trigo e o queijo eram do filho do Presidente. Mal saíam do ventre das mães, aqueles meninos decoravam logo a revolta e ódio que havia de dar à sua vida um significado útil. Mas António Borralho sentiu-se ainda hesitante e não sabia se devia odiar, porque a mãe lhe descarregou, à noite, uma sova mestre.

- Seu ògado reles! Parece que nunca viu pão e queijo...

Só o Manuel gozou e riu e perguntou:

- E o Carapinha não lhe arreou?
- Ná... Só l'apertou o pulso.
- Era dar-lhe pra baixo.
- Tamém tu? (a mãe). Anda, ensina-lhe, que é prò senhor professor dar por bem empregado o dinheiro que gastou co'os livros.
- Eh!... Cantigas!

O Professor ficou em silêncio, fronte entalada nas mãos regadas de cordoveias, óculos dançaricando na ponta do nariz em ar de meditação e Carapinha aproveitou o ensejo para ultimar um negócio que trazia entre mãos com um vizinho:

- Dou-te dois bolsos...
- Ná! Dás três bolsos de castanhas, três maçãs e tens a navalha

Custava-lhe a valer desfazer-se da naifa, uma naifa de estimação. Palavra de honra. Canudo! Achara-a num giestal roída de ferrugem com a folha pequena quebrada. Limpara-a, afiara-a, pusera-lhe um cabo de buxo e tudo por três bolsos de castanhas, com um raio...

- Dou dois bolsos.

E António meditava com o professor. Tinha a cara vermelha de vergonha, os colegas olhavam-no sorrindo de gozo, porque ele era um «ògado» que nunca provara pão e queijo, nem muitos dos outros o tinham provado, mas por isso mesmo estavam contentes. Era uma desforra do prazer que António Borralho experimentara ao manducar o queijo saboroso. Eles não eram «ògados» que era coisa bem vergonhosa por descobrir fomes e misérias que a gente passa, e um homem deve ter ares gordos de quem anda empanturrado de queijo e pão e presunto e de todas as coisas boas com que os ricos se regalam. Tinha a cara vermelha de vergonha e o zum-zum das abelhas-mestras ia crescendo, avolumando-se, rolando em nevoeiro, pela sala de aula, enquanto o professor meditava longamente de cabeça mergulhada nas mãos ressequidas, com regos de gelhas, como coiros em torresmo. De repente sacudiu-se, atirou um *schiu* automático e disse «vamos às contas». Os da 3.ª vieram em bicha zangarreando *rom-rons* que roíam os ouvidos e o professor deu um murro na mesa:

- Pouco barulho!

Porque estava irritado de verdade. A moinha do nevoeiro viera rolando da serra e afogava agora a aldeia, enquanto os homens arremangados aplainavam as ruas descolando os balcões e Maria do Termo despejava gamelas sobre gamelas de voz represa, que o céu era triste e sombrio.

- Escreve: dois mil trezentos e setenta e nove a dividir por quatro.

Formara-se, à roda da pedra grande, um colar de meninos de pescoço bem espichando para a frente, no esforço da atenção que a conta exigia, e em volta, no frio húmido que escorria das fendas, um marulhar de tabuada, corografia.

- Sr. Professor, dá licença de lá ir fora?

(Urinava-se logo em baixo num recanto) um marulhar de corografia e ciências naturais, a linha do Norte vai de Lisboa ao Porto, *b a ba*, (*schiu*) na rua, carroças martelando num chocalhar de ferragens destrambelhadas.

- Sr. Professor, dá licença de lá ir fora?
- Não sabias para onde vinhas? Quem vai para o mar prepara-se em terra.

Mas os garotos não ligavam nenhuma e continuavam a pedir:

- Sr. Professor dá licença de lá ir fora?

E todo aquele enxame de crianças era seu, todas estavam entregues à sua guarda. Tinham almas de cera onde ele ia gravando os primeiros sulco não bem os primeiros talvez, porque a vida se encarregava de riscar outros sulcos, bem mais fundos logo ao nascer. Queria ser bom, ter muito dinheiro, fazer dos meninos gente de bem, ensinar-lhes o caminho seguro da vida, torná-los fortes para luta que iriam travar desde pequenos. Por isso se esquecia às vezes de que eram crianças e lhes falava de coisas estranhas que os meninos achavam disparatadas e lhes rasgavam gargalhadas surdas, mas ele não se importava com isso. Era bom, era, ou queria sê-lo, ensinar-lhes a verdade, preveni-los contra a mentira do mundo em que um homem é tudo menos o que é, e mente a si e aos outros, e quer que os outros mintam, embora saibam da mentira, e brincam com coisas sérias, e são religiosos por tradição, não acreditando na religião, e dizem *viva, morra* sem saberem porquê ou sem explicarem porquê, e tudo o mais assim. Mas logo de pequenos fogem das suas mãos e ele vê-os correr às cegas por um mundo infame.

- Em 23 quantas vezes há 4, há 5; 5 vezes 4, 20, para 23, 3; e abaixam-se o 7.
- Qual o resto?
- Três.
- Sim três.

Parou, olhando estranhamente os pequenos que sorriam. Tinha os olhos bem abertos, o queixo caído e pelas cordas do rosto passava um ar de desalento que as crianças achavam de idiota. Ele olhava os garotos, ele olhava o mundo, o mundo também fora dividido. Sòmente nessa divisão...

O professor tinha a cabeça entalada entre as mãos encordoadas e o colar dos garotos em volta da pedra agitava-se nervoso, o tipo estava pior. Então um mais espigado chegou-se-lhe à beira e perguntou forte:

- Não fazemos mais contas, Sr. Professor?
- Hã? Claro que fazemos. Não, não fazemos. Vamos lá a ver os da 4.ª Problemas...

Catarro, fez uma careta de enjoo e entrelaçou os dedos das mãos:

- Um trabalhador ganha seis escudos por dia. A mercearia leva-lhe um terço: a padaria um quatro; e se ao fim do mês o sapateiro, o alfaiate e o carvoeiro lhe levarem quatro quintos do que resta, com quanto fica? Eh! Eh! Aí é que eu os quero ver.

Um canudo. Aquilo não era problema que se desse.

- Anda Carapinha. Anda Carrelhas. Vá... (É o vais...).

E os dias iam passando.

De um a um os balcões esborralhavam-se como torrões esfarelados e os canais das ruas bem limpos, de calçada batida, tomavam um ar escarolado e franco.

Ó...i, ó...vai e a cantilena de pedras movidas, de lajes estraçalhadas ia-se escoando pelos ouvidos do Chico Borralho de perna purulenta, quebrada na pedreira lá em baixo quando ele era homem que prestasse, ia-se escoando e derramava-se-lhe na alma onde coagulava. O ar era baço, a janela fosca e Chico Borralho pensava fundamente ao ponto de a mulher lhe dizer que ficava maluco.

- Mais valera...

Mais valera isso que estar pràli apodrecendo e o filho sabia-o bem. Manuel Borralho tem um corpo duro rasgado de veios de aço, mas a vida entalou-o em problemas como penedos; era o pai que estava a um canto a sugar tostões, para o raio que o parta, as coisas são assim mesmo, quem não tem que fazer que rebente, olha a espiga, para ali a papar sem fazer nada e ainda por cima borrava de pus uma peça de pano cru, mas a Maria é que

tinha de pagar as favas. Também aquele filho da mãe do Bogas precisava de uma lição mas era um canudo, um homem tem de comer e depois a Maria do Termo que era bela e forte, moía-lhe o juízo como é que se há-de viver? Tudo se junta. Mas o Bogas...

Vinha então no fim da aula e entretinha-se a conversar com o Presidente que o olhava de esguelha.

- Ora viva lá o Sr. Professor. Então bem?

Falava lentamente a abanar-se todo, tinha um *tic* nervoso, seria do álcool? O professor correspondeu:

- Boa tarde. Então a coisa vai...

Ia ali na ponta da unha. Uma plaina colossal, bem fincada na parede, alisava as ruas de um lado e do outro.

- Mas olhe lá, ó Sr. Cassiano (Cassiano Vaz da Cunha Melo e Costa, que tinha sempre reservada uma vara do pálio, a da frente, da direita, absolutamente monárquico escoado na sua pureza dos tempos do Sr. D. Miguel (mão no peito, cabeça derrubada) através das porcarias constitucionais: presidente da Junta). Mas olhe lá, ó Sr. Cassiano, eu acho que as ruas deviam ficar como estavam.
- Oh! Oh! Essa agora... Eu já vi tudo; temos mais uma das suas.

Tinha realmente das dele, o professor.

- Deviam ficar na mesma ou vocês deviam compor o que estragaram.

Barreiro vinha da caça, parou e deu também a sua opinião:

- Tem razão o Sr. Professor. As ruas deviam ficar tal qual estavam. Eu sempre disse ao Sr. Cassiano isso mesmo. Ora veja o Sr. Professor uma aldeia sem balcões. Daqui a pouco estou a ver que põem carros elétricos.

O Presidente via-se apertado.

- O Sr. é da mesma força-
- Mas que força? Pois fique sabendo que é assim mesmo, Uma aldeia, para ser bem uma aldeia, deve ter balcões, fraldas estendidas nas paredes, estrume nas ruas e porcos a fossar...

- Porcos?
- Sim, porcos, e então? Porcos mesmo. Porcos a fossar aí pelas ruas, no estrume.

O professor riu da blague e depois de satisfeito chamou à razão o Barreiro que tinha ideias lírico-democráticas, dava esmolas aparatosas e talvez viesse a ter busto.

- Não, que diabo. Está bem que limpem as ruas, mas os desgraçados sem os balcões nem podem entrar em casa. O Sr. Cassiano já viu o Chinola e a família a subirem a escada?
- Um momento...: - Ó tu; além! Então que conversa é essa? Vamos lá! Mãos nessa pedra. Essa brita está grossa; é rachar mais isso. (Voltava-se para o professor): - é que o senhor não imagina; estes cavalheiros, se os largo, pregam-na logo. O Estado deu só 12 contos, para a gente pôr o resto. Mas a gente faz a coisa pelos doze.
- Por doze? Como é isso? - quis saber o Barreiro.
- Por doze, mais onça menos arroba. Paga-se a cinco aos homens e a dois e quinhentos às mulheres. É pegar ou largar, mas agora não há assim trabalho. Foi até o Joãozinho Teles que...

Barreiro interrompeu vivamente:

- Isso é que é uma mula. Isso?... Isso é um patifão! Quer carinho até à porta. Deixa passar! Deixa arrotar, que eu quero, posso e mando. O patife...
- Pois foi ele, isto aqui entre nós, eu até achei pouco e disse coisa e tal, bem entendido que a gente fazendo a coisa pelo barato... Mas é pouco, realmente é pouco.

Barreiro explodiu:

- Isso é infame. Os desgradaçados deixam ali a pele e não entram em casa. O Sr. já viu o Chinola?

Já tinha visto. Até achara graça. Mas, enfim, são coisas que depois se arranjam. Pois achara graça, sim senhor. Por acaso o filho do Presidente...

- ... que tem coisas levadas da breca. Lá está para Lisboa (anda-me com maça, homem, estás aí a olhar pra quê?). Ainda ontem lhe mandei um vale de um conto de reis. Gasta-me a fortuna aquele filho. Bom;

isto é modo de falar. Mas gasta-me um dinheirão. Enfim... Sempre vai tirando o curso. E com boas notas.

- Está em Engenharia não é?
- Sim, de fato... Ele ainda pensou nisso. Mas não tinha queda. Depois um professor tomou-o de ponta... Parece que coisas de política, porque eu, os senhores sabem, tenho cá as minhas ideias bem firmes. E ele também. De formas que... (Ó Borralho! É só tirarem-te a vista de cima, homem...) de formas que foi para Lógicas ou Zoológicas, qualquer coisa assim e mais coisas, que aquilo tem que se lhe diga. Bem vê, mais coisas, que aquilo tem que se lhe diga. Bem vê, eu sou pràqui um ignorante, bem entendido, ignorante não é tanto assim, mas é claro, não sei lá bem como são aqueles estudos.

Por acaso o filho do Presidente achara um larachão ao Chinola & Família subindo o escadote, rira a perder.

- ... que até eu lhe disse: - ó homem! que riso esse! - correra a casa pela máquina fotográfica...
- Tínhamos tirado umas fotografias aos pequenos e havia uma chapa; uma ou duas...

... e chamou o Chinola:

- Ó Chinola agora ia um copo, hein?
- Eu cá, é como o outro que diz, venha ele (largou logo o rabo da picareta que lhe fazia uns calos e tanto e cuspinhou nas mãos).

Meteu-o na taberna, despejou-lhe meio-quartilho no bucho.

- Mas agora você vai fazer-me uma coisa.
- Diga.
- Você vai tirar o retrato.
- Ah! Ah! Atão assim? Não senhora. Ora agora um homem tirar o retrato todo roto.
- Qual roto, homem? Você tira assim mesmo, mas não é aqui. Você sobe para a escada da sua casa, Ih! Ih! Ih!
- Mau. Já não stou a perceber nada.
- Você sobe até ao cimo, depois, a sua mulher, ih! Ih! Ih!...

Chinola começava a estar cozido por dentro.

- ... depois os filhos a começar no mais velho, todos na escada... Vai ficar uma coisa engraçadíssima.

Não senhor. Chinola era para ali um safardana, mas lá fazerem de um homem gato-sapato, também não. Tenha lá paciência, mas isso é que não...

- Ninguém está a fazer pouco de você, Chinola. Eu ri-me cá por coisas... Mas nada que fosse com você.

E saíram da taberna, martelando a discussão à porta, até que o Presidente interveio e disse «Chinola! Vá! Agarra lá na picareta e derrete-me essa laje», mas o Chinola explicou:

- Atão aqui o menino... Ele tem cada uma.

E o menino esclareceu. Cassiano Vaz da Cunha etc. levou o caso a rir e disse a Chinola que sim senhor, chamasse a mulher e enfileirasse os garotos para tirarem o retrato. Chinola riu então como quem acha tudo engraçado, riu a perder («é comàs galinhas a entrarem no postigo») riu a perder e sentiu um rancor ferrado na alma com unhas de ferro em gancho raspando.

- A fotografia ficou mesmo boa, até mandámos tirar uma ampliação. Eh! Eh! Aquele meu rapaz tem coisas mesmo de... Mas esperto. Afinado... Pois já tinha visto a família do Chinola a subir a escada, sim senhor.
- E o senhor acha graça... Sim... Aquilo é realmente engraçado. E se lhe fizessem o mesmo a você?
- A mim?
- Sim, ao senhor. O senhor vive na sua casa, tem o seu palácio; mas se vivesse num cortelho...
- Senhor Professor. Quem o avisa bem lhe quer. O senhor dá muito à língua.

Barreira sentiu o terreno movediço e alçou. Tinha medo do Presidente que possuía um maço de rótulos políticos com cola e tudo, era só cuspir-lhe, para os estampar na testa de qualquer um: - «democrático», «anarquista», «comunista».

- O senhor e este Barreiro, puxam para o lado de lá...

O professor ficou pálido de cólera. Não suportava que o incluíssem fosse em que partido fosse; porque ele não tinha partido, tinha apenas cabeça, dizê-lo de uma fação, pensava, era limitá-lo, coagindo-o implicitamente a aceitar tudo o que essa fação quisesse. Para que ele seguisse um partido, seria necessário acreditar na sua perfeição e os homens não os julgava perfeitos. Político sincero é só aquele que se contenta com a perfeição relativa. Isto pensava ele e por isso garantiu:

- Dou-lhe a minha palavra de honra que não tenho partido algum. E é bom mudarmos de assunto.

Voltaram aos balcões:

- E essa questão com o Garnelho?
- Oh!... O Garnelho julga que por ter meia dúzia de patacos arrasa o mundo.
- Mas a questão vai avante?
- Eu não sei, nem quero saber. Ele disse que processou a Câmara, que o balcão não podia ir abaixo, que tinha embargado a obra... E que adianta? Nós temos a proteção do Estado, ele é parvo em estar a gastar dinheiro. Fia-se nas cantigas do Barreirro, que furava pelo Direito Civil como toupeira, metera nos cascos ao Garnelho que a Câmara apanhava uma escaldadela e o Garnelho ia derretendo os cobres que ganhara lá no Brasil arrombado ao banco de carpinteiro, que burro.

Que burro, dizia o Presidente.

- Mas aqui não há nada que barre o caminho: - é balcões abaixo e vai mesmo tudo abaixo.

Ia tudo abaixo, as casas ficavam com um ar rapado de caras sem bigode e Manuel Borralho amealhar uns patacos, mas qual quê? Tinha de gastar na loja do Cassiano Vaz etc. e era uma espiga, o pai derretia, a mãe escorria-lhe a teta, e Maria do Termo... oh! Ela não o queria, para quê um homem pensar em juntar dinheiro? Mas ao menos o Bogas havia de pagar o que fizera.

- Ele julga que eu que me esqueço e eu seja negro se mas não pagar.
- Tu és burro... deixa-te de te meteres em mais escrencas. Tu é que ficas travalhado.

Os homens emborcavam copos e ouviam Manuel Borralho que era um teso, mas de que valia? O outro estava na mó de cima, e mesmo essas coisas passavam porque tinham de passar, mas aquele Bogas precisava realmente de uma ensinadela.

Foi o professor que lhe disse depois «homem, tu porta-te com juízo e deixa-te de desordens; ele já lá tem a sua conta» e o Borralho garantiu que não tocaria no Bogas nem com um dedo.

Era chuva e vento, chuva e vento *vu...u...u*, santo Deus! Parecia o fim do mundo, a aldeia vazia, os olhos das casas pegados, a serra negra subindo, subindo sempre, e uma tristeza sem fim rolada lá do alto pela serra pedregosa, pelas ruas sombrias carregadas de aguaceiro e agora Chico Borralho, entaipado no buraco, pensa como nunca na sua triste sorte. Os filhos, a mulher, a filha, os filhos grandes e pequenos encambulhavam-se na sala térrea, a trovoada tombara em cheio e aquilo assim há quinze dias. Joaquina Borralho vai pedir à D. Estefânia umas folhinhas de caldo...

- Na aldeia ninguém morre de fome, há sempre almas caridosas.

... vai pedir umas folhinhas de caldo e a D. Estefânia acrescenta a sua virtude dando também uma pinga de azeite ou coisa que o valha.

- Sr.ª Estefânia, agora a senhora precisa de uma criada e a minha Maria dava-lhe jeito.

Era menos uma boca, mas também quem ajudava depois à vida de casa? Joaquina Borralho andava grávida outra vez, isso não importava muito, ela já deitava os filhos a este mundo quase sem dar por isso, mas enfim, sempre era um castigo.

A Sr.ª Estefânia esmiuçou escrupulosamente o problema. Maria era dos Borralhos ladrõezitos, e não ia à missa nem se confessava, mas talvez até reconduzisse aquela ovelha perdida ao rebanho do Senhor, deixá-la vir. O padre disse que sim, que era uma obra e tanto.

D. Estefânia falava muito, muito depressa, atropelando as palavras, descarregado um sermão comprido como um comboio de mercadorias sem tomar fôlego.

- Ela é uma ladra, não tem temor de Deus, aquela gente não tem temor de Deus, mas eu preciso de uma criada, e sempre poderei converter aquela alma, se V. Reverência não achasse mal, que eu agora preciso de criada, a mana está doente, a tia volta e não volta também vai à cama, aquilo já é da idade, eu tenho de ir vê-la, não posso estar sempre em casa...

Cala-te para aí com um raio que te parta, pensou Joaquina Borralho que a ouvira à porta da rua com Maria que estava embrulhada num chale roto e tinha a boca pregada, os olhos pregados e largos e longos e um ódio refinado no peito, mas porque odiava ela? Viera com a mãe, rua fora, a mãe bambolear a massa das carnes flácidas, grande e grande, para cá e para lá, como um elefante que a mãe era uma mulher e tanto.

Quando Maria Borralho ficou só em frente de D. Estefânia que era miudinha como um fuso, teve medo ou coisa parecida, mas não se lembrou da sua casa, do soalho empapado de sebo e água e mau cheiro.

- Tu estás é muito porca, ih! (D. Estefânia encorilhou o seu rostinho de víbora). Vai já à Joana... Ó Joana!
- Minha senhora.
- Faça lavar a rapariga, dê-lhe aquele vestido azul e ponha-lhe um avental branco.

Logo os meninos vieram mirar a criada nova e descarregar muitas perguntas, mas a Maria mal falava.

- Parece que não tens língua.

Ela era assim calada, que é que queriam? Era assim calada, não tinha vontade de falar, e mesmo para que há-de a gente falar?

A casa era rica, o Sr. Castro era um grande da terra, tinha propriedades e mais propriedades e uma reforma de capitão tarimbeiro. Olha que fartura de batatas! E os potes de azeite e os celeiros, tudo a abarrotar... Tanta grandeza, duas criadas, se eu pudesse levar alguma coisa à minha mãe. Só duas batatitas, um caneco de azeite, duas cebolas, e a noite foi caindo mansamente enrolada em nevoeiro alvadio como fumo, as casas meditavam longamente no silêncio fundo da serra enorme. A terra negra escorria aguaceiro, a ribeira gorgolava e do alto do campanário badaladas amplas alongavam-se na planície. Chinola vergava com um molho de caruma, serra abaixo, com os olhos injetados do esforço, rosto seco, de barba espetada como ouriço. As obras dos balcões tinham sido interrompidas mas eu não sou burro nenhum, que eu bem sei porque é que a coisa parou. Aqueles tipos queriam que doze contos chegasse para as ruas, para o telhado da igreja, para o muro do cemitério, para o raio. A gente agora é que se amola, fiquei bombeiro a subir de escada, o inverno está aí e é uma espiga muito grande. Vinha descendo aos trambolhões, poisava o molho, agora ia mas era uma pinga. Foi quando lá de baixo do Termo uma voz clara como a água da fonte rompeu num triunfo e Chinola se sentou

puxando da pirisca negra fumaças de sonho. Maria do Termo! Se eu fosse rapaz novo... Maria do Termo!

Neste escoar da tarde o teu canto aquece a gente, tira a gente da tristeza, põe a gente na tristeza... Canta! Sim, cantava agora como nunca porque a vida ia vergar para um rumo de ventura. Ia haver um concurso de ranchos em Lisboa e o Dr. Soeiro procurou-a:

- Queres tu vir cantar no nosso rancho?
- Eu senhor doutor? Ai...

E a mãe olhou, com os olhos piscos, aquela figura grande de doutor, aquele rosto esbigodaçado de doutor, que dizia:

- Queres tu vir cantar no nosso rancho?

E sentou-se na arca, a velhinha tinha o rabito poisado no chão, dobrada como um metro articulado e lavrava as repas do cabelo com os galhos dos dedos. Disse:

- Ele não, senhor doutor. A minha filha não sai dò pé de mim.

Não, não! Minha filha... Tu não vais, que eu sei bem o que te vai acontecer. Tu não vais. Oh... Minha filha, eu já sei o que é o mundo e sofri e parti por essas terras de Deus contigo, gentes novas, caminhos novos e eu não sabia o que me havia de acontecer, não.

O carro na rua faiscava, os garotos riscavam com o dedo palavrões no pó, tocavam a buzina (quietos garotos!) fugiam, tornavam a vir, as mulheres embasbacavam para a casinha da ti Ana, porque o Dr. Soeiro estava lá. Ora o Dr. Soeiro era homem de muitos poderes, muito mais que o Sr. Joãozinho, ai, nem tinha comparação. Vivia em Lisboa era um grande e só para melhoramentos da terra arranjou quinhentos contos de reis. Um garoto escreveu 500 no pó do carro, mas os melhoramentos, que porcaria, se aquilo era para quinhentos contos. Por isso a gente das redondezas dizia que ali andava marosca, Barreiro que entendia da poda, garantia «o tipo tem-se governado», o Chinola dizia o mesmo, mas se era verdade... Onde estavam os 500 contos? Anda, Zé Povinho, eguicha suor desse corpanzil, meu bruto, o Dr. Soeiro era um benemérito da locanda e vinha a ter estátua. Por acaso vindimaram-no caminho da serra e deram com ele de borco, com o focinho mergulhado num lodaçal, rabo espichado no ar que até apetecia ferrar-lhe um biqueiro. Agora tapava a porta da ti Ana com um metro e oitenta, e dizia:

- Certamente já sabem que a nossa terra também vai apresentar um rancho em Lisboa. Ora a sua filha...

E ti Ana erguia os bugalhitos dos olhos, entrelaçar os dedos apalitados... A minha filha!

- A minha filha não sai daqui.

Então ele abateu sobre a arca e a ti Ana continuou com o rabito no chão.

- Ora... vossemecê não está a ver bem as coisas? A sua filha vai ganhar vinte escudos por dia. Para os ensaios, venho cá buscá-la de carro.
- Ai, de carro não, ai... Não. Não quero. Agora a minha Maria ir daqui... Na senhora, na senhora, e ficou ofegante, angustiada, os caneiros dos braços brandidos ainda no ar:
- Na senhora...

Ih! Jesus! Ele é tão grande, quase que bate no teto e tem tanto dinheiro e um automóvel... Não senhor... E eu sem a minha filha até morro pràqui...

- Mas ninguém lha rouba. Ah! Ah!
- Ná, ná...

A voz quente de Maria do Termo correu o ar de brancura, o seu nervo inquieto remexeu a casa toda, a doce aldeia tranquila, as montanhas e as carnes do Dr. Soeiro:

- Vou e vou! Agora a mãe... Ninguém me come.

Que bela mulher, caramba! Só aquela boca encarnada, os dentes brancos, que linda mulher! Olha aqueles lábios vermelhos! Que linda! (Linda e forte como o sol de Agosto).

- Vais Maria?
- Vou, Sr. Doutor.

E a ti Ana encolheu-se mais, muito mais, toda ela era refegos, toda ela encolheu como um harmónio, coitadinha:

- Lá verás, minha filha, lá verás...

- Vou!

Ia! Ia fugir da aldeia, ia rasgar os ares de Lisboa com a sua voz caudalosa de rocha e giesta e sol e água clara. Presa à serra, presa à aldeia, adoeceria, envelheceria cedo como a mãe, e a vida era aberta como o céu azul...

Filha, se tu pudesses entender a vida como eu, se tu pudesses... Tão diferente, meu amor, e tu não sabes e eu não te posso dizer bem, nem tu me entendias...

- Boa tarde, ti Ana, diga-me cá uma coisa: não viu por aqui o meu rapaz?
- Qual deles senhor professor?
- O João.

Já lhes perdi o conto; e o João qual é?

- Não vi, não senhor professor. Tamém só há migalhinho me sentei aqui.
- Grande patife,

Grande malandro. Inda há dias na cama e já por esses caminhos, descalço, com os pés na água.

Eu te darei o arroz, deixa estar.

- É verdade; o senhor professor já sabe que a minha Maria...
- Sim, já sei...
- Pois lá foi... Eu não queria, mas ela...
- Vossemecês só se lembram de Santa Bárbara quando vêm as trovoadas.
- Pois lá foi... e ainda me não escreveu. Que ela não sabe ler, mas pedia... Tomara-a cá...

Grande patife! Mas onde diabo se terá metido aquele malandro?

- E tu onde é que tens os olhos, mulher? Vem um homem estafado da escola, chega a casa e é isto.
- Não sei, não sei como é que me fugiu. Aquele ladrão é só tirarem-lhe a vista de cima.
- Minha mãe, dê-me pão.
- Não há cá pão. Já vamos jantar.
- Agora que te apareça aí com uma pneumonia. Que gente esta!

- Minha mãe dê-me pão.
- CALE-SE.

O miúdo olhou o pai com terror, fez beiço e chorou.

Então o professor entalou o garoto nos joelhos como numa torquês e fez uma preleção como se explicasse um problema aos da quarta:

- Ora ouve cá: - tu sabes que daqui a pouco, vamos jantar, não é? Ora se tu comesses agora, depois não tinhas fome. O pão tirava-te a vontade de comer. A gente só deve comer às horas das refeições. Vamos lá: - tu procedeste mal, não é assim? Reconheces que procedeste mal?

Mas o garoto, muitíssimo trombudo, respondeu rancoroso:

- Quero pão.

E o professor alçou os ombros: - que valia explicar? Tinha aquela mania de fazer raciocinar os pequenos e eles acabavam por rir das parlengas do pai, e a mãe às vezes também se ria. O garoto doente veio entrando desconfiado, rostinho pálido: dói-me aqui...

- Toma! Aí tens...
- Onde é que te dói? Pra que foste tu prá rua assim descalço? Nem que fosses um Borralho...
- Isso! Dá-lhe agora com as fidalguias.
- Dói-me, dói-me, mãe. Nem posso respirar.

Meteram-no na cama com botijas de água quente e cobertores, o menino suava que nem uma esponja espremida, nome de Deus! Faltava agora mais esta, um homem nem sabe para onde se há-de virar com tanta coisa, doenças, alguma pneumonia é que o é, pois se ele esteve com gripe há oito dias, mas esta mulher deixar sair a criança descalça, agora só amanhã se pode chamar o médico, mas teve de chamá-lo essa noite. O menino suava e gemia, não posso respirar, dói-me, mãe... Noite negra, noite fria e o vento uivando *vu...u...u.* Mas a noite era branca de luar... Suja e dura, a serra era vomitada contra o céu molhado onde a lua boiava, contra o céu borrifado de estrelas... Noite negra, noite branca de luar. Lua recurvada em foice, lua branca de uma alvura líquida. Aldeia morta, casas de olhos fechados, casas encolhidas nos recantos escuro, ruas abandonadas e o menino gemendo - mãe... Cabeços redondos, lavados pela lua branca, cerros erguidos em bico, silêncio fechado e profundo. Mãe... Saiu

encapotado com o Borralho que lhe ajudara à caça da lagarta, furando o vento, furando a noite, cães latiam, as estrelas olhavam lá do alto. O médico chateou-se vivamente, aí estava a porca da profissão que escolheram ter de sair dos mornos cobertores para aquele frio de rachar pedras. Que raio! Podiam ter vindo à tarde, podiam ter vindo de manhã, mas deixa estar que eu te cozerei meu professor, com uma conta de escacha. Ora a valentíssima espiga. Meu filho, é só um bocadinho, a gente não ganha para comer e tudo está tão caro, só se for roubar... Nasce um homem neste mundo, dão-lhe direitos, dão-lhe liberdades e não tem direito de adoecer que os remédios pagam-se, os médicos andam encarniçados uns com os outros e querem ali o dinheiro, o Estado não lhes paga e eles têm de governar-se, mas os pobres é que se cozem. Os pobres, eu e o Borralho, o Borralho e eu, o resto, a esterqueira, meu filho é só um instante vamos já...

Que pôssa, fazerem-me levantar, a uma hora destas, eu tiro mas é uma especialidade e encaixo-me num consultório de tabuleta e horas marcadas. Joaquina Borralho achou bem que o João se levantasse e fosse com o Sr. Professor, a gente deve-lhe favores e mesmo temos que nos ajudar uns outros, os amigos são para as ocasiões.

- João! Tá aqui o Sr. Professor pra môr de ires co' ele à vila. Entre Sr. Professor; quita de apanhar aí frio.

Voltou-se de novo para dentro:

- Ergue-te depressa, demontres. Tá o Sr. Professor à espera.

João Borralho saiu, chapéu esburacado de aba a abrir regueiras em todos os sentidos, a massa carnuda de Joaquina Borralho ficou a vê-los sumirem-se no escuro, muito boa noite. Agora estavam de volta, eram umas três da madrugada, um frio molhado escoava-se pelos ossos de uma pessoa e durante o resto da noite o professor não pôde pregar olho, mas logo às 8 teve de ir para a escola, triste vida. António Borralho estava já à porta perfilado, sobraçando a pedra e o livro da primeira que ia soletrando com uma facilidade incrível.

- O seu pequeno é uma inteligência priveligiada.
- Inteligência quê, senhor professor?
- Uma cabeça e tanto.
- Ora basta que sim, senhor professor. Ele à noite farta-se de batucar nas lições, lá isso... Mas co' uma dessas... Basta que sim, Sr. Professor...

Tinha um filho inteligente ela, a Joaquina Borralho que era grande como um elefante, tinha o homem a apodrecer e era a coisa mais reles da freguesia.

Tinha um filho inteligente, o garoto puxava uma cadeira para a luz da candeia, sentava-se no chão, lia e fazia cópias, os irmãos olhavam para ele com inveja e até o Joaquim lançou uma vez à experiência lá do canto do lume:

- Prò ano eu também quero ir prà escola.

Mas a mãe caiu sobre ele como um malho:

- Espera! Tamém agora o cabeçudo queria escola.

Tinha que ver. Estava agora mesmo a criar os filhos para fidalgos. Naturalmente ela é que ainda tinha de ir ao mato, à fonte e guardar a menina. Enfim, criancices.

Naquela tarde chegou o tio Gorra da Covilhã, grande e grande, mãos grossas com casca, peitorra cabeluda como as faces largas, naquela tarde de sol.

Atravessou a serra com as botifarras de bezerro, às vezes caminhava descalço, porque os pés tinham uma encadernação própria de couro. Atravessou a serra de taleigo às costas, bamboleou-se pela aldeia ele e o taleigo, de calças curtas a acabarem no meio do canelo, e meteu pela casa dos Borralhos agachando-se à entrada. Porque era alto como um pinheiro, um verdasca. Poisou o saquitel e sentou-se na arca a atravancar a casa toda com aquelas pernas tão grandes, pareciam dois eucaliptos derrubados, - deita aí alguma coisa que se coma. Coseu-se logo uma conversa, mas o tio Gorra era homem de poucas palavras, a Maria saia a ele.

- Lá stá a servir em casa da D. Estefânia e atão e tu?
- Andei a britar pedra na estrada de Tortosendo, o serviço acabou...
- Tu travalhaste na fávrica?

Era mais fino na fábrica, as pessoas sempre são de uma certa aquela, não admirava que o tio Gorra lá não trabalhasse, ele andava tão roto...

- Inda lá andei oito dias a acartar fardos, mas era serviço ruim, à noite tinha as costas moídas,

Apesar dos lombos que Deus lhe dera, caramba. Aquilo era serviço para uma parelha de cavalos.

- E òdepois apareceu aquele travalho da brita, mas acabou e vim-me embora.
- Fizeste bem.
- Deita lá alguma coisa de comer.

Não despegava dali Joaquina Borralho que tinha um irmão valente como um toiro, vá lá gente olhar esses trampas dos ricos que só têm os ossos. Um irmão forte como um toiro ou como uma parelha de éguas ou coisa que o valha. Não despegava dali e ele tornou «deita-me alguma coisa, que venho morto de fome» de modo que Joaquina foi buscar uma tigela de caldo e três batatas cozidas que o tio Gorra comeu na mão, onde havia o azeite?

Havia-o em casa de D. Estefânia e Maria bem que se lembrou, só uma pinguita, mas a patroa era dura como pedra e não desfitava a sopeira nova. Trazia-a filada e nessa tarde Maria pediu um caneco dele que a mãe estava como se sabia e o tio viera da Covilhã. E como Deus pagava cem por um, dois centos de canecos eram qualquer coisa lá no reino dos céus, D. Estefânia deu dois canecos de azeite.

- Quando se quer, pede-se, mas não se rouba.
- Minha senhora; lá fazer de mim ladra, isso é que não.
- Ai minhas encomendas, estás muito escrupulosa. Nem que a gente fosse cega, mulher. Não digo que tu roubes, mas os teus irmãos é o que se vê. Ora...

Maria despediu um olhar agudo que varou o tutano da D. Estefânia e levou a correr o azeite à mãe. Estavam os irmãos à roda, o Gorra distribuía as prendas e Maria teve um lenço de assoar que custou quinze tostões, o João e o Manuel tiveram duas onças de tabaco do bom a quinze tostões cada uma, e Joaquina Borralho um lenço para a cabeça, coisa cara que até ela disse «homem, para que te estiveste a incomodar?»

O cunhado do Gorra lamentou:

- Atão de mim nem te alembraste...
- Isso é que alembrei; trago-te aqui um cachimbo, Borralho pai passa os dias na tarimba e não tem tabaco para encher aquela dorna que o cunhado lhe trouxera das bandas da Covilhã. Uma dorna e tanto. Nem o João nem o Manuel estavam em casa, onde é que andavam?
- Olha, o João foi dar meio-dia para as Tapadas, parece que andam a compor um poço e o Manel anda a sarrar lenha prò Ti Cuco.
- Vou até lá.

Recolheu os eucaliptos derrubados, dobrou-os em dois e depois desdobrou-os outras vez para se pôr em pé. Lá saiu a balançar-se, grande e grande, vergando-se à porta. O Ti Cuco fora ao Brasil, viera de lá com a pele a luzir bem recheada de carne gorda, um paio de redondo, mas depois foi como se o picassem e ele começasse a esvaziar. Uma bexiga de porco seca. Vida de cão a da aldeia, a gente não tem que comer, lá no Brasil era da boa goiabada, galinha, comia-se como um cevado. Mas quê? Chega-se a esta porcaria de terra e roi-se a ponta dum chavelho.

- Boas tardes!

Manuel Borralho estava de costas e pôs o pescoço numa rosca para ver o tio que estava ali com o metro e oitenta e tal mas foi como se não estivesse, ficaram-se a mirar, serrote parado no toco do pinheiro, atão? «Atão?» disse Manuel depois do tempo necessário para se admirar bem da presença do tio Gorra que dobrava outra vez os eucaliptos em dois para se sentar numa arca enquanto o Cuco tropeçava em mil palavras atrapalhadas porque era gago:

- Atão Gorra, diz lá da Covilhã. Che...che...gaste ag...gora mesmo? V...vens gordo.

E o Gorra estirando os mastros das pernas para a loja, esfumaçava para cá para lá, os corpos dos serradores iam e vinham com ele, numa cadência musculada, de cada tronco iam rolando pequenos cepos e Gorra olhava. Olhava o serrote que se enterrava pelos troncos, olhava as gentes que passavam por ali e os seus pensamentos eram de uma criança grande, vagos, flutuantes, com altos e baixos, a brita na estrada de Tortosendo, as ruas sem balcões, a irmã andava grávida outra vez, parecia pelo menos, que ela era larga e mal se conhecia. Ti Cuco estacou o serrote que vergou, flexível, retinindo:

- Tu po...podias era ir rachando lenha. T...tá aí o ma...machado. Da...da...davas um quarto.

Manuel olhou aquele tio trombudo e grande que viera esse dia da Covilhã e esperou. Esperou que ele se erguesse, acarretasse o material para fora e começasse a baixar e erguer o corpanzil, rachando os cepos. Dava um quarto, ganhava uns tostões e não perdia o dia que se ia fechando claro e lindo, azul líquido, só umas nuvens ao longe, nas serras erguidas, bem firmes, por onde tinham passado aqueles pés guarnecidos de couro próprio.

Manuel Borralho e tio Gorra passaram de caminho pela taberna, para trocarem impressões desafogadas, vieram mil vidas à baila e veio a escassez de trabalho, mas isso era velho, toda a vida fora assim. Ganhara um quarto de dia, era sábado, tinha tempo de descansar. Mais dois copos.

- Vem rico.
- Dias não são dias.

Tinha tempo de descansar o corpanzil de homem valente, homem de jorna, sem aquele corpo de toiro, que é que a gente havia de fazer? Os copos estavam ali atestados, o taberneiro já passaram o zinco a pano e coçava agora o chumaço da cabeleira enovelada como lã churra, tinha a barriga soprada e a amarra do relógio bem à vista. Depois plantou os braços cruzados no zinco do balcão, olhando o troço de rua no esquadriado da porta, Gorra contava os seus trabalhos de galé:

- Ganhava sete mil réis por cada caixote de brita, mas era um caixote, um caixote como quê? Era bem ametade desta venda. Òdepois vinha o mestre e queria-a mais miúda, òdepois queria-a mais grossa...

Metia a língua por baixo da pirisca para a transportar para o outro canto da boca, para cá e para lá, descaía o queixo derrotado e ficava em silêncio com os dentes torrados à mostra. Foi nessa noite que tombou uma descarga de chuva como nunca se vira. Os homens velhos tinham fitado o céu claro e lindo, só umas nuvens lá ao longe. E as nuvens diziam trovoada, diziam chuva, temporal, os olhinhos miúdos dos homens velhos tinham fitado o céu. Na noite fechada um estoiro ecoou longamente pelos côncavos da serra, na planície que alastrava, noite negra. De um golpe, a abada do céu fendeu-se e descarregou a massa pesada das águas que alargaram a aldeia e os campos, Chico Borralho torceu-se na cama, o telhado estava roto:

- Jaquina?

Puxou-se a cama para fora do tapume, mas pouco depois a água caía também aí, o telhado estava uma miséria, raio de vida. A cambulhada dos garotos continuava bem pregada ao sono com uma resistência de penedo e foi a mais pequenina que ergueu berreiro, uma gota de água pingava-lhe na testa, mas depois a gota abriu em rego e a menina chorou. Todos os irmãos entenderam então que tinha chegado a sua hora e berraram também, e o novelo de pernas e braços começou a mexer como um rolo de minhocas escorregadias, a água tombava, Gorra falou:

- Melhor porem-se os pequenos ali ao canto.

Joaquina Borralho enfardelou os pequenos.

- Minha mãe, o Zé quer a roupa toda.
- Vá lá a ver se acaba a música.

E Tonho Borralho sentiu uma pancada no peito, saiu do ninho e veio às apalpadelas até à cantareira, o livro, a pedra, o caderno, estavam lá direitinhos, que susto.

- Pôssa! Já stá a cair água outra vez.

Todo o telhado tinha um crivo de buracos, a chuva coava-se por ele, um trovão rolou pelo céu profundo, Tio Gorra só então se lembrou do guarda chuva, uma umbela ampla, tinha um cabo grosso como cajado, tinha uma estrutura de varas seguras como traves e também tinha buracos, mas talvez servisse. Tio Gorra ofereceu ao cunhado:

- Mete-te tu debaixo dele.

Mas Chico Borralho disse que não, que os garotos, tal etc., sempre estavam pior, Manuel Borralho desatou:

- Onde é que lhe chove?
- Só uma coisita aqui na cabeça.

Ajeitou-se a cabeça e os pequenos ficaram abarracados sob o largo guarda-chuva que abria as varas num abraço terno para os meninos, depois a chuva foi sossegando e apenas o rolar da ribeira enchia o escuro, a aldeia tinha duas ribeiras que entalavam, o rolar das ribeiras grosso e longo, muito grosso e ribombado, e o filho do professor não estava melhor, nem Maria do Termo voltara lá do inferno dessa Lisboa. Pela manhã o povo juntou-se para ver os estragos da cheia, as ribeiras cresciam e a chuva parara, mas as ribeiras cresciam sempre, rolavam em montanhas. Zé Carapanta tinha um moinho, viera da América e coxeava. E o moinho era ali mesmo naquela curva logo acima da ponte, a ribeira descolou o moinho, Zé Carapanta veio para a estrada a coxear e descobriu na massa negra das águas uma galinha morta, um banco de três pernas que era seu, Zé Carapanta chorou em silêncio. Silêncio de espetativa, silêncio cavo, a ribeira lutava contra a ponte de pedra, esfarripara a de madeira que ficava mais acima, silêncio. Só as mulheres preces agudas que varavam a massa das nuvens, *magnífica a minha alma*, dedos magros crispados, Jesus! Senhor do Calvário que é o fim do

mundo, a ribeira vinha de cima bem embalada, embatia num ronco de fúria contra a ponte e rebentava num cachão alto que se esfarinhava em poeira escura. Novo rolhão de água, novo embate, e a ponte tremia, é agora! Fujam para cá! A água inundava a estrada, foge daí garoto, ah! Rai's te comera! Alma do diabo! A mãe do garoto surrou o filho, outros garotos saltavam para os muros e ensarilhavam uma gritaria doida, as mulheres continuavam a perfurar as nuvens, e os homens pregados ao chão tinham olhos grandes raiados de sangue, tinham uma raiva crua no peito, sorte de condenados, as terras iam ficar num areal.

Manuel Trolha era largo e forte e bom, tinha punhos de ferro e estava ali olhando o seu milho devastado, a enxurrada vinha de cima da regueira da fonte, trazia de roldão pedregulhos e areia e Trolha chorava também, muito quedo, olhos fitos, bem pregados na sua leira.

- Talvez o senhorio lhe abata na renda.

Manuel Trolha nem ouviu, ele fossara como negro, ele moera-se de sol a sol e tinha agora ali os caneiros derrotados. Pregado ao chão, olhos bem fixos na leira, ele chorava em silêncio também.

Então do outro lado, da outra ribeira, veio crescendo um borborinho, magotes de rapazes, o Lagar da Bica foi abaixo, foi a...bai...xo! As cabeças voltaram-se por momentos e regressaram de novo às terras que iam ficar num areal, o Lagar da Bica era do Sr. João. De repente, a um embate mais forte, a ponte oscilou indecisa, outro embate, outro, um desmoronamento pesado, a água rolou, espraiou-se folgada num remanso de praia. Zé Carapanta, viera da América, tinha um moinho branco. No roldão das águas negras passou uma galinha que era sua, a pedrês, passara o banco, passara o seu trabalho de forçado lá na terra dos milhões.

Ao outro dia os jornais distraíram os seus leitores com a notícia de que para o lados das Serra da Estrela uma trovoada causara largos prejuízos: Onde fica essa Serra da Estrela? Quem foi que teve prejuízos?

- Ó pá! Tu precisas ainda no jornal? Era para fazer aqui um embrulho.

Quem foi que teve prejuízos?

E ou fosse porque a chuva lhe ensopara os ossos, ou porque tinha de ser assim, Chico Borralho piorou. Quis lamentar-se, para quê? Quis chorar ao menos só para si, nem isso, que a casa era pequena, todos ouviam. Maria estava em casa do Sr. Capitão, da D. Estefânia, e só prà Maria Chico Borralho sabia queixar-se, Joaquina tinha mil vidas, não sabia tratar de uma pessoa e era dura como um calhau. Também Manuel o era, mas a vida é que tinha a culpa. Eu não presto para nada, estou só a dar prejuízo, eles não

têm para eles, todos me querem mal até os pequenos, parece, que estou eu a fazer?

- Nada, ele não stá a fazer nada; só a atrasar a vida.

Tio Gorra olhou Manuel Borralho, o sobrinho que dizia do pai que não estava a fazer nada, só a dar prejuízo e pensou, ou quis pensar. Mas os pensamentos do tio Gorra eram diluídos como os de uma criança, diluídos e vagos, sentia que o sobrinho tinha razão, o pai era um trambolho, o homem é o lobo homem, as coisas são assim mesmo, e Chico Borralho tinha de morrer.

- Ouve lá uma coisa.
- Diga.

A cheia rolara grosso pedregulho pelas terras marginais que ficaram ao abandono. Foi então que o Sr. Joãozinho procurou Manuel Borralho para lhe falar.

- Aqui há tempos a tua mãe procurou-me para lhe arrendar um arreto. Eu não tinha nada que arrendar. Agora o Zé Corisco não quer continuar com a leira. Aquilo ficou cheio de areia, dá trabalho e ele é um preguiçoso. De formas que me lembrei de ti. Queres tu ficar com ela?
- É conforme...
- Não há conforme nem meio conforme. E pegar ou largar. Tu pagas menos medidas durante quatro anos e depois pagas como os outros.

Manuel Borralho aceitou, o João Teles não era tão mau como isso e a vida abria-se, desdobrava-se, mas o pai era um empecilho. Tio Gorra e o sobrinho escavavam a areia, limpavam o terreno.

- Ouve lá uma coisa
- Diga.

Tio Gorra limpou o suor. Manuel Borralho cravava nele um olhar incerto.

- Ele, as coisas vistas como devem ser, o teu pai só stá a atrasar a vida. Ele é remédios, ele é uma criada sempre ali. Eu sou amigo dele. Mas que stá ele a fazer? Só a atrasar a vida... Só, mais nada. Inda se disséssemos: - morre hoje ou morre amanhã... Mas não morre.

Parou, tinha o rosto de pedra sem um perturbação, quieto como a tarde de Agosto. Manuel Borralho ia ouvindo, desentalou uma pirisca amarelenta, já apagada, que se entretinha a transportar de um canto da boca para o outro, calaram-se e esborralhavam a areia.

- Inda se disséssemos: morre hoje ou morre amanhã...
- Sim... Ou morre depois...
- Mas não morre. Eu sei como aquilo é, olha se sei. Lá na Covilhã um homem stava assim doente há vinte anos.

Parou de novo, empanturrou-se, ele sabia. Era muito difícil Gorra saber qualquer coisa, tudo era confuso, tinha o cérebro cerrado, mas sabia agora uma coisa e isso tornava-o importante. Manuel Borralho também estava compreendendo, não precisava da cabeça, a vida entendia-a por aquilo que podia ver e palpar. O pai apodrecia, morre, quando? E então à noite remataram o caso. D.ª Estefânia tinha bois, o Calhau ia à vila com uma carrada, Gorra perguntou:

- Ouve lá, ó Calhau, tu podes levar o meu cunhado no carro?
- Atão vai pró hospital?
- Ná... É pra ir ao médico. Aquilo stá pràli ao deus-dará.

E Chico Borralho foi rebolado para o meio dos sacos, ficou de barriga para o ar frente ao sol, tio Gorra desdobrou-lhe a barraca pra tapar a cara, Manuel Borralho olhou o pai, o pai tinha os olhos apagados e um ar de aflição em todo o rosto. Nos campos a vida grita uma plenitude de sangue fresco, o céu é azul. Por isso custa morrer. Sempre em torno rebenta a esperança dos que começam, a vida renova-se, as crianças nascem, abrem os olhos, completam-se, músculos novos, enquanto outras crianças vão nascendo e levam os olhos da gente que vai envelhecendo e vê a vida renovar-se. Por isso custa morrer. A vida é o primeiro dia, é a hora, o minuto primeiro dia, é a hora, o minuto primeiro, não o momento e a hora que se somaram a outras horas e minutos. Por isso custa morrer e Chico Borralho sofre. Está doente, vai morrer: - sofre. Pela sua cabeça não passa a luz de uma ideia, sabe que vai morrer, sofre, e é tudo. Ouviu o filho e o cunhado, percebeu, e os campos como estão bonitos!

Foice em punho, braço ligeiro, as espigas caindo...

- Vá lá um copo!

Belos tempos! Belos tempos... ui! Ó Calhau! Vê lá o carro, levo o corpo numa chaga com os solavancos. Manuel Borralho olha o pai, Gorra

lembra a Covilhã, as caixas de brita para a estrada de Tortosendo e baloiça o corpo grande numa cadência dormente, os bois bufam de focinho pendidos. Iam todos calados, o carro chiava, você devia botar borras de azeite no raio do eixo, ó Calhau, o carro chia como um rato, como é que eu hei-de dizer ao médico? Dê-lhe uma injeção, Sr. Doutor, é uma obra de misericórdia, o pobre de Cristo está a sofrer muito, tio Gorra pensava, ele está a empatar a vida à gente, eu se tiro a areia depressa, aquilo há-de ir, e então talvez a Maria do Termo queira, Manuel Borralho pensa, descarregar e não descarregar, um copo na venda do Calvário, dou o feno aos bois entrementes, arre que estou cheio de sede, os bois levam os focinhos pendidos em ar de quem está conformado com tudo, Calhau pensa também. E os bois. Ideias fugidias como o fumo, às vezes duras e recortadas como penedos, ideias que fluem e refluem, o homem é o lobo do homem.

- Senhor Doutor!

Chico Borralho ficara cá fora na sala de espera e não entendia muito bem tudo aquilo, o filho e o cunhado tinham entrado sòzinhos no consultório. Caras de sofrimento, cada qual contava as suas mazelas «Estava com um podoa, veio-me ao dedo...», «Caíu-me um saco em cima» «E depois ficou assim fraca. Já gastei cinquenta e seis mil e quinhentos com injeções» «E vossemecê?», Chico Borralho contou:

- Andava numa pedreira...

O filho demorava, o cunhado também, Chico Borralho sentiu uma pancada no peito. Lá bem do fundo de si mesmo rebentavam agora ideias contraditórias, ideias que eram boas, todas eram boas, mas chocavam-se.

- Senhor Doutor! A gente tem-no ali a morrer aos bocados, a gente gosta dele, mas ele stá a morrer aos bocados...

Manuel Borralho parou. Cara de pedra, ossos e músculos rasgando a pele, boca em contorsões, Manuel Borralho parou. Então Gorra estirou o braço grande para a frente com a manápula desdobrada:

- Nós queríamos era que o senhor doutor lhe desse qualquer coisa pra acabar co'ele.

Raios entrecruzaram-se, trovões estoirando e um fio agudo perfurando o corpo de alto baixo, o médico enclavinhou as mãos no casaco

de Borralho. Tio Gorra deixou cair o peso da manápula grossa no ombro do clínico:

- Não toque no rapaz.

E olharam-se os três, olharam as forças que se embatiam e acreditaram no mistério da vida. Não acabavam os poetas e as leis e a moral codificada e tudo era diferente, o médico pensou. Caminhos rasgados pela experiência dos homens ou apenas por um absurdo desejo de que tudo esteja certo, os homens quiseram regular a vida, mas a vida guarda segredos que escapam às leis dos homens e tudo é novo nos olhos de cada um... Por isso a mão do médico desceu do casaco do Borralho para ir apertar a fronte que estoirava. Gorra, muito quieto, disse «passe V. Ex.ª muito bem» e a fronte do clínico ficou livre da torquês da mão que disse para a porta «façam favor de sair».

E à vista do filho e do cunhado, Chico Borralho percebeu que as forças nascidas no fundo de si mesmo rompiam de novo como dragões, batalhavam furiosas, e chorou.

- Faltava cá agora a lágrima - tio Gorra disse.

Tio Gorra disse e enquanto transportavam o doente para fora, todos os olhos tiveram tempo de se admirar, todos os olhos de toda a gente que estava no consultório. Calhau atrombava no quarto de trigo com sardinha, um copo para atestar, são servidos?

- Bom proveito.
- E atão o doente?
- Já ficou no carro - tio Gorra falou - ; quando quiseres, podemos ir embora.

Deitado no feno, à sombra, cá ao cimo da vila, Chico Borralho percebia que as forças rompiam de novo como dragões, e chorava. Rai's part'o choro, que estou pràqui que nem uma Madalena. Eles querem ver-se livres de mim e têm razão, eu só estou a atrasar. Mas Chico Borralho tem um corpo que sofre, tem uns olhos para ver o sol, a serra alevantada, os filhos, a agulha de pedreiro, tem ouvidos para ouvir, boca para falar, tem um corpo que lhe deram, a vida é bela, sim. E esta força vinha lá bem do fundo de si, das raízes do seu corpo chagado e rompia para a luz do sol resplandecente por isso que importa? Que importa, que os filhos e a mulher e todos lhe digam a cada instante que morra, que morra de uma vez? Manuel Borralho traz uma sorte de renda. Tem areia, tem pedregulho,

Gorra e João ajudam como toiros mas o filho traz uma sorte de renda. Se eu estivesse bom, aquilo limpava-se em menos de nada, o Manuel é um pouco lombeiro, ou não, coitado, ele faz o que pode, e os pequenos por criar, se eu não tenho ficado do lado de baixo a segurar a pedra...

- Vamos embora?
- Eu tomara-me a caminho.

E quis saber se estava a pensar certo, por isso perguntou:

- O que é que vos disse o médico?

Gorra balançou os ombros e salivou longe:

- Disse que não valia a pena, que isso não tem cura. Tu pensas que te curas e tu vais morrer disso; o que é, pode durar muito. Ó Calhau! Em querendo.

Calhau já agora compraria uma mòlhada de couves, ele ia era beber mais um meio estava um calor de rachar.

Pela estrada fora, o carro martelou o corpo de Chico Borralho, martelou-lhe a alma ou lá o que era que fora acordando durante a doença, sobretudo agora que viera ao médico. Pela estrada fora o carro martelou-lhe o corpo, o filho e o cunhado vinham atrás cochichando e outra vez os campos se desdobravam, searas maduras, foice em punho, corpo ligeiro...

- Belos tempos!

E uma dor funda, bem aguda, retalhava-o como faca.

- Calhau!

Calhau não deu atenção, a buzina de uma camioneta apitou, Calhau levava o carro fora da mão, canudo! Uma camioneta!

- Uma camioneta!

Ràpidamente a camioneta dobrou na curva, Calhau mal teve tempo de safar o carro ao choque e Chico Borralho, num relâmpago, foi varado por uma ideia nova, muito nova e muito boa, tão boa que não teve tempo de ver se era má. Enganchou a perna sã, retesou os braços e o seu corpo

voou para debaixo da camioneta, a dupla roda de trás esborrachou-lhe o crânio como a um melão, a massa encefálica rebentou pelas fendas e ficou escorrendo. Travões ganiram, mas que foi isso? Pergunta inútil, e Gorra ficou fulminado de boca aberta suspendendo a pirisca e olhava, olhava as rodas borradas de sangue, a cabeça do cunhado esborracha, braços estendidos, esbarrigado, o coto da perna doente muito ridículo espichado no ar, Manuel Borralho mordeu o lábio inferior que sangrou. E toda a terra gritava um brilho novo. o sol resplandecia no céu azul.

Só as vizinhas deram pêsames a Joaquina Borralho que sentiu uma comoção violenta e não chorou. Todavia Chico Borralho fora seu, dele tivera filhos e filhos, lutara com ela, Joaquina amava-o do coração. Mas não chorou, mulher dura como aço, a vida cria calos na gente, não vale a pena chorar.

- Foi sempre um bom pai, coitado...

Mas o professor não respondia e era preciso dizer qualquer coisa, quem não sabe que no geral, se não sente? Era preciso dizer qualquer coisa, no entanto.

- Foi um ato heróico... (O quê? Ele é professor, sabe dizer coisas que a gente não entende... Foi uma coisa quê?)

E não, não foi, todos dizem que não é, todos, tudo na vida tem de ser acertado, por isso Chico Borralho não foi um herói. Fugir... A luta é dura, até eu... o meu filho esteve doente, agora anda melhor, mas paguei um dinheirão, a luta é dura, dura, luta de sangue, quem impõe a luta à gente? Quem impõe... A vida tem de ser acertada, mete-a em encaixes nítidos bem recortados, poda a árvore para crescer e engrossar, que importa o ramo que há-de apodrecer? Ele não nasceu tronco, nunca foi ramo de força, pode a árvore...

- Vocês não deviam era deixar ir os garotos ver o pai. Olhe o António que até parece que embruteceu; já não é o mesmo.

Já não era o mesmo e a D. Estefânia ralava-se, tinha feito uma promessa a S. José de meter o rapaz no Seminário, ia-lhe espiando os avanços na ciência, o pequeno bebia azeite, mas com aquele escândalo era possível que não fosse admitido, e talvez sim, em todo o caso o rapaz não era o mesmo, e que pena!

D. Estefânia era mãe do Eduardinho, do Quinzinho, do Zézinho e de mais três *inhos* muito interessantes que faziam travessuras ao António

Borralho, que engraçados! Ele agora andava lá sempre em casa, D. Estefânia havia de fazer dele um ministro de Deus.

- *Introibo ad alatre Dei.*
- *Ad Deum qui laetificat inventutem meam,* era um gosto ouvir o raio do garoto esburgar aquele latinório todo da missa, Joaquina Borralho andava encantada, só o professor arreganhava o seu rosto de hereje, assim Deus o castigava, que era um miserável. E teve um tio padre, como saiu ele assim? É um coisa que nem se chega a entender

Logo de manhã, pás e picaretas romperam o silêncio, maços e guilhos, *um...ump, um...ump,* Chinola erguia e baixava o corpanzil e cantava numa voz roufenha,

Lá longe, estrada poeirente, sol e sol, água! Água! Sede mirrando o peito largo, largo e cabeludo, pés duros bem guarnecidos de coiro e o saquitel dançaricando dependurando do varapau, tio Gorra largava em demanda de Lisboa,

Cidade jardim
Que o Tejo azul vem beijar

- Canta! Maria!

Numa saudade sem fim
De te deixar.

- Canta!

Sim, ela cantava. Porém o seu canto não trazia já aquela frescura de água do monte, clara e sonora, bem aberta como o céu. Sim, ela cantava. Mas o canto rebentava de outras horas lá bem para trás dessa ida a Lisboa. Montanha e vale, a casita do Termo, toda a sua aldeia lhe desafogara a alma da opressão que a fora carregando, mas tudo acabava ao fim do dia quando se lembrava de que o seu corpo era já um corpo de mulher. Tarde de triunfo, lá no inferno dessa Lisboa, carros, uma alegria borbulhante, ondas de gente, que borborinho, todo o seu corpo tremeu, ele dera-lhe a beber espumoso e outros vinhos e comeu doces e bebeu e comeu o seu beneno. Tudo estava previsto. Ti Ana olhou a filha «então?» e Maria encolheu os ombros, já não tinha o nervo inquieto que tudo remexia, o seu corpo era um corpo de mulher. Um homem passara por ele como furacão. A dureza dos seios ir-se-ia quebrando, Soeiro apagava-lhe o rosado das faces e escorria-lhe o rosto e os cabelos. Percebeu-o o professor quando pôs os

olhos no chão e meditou, ele era a consciência daquela massa de gente, mas o pensamento que não age é uma traição, quem é que escreveu isto? E como hei-de eu agir? Fazer o quê?

- Maria!

Manuel Borralho não te esquece, tu o sabes.

- Trago uma sorte de renda...

Sou como os outros, trago uma sorte de renda, tem pedregulho, sim, e tem areia, mas um dia ficará coberta de verdura, dará batatas, milhos, feijão, sou um homem como os outros, tenho uma sorte. Maria do Termo sabia.

- E atão não queres agora?

Cântaro à cabeça, o seu corpo já não tinha a mobilidade de outras horas, cântaro à cabeça ela disse:

- Não; nem agora nem nunca mais.

Mas pareceu a Manuel Borralho que Maria levava o rosto cheio de sombra quando virou as costas e desandou. Na estrada branca o seu corpo era uma nódoa vaga e diluída, tetos fumegavam, a tarde era branda, Manuel Borralho ficou. Ficou ele e os seus olhos longos, ficou o seu corpo inteiriçado de raiva, da raiva que herdara e vinha desde os começos do mundo.

O professor entendia essa raiva, todos os ódios, os sonhos daquela gente primária, êle era a consciência daquela massa grossa, o corpo daquela tragédia grande, mas o pensamento que não age é uma traição. Veio descendo para a rua, o Presidente estacou-o:

- Bom dias!
- Viva! Então as obras continuam...
- É como vê. O Estado deu uns contos para os estragos da cheia. Aquilo partido por todos, não dava nada a cada um. O Zé Carapanta ficou sem o moinho; que é que lhe cabia? Um conto ou dois. Assim o benefício é para todos. Acabam-se as ruas, há trabalho, e depois vamos à igreja que está a cair. Vai ficar uma linda igreja, uma das melhores do concelho. Toda a gente o diz. Para a ponte vem outra verba.

- Mas e os outros? Os que ficaram sem as sortes?
- Os outros... quais outros? Uns bocadinhos de leira, que é lá isso? O senhor há-de estar sempre na oposição. Lá porque cai uma pedra do muro a alguém, há-de o Estado pagar para se erguer a pedra. É isso! E as ruas que estavam uma vergonha? E a igreja que é um monumento? O brio da terra não vale mais?...

Calou-se para logo arrasar o professor:

- Meu amigo, se não fosse a cheia, um Borralho nunca mais tinha uma sorte. O que é mal para uns é bem para outros.

E deu dois esticões decisivos aos suspensórios que lhe entalavam a barriga. Voltou-se para o pessoal e berrou:

- Essa brita mais miúda! Ó Chinola! Anda-me lá com esse maço!
- Eh! Nem um homem pode tomar suspiração.
- Não me refiles! Não me refiles, se não faço-te como ao Bogas.

O Bogas julgava que no mundo só existia ele e o Sr. João, mas havia o Presidente, o Prior, a mulher do Sr. Castro, uma cadeia hierárquica que se não destruía de um só golpe. Falou duro ao Presidente, foi despedido, ele era também dos restos. Mas os restos não o quiseram, usava ainda pomadas, punha gravata e afinal era um moiro como os outros embora o não parecesse. Por isso três amigos seus e três litros de vinho sovaram-no uma noite como cumpria.

E tu João Borralho? Tu perdeste-te da gente, nunca mais apareceste, que dialho tens tu feito?

- Oh! O mesmo que os outros, que é que um homem há-de fazer? Quando o meu pai morreu, tive pena dele... Ele era bom, ele travalhou até que pôde, foi um moiro de travalho, mas agora stava pràli assim, foi bom ter morrido. O Manel traz a sorte de renda, fui ajudá-lo à areia e agora ando a travalhar nas ruas. Qualquer dia vou-me casa, não sei se sabia. Co'a do Gornicho. De formas que deixei o meu irmão e vim travalhar pràs ruas a ver se junto alguma coisa. Pois vou-me casar.

O professor olhou uma vez mais os trabalhadores e desandou para a escola, os garotos estavam à porta à espera, ele abriu «entrem», e um furacão abalou o soalho, o mundo de mapas e os augustos reis dependurados na parede «pouco barulho» . António Borralho entrou logo

pela geografia dentro, as partes do mundo eram cinco: Europa, Ásia, África, América e Oceania.

- Oceania ou Oceânia; há quem diga Oceânia, eu cá digo Oceania - o professor disse.

O mundo não acabava ali na aldeia, estendia-se, por aí fora, a Oceania era no cabo do mundo, o sol não andava à volta da terra, o metro era a décima milionésima parte de um quarto do merediano terrestre, tenta coisa a gente aprende na instrução primária e eu quando for para o Seminário, se for... Agora a D. Estefânia já diz coisas e loisas, e eu gostava bem de ir para padre.

- Mas tu tens vocação?

Que é isso de vocação?

- Tens vontade de ir?
- Tenho sim, Sr. Professor.

Então não houvera de ter... Quem é que comia os melhores queijos na terra? Quem é que tinha entrada livre e franca em todas as casas ricas? É ver a D. Estefânia como ela é tudo para o Sr. Prior, ele é o melhor azeite, ele é a hortaliça... Só me aborrece ter de aturar os meninos, a Mariazinha está-me sempre a perguntar quando é que cantas missa? Que até a mãe já lhe ralhou e disse-me para lhe dizer que é quando Deus Nosso Senhor quiser. Já fiz a primeira comunhão, aprendi a Doutrina toda, os mandamentos da lei de Deus, da Santa Madre Igreja, tudo. A minha mãe não me queria deixar comungar porque disse que não tinha fato e a D. Estefânia comprou-me um fato, botas e o laço branco, os meus irmãos não vão à igreja porque não têm que vestir, diz a minha mãe, aquilo é só para apanhar um fato à D. Estefânia, a minha mãe não se importa com a religião, mas reza um Padre-Nosso e uma Avé-Maria por alma do meu pai. Agora ando a aprender a ajudar à missa *Introibo ad Altare Dei*, começa assim.

- Para onde é que estás a olhar, António?

António Borralho voltou à Geografia, as partes do mundo eram cinco: Europa, Ásia, África...

À tarde, corria a casa, deixava os livros e ia aprender a ajudar à missa. Joaquina Borralho começava a sentir-se mais desafogada, o irmão fora-se, o marido morrera, os filhos iam levando o seu destino. Só o Joaquim não

tinha ainda um rumo, ia ao mato, malandrava pelas ruas, a mãe passava um castigo com esse filho. Às vezes ele encontrava o António na companhia dos filhos do Sr. Capitão e sentia necessidade de que o mundo soubesse que era irmão seu, berrava-lhe de longe «Tonho», começava a ver nele um estranho, a odiá-lo ou coisa parecida. Agora que só tinha a menina, tinha outro no ventre, até se esquecia, agora que Joaquim podia sair de casa, Joaquina procurou o professor:

- ... Se ele pudesse ir prà fávrica.

Havia três fábricas na vila, Joaquim podia empregar-se numa, o professor disse que ia ver disso. E um dia, pela manhã, Joaquina Borralho arranjou o primeiro farnel ao filho que partia. Partia com o grupo que todas as manhãs ia para a fábrica da vila, pequeno, novato, os mais velhos deram-lhe cachações, puxaram-lhe pela língua, o garoto sabia obscenidades que os divertiam.

No vasto salão térreo, roldanas giravam, máquinas, maquinetas, largas correias, um nevoeiro de barulho, os homens berravam para se fazerem ouvir, rodas de ferro, tambores, as cardas, a fiação, em cima os teares, tudo rodava sem fim, do alto caía uma claridade difusa, lã, poeira de lã, o motor matracava ritmadamente e as máquinas rodavam sempre no salão grande e largo em barulheira infernal. Joaquim foi posto na fiação a «agarrar fio» que era por onde todos começavam.

- Este é o mestre.

Um mestre magro e pálido, bigode preto, olhos fundos, o mestre fez a prédica do costume:

- Olho atento no fio. Quando partir dás um nó. Assim...

Deu a laçada da demonstração e foi de novo para o centro tomar conta dos comandos, a fiação avançava comprida e direita como um esquadrão, depois os fusos nervosos giravam miùdamente, Joaquim tinha os olhos bem fixos para atar os fios que estalassem. E lá ficou a abrir uma vida de sombra.

Entretanto o filho mais velho de D. Estefânia, o Eduardinho, fora-se abrindo para a vida de homem, tinha dezoito anos, entrara na Universidade e vinha a férias para os beijos da mamã e do papá. Os meses iam correndo. Um dia Eduardinho decidiu acertar os seus nervos nas férias e procurou a criada na cozinham, a mamã estava para a Igreja, o papá remoía os jornais lá para cima.

- Então Maria...
- Diga lá...

Ela não era bruta nenhuma, percebera a coisa de longe e Eduardinho ficou embaraçado. Ele então recorreu aos seus conhecimentos, cerrou os olhos e atacou. Porém quando se aproximava, a rapariga despediu o cotovelo que dei em cheio na caixinha do peito fraquinho do menino que amuou, não disse nada à mamã e sentiu-se muito envergonhado. Foi então que a luta começou a sério. Maria contou à mãe, Joaquina Borralho gozou:

- Eh! Eh! - as carnes tremiam-lhe nos solavancos do riso - e deste-lhe assim a valer? Eh! Eh!

Muito gostava eu de ver, ora o raio do menino, também queria. Eh! Eh! Estes trampas destes fidalgos...

- Agora já sei que não me larga.
- Queixa-te à mãe. Ela é toda beata. Anda, vê ali as beatices. Isto é tudo assim.

Pensou um pouco e depois descarregou com ira:

- Se ele te tornar a atentar, deita-lhe uma panela de água a ferver.

Depois riu outra vez de gosto, o menino escaldado, ih! ih! A minha filha é uma mulher tesa. Mas logo se entristeceu outra vez. Que valia ser a filha dura? Pobre é saco de roupa suja, caixote de lixo para onde todos despejam. Mas a gente não pode mudar o mundo, isto foi sempre assim, estar agora a gente a pensar em coisas, pobre é caixote de lixo. Se não for deste, Maria será de outro. Quem é o pobre que espera casar com donzela? O João julga que a do Gornicho é limpa, mas ela andou a servir na vila, eh!... aquilo estava mesmo ali para ele. E depois o António tem de ir para padre, e a D. Estefânia é que lhe paga os estudos.

Pobre é caixote de lixo, a ti Ana sabia-o. E eu não queria, não, que isto fosse assim. Mas ele veio buscá-la, falou-lhe de Lisboa, embebedou-se a ela partiu. Partiu ela e o seu canto, tudo se foi, a nossa casa morreu. Ele não queria qualquer mulher, mulher fácil ainda suja mais, a minha filha era linda, servia. Não vale a pena chorar, tudo estava previsto eu avisei-a, ela disse que não, agora não vale a pena chorar.

Um dia o Dr. Soeiro carregou as suas arrobas no carro e veio à aldeia, a tarde era bonita, pôs cinco tostões na mão de um garoto e largou-o em

corrida brava, Maria do Termo veio depois. E todo o rosto se lhe iluminou, ti Ana ergueu o bugalhinho do olho, eles falavam tão baixo, meu Deus! Ti Ana não entendia nada e cá fora um colar de vizinhas rodeava o carro em conversa cosida *tchiu...tchiu...tchiu*, um chiadoiro de cochichos, meu Deus! Ti Ana voltou aos tempos remotos quando a menina gemia na trouxa. O Dr. Soeiro saiu pouco depois e investiu contra a vizinhança como um carro de guerra, as vizinhas ficaram de fronte derrubada, o Dr. Soeiro era uma grande do sítio (500 contos para melhoramentos na aldeia).

- Fica sabendo que não quero cá mais visitas. Não quero, não quero - brandia os bracinhos miúdos como canas.

E Maria do Termo pensou. A meio do caminho de uma aldeia para a outra, ia caindo uma noite de seda, ele apareceu alto e belo. tinha uma casa posta, alto e forte, sim, a espingarda caçadeira e uma matilha de cães, Maria do Termo chegou enquanto ia caindo uma noite de seda. Chegou ela e o seu martírio roendo, consumido.

Que é do teu canto, Maria? Depois, a hora repetiu-se, veio lá do fundo rolando uma onda conhecida, a noite ia descendo e a terra ficava escura, Maria do Termo voltou. Agora tudo estava mudado, o campo e a serra, a vida rasgava caminhos novos, tudo estava mudado...

Cada qual seguia o seu rumo, a do Gornicho ia casar, Maria do Termo ficava. Ficava à beira da rua que levava à igreja, toda a gente viera ver os noivos e ela viera também, tinha uma bandeja de flores. João Borralho e a noiva romperam em triunfo, fato preto e camisa branca, gravata cinzenta, mas as mãos eram negras encrustadas de calos, ela trazia sapatos altos e um corpo esguio de cobra, rosto fresco, hoje vai ser uma noite em cheio, os rapazes emagreciam de narinas dilatadas, enquanto os noivos rompiam em triunfo sob a névoa de flores, Maria do Termo estava na borda da rua. E no entanto a noite ia ficando mais cerrada, o Borralho e a do Gornicho tinham riscado o céu fundo de um clarão aberto, por isso as sombras cresciam. Campo e serra, a verdura das hortas, além... Tudo estava mudado, lá bem no fundo do tempo a vida tinha morrido, além... Nunca mais a cana do braço de ti Ana se alongou com o dedo apontado, a roda dos meninos desfizera-se, era o fim. Por isso ti Ana foi-se chegando para a cova que eram horas. Um garotos badalou a campainha pelas ruas da aldeia, «Quem morreu? Foi a ti Ana do Termo, coitada, lá ficou aquela desgraça da filha foi ela que a matou», um garoto badalou a campainha. Não tinha dinheiro, não tinha caixão, foi no da Misericórdia embrulhada num lençol, despejaram-lhe para uma cova pequena o corpinho miúdo, as ripas dos braços (foi além...), deitaram-lhe terra por cima, no ar ondeavam cantigas e tudo acabou.

Tio Gorra escreveu:

- Comecei agora...

Começara a trabalhar nas docas, bons lombos Deus lhe dera, tinha força de cavalo, vá lá a gente ver estes trampas dos fidalgos.

- Pois sim, mas falou de uma maneira, só queria que vossemecê ouvisse o Eduardinho...
- Ai o rai'da rapariga que já me anda doida. Querem lá ver... Fica sabendo, se me arranjas alguma desgraça, eu racho-te de meio a meio. Rua, que é sala de cães. Ora o estepor...

Joaquina Borralho tremeu, tremeu o seu carão redondo e a pequenita chorou no berço. A mãe irritou-se mais, cala-te, alma do diabo, a menina chorou ainda, cala-te, não se calava, Joaquina Borralho virou a garota de rabo para o ar e descarregou palmadas que lho deixaram vermelho, a menina subiu o tom ao choro.

- Não bata assim na criança. Ela tem mas é fome, minha menina pronto, pronto...

E ao calor da irmã, a menina desceu o tom ao choro, «deixe lá ver alguma coisa», Joaquina foi buscar uma tigela de feijões.

- Vocês dão cabo das crianças, metem-lhe tudo no estômago. Feijões não são para as crianças, disse um dia o professor, já a menina os cornia, estava muito quieta caçando-os com a mão da tigela, queria vinho, estendia o bracito para o Manuel e ele dava-lhe a provar.

Mas o professor está sempre contra tudo o que a gente faz, eu quando desmamava os meus filhos, dava-lhes logo de tudo e eles não morreram graças à divina Providência, e se morressem... Assim eles são rijos, o professor pensava, são submetidos a uma seleção natural, não é preciso o monte Taigeto, ou resistem ou morrem, assim eles são rijos, e os ricos dizem «vejam como eles têm saúde», quando o estômago e os intestinos aguentam o feijão e o corpo se esturrou às solheiras, e que importa que morram? Logo vêm outros. Triste sorte, mais um no ventre, deve nascer lá pra S. Francisco. Foi-se o homem, triste sorte, eu bem não queria, ele teimou, agora mais um filho, mas talvez morra, Deus é pai de infinita misericórdia.

Tanto o era que Joaquim conseguiu empregar-se na fábrica. E que alegria quando ele trouxe no sábado duas moedas, uma de dez e outra de cinco, quinze mil réis! Quinze mil réis, Joaquim, tu já ganhas dois mil e quinhentos por dia! Com método e com orgulho Joaquina Borralho foi informado de uma a uma as vizinhas todas:

- O meu Jaquim já ganhou a primeira féria. Quinze mil réis, o Tonho fez a conta e estava certo.

Mostrava as moedas: - estavam ali, e ria como para atenuar a sua infantilidade, pobre Borralho, quinze escudos para ela eram uma fortuna.

Joaquim viu com surpresa que a mãe lhe extorquia o dinheiro todo e perguntou:

- Atão e eu não fico com nada?

Lembrou-se do tempo em que todos os tostões que mostrava à mãe se sumiam nas dobras do lenço sujo e caíam para sempre no bolso do avental.

- E eu não fico com nada?

Sim, era um injustiça não rachar os cinco escudos para dar uma coroa ao pequeno.

- Espera, deixa-os trocar.

Ali tinha agora ele a miséria de cinco tostões. Porque agora Joaquim já não pensa em papagaios, quer mais dinheiro, quer beber um pirolito, custa dez tostões, dê-me ao menos dois mil réis...

- O rapaz stá maluco!
- Pois... Se fosse agora não lhe dizia quanto ganhava e depois queria ver...

Bem instada, retirou da moeda mais um escudo, quinze tostões já é muito dinheiro, se a gente não tem mão em si, o rapaz faz-se um bardino, farta de bêbedos ando eu. Olha, aqui vem este agora...

Sim Manuel Borralho emborrachara-se. Vinha da sorte, trazia a enxada às costas, a taberna ficava no caminho... Um homem precisa de esquecer, eh! Mas a tristeza derramava-se nele, ficava nele como nódoa, ia bebendo, que há-de a gente fazer? A taberna ficava no caminho. Também o

seu fundo cru ia berrando urros de fera, os músculos encordoavam-se, duras amarras de aço, enquanto os olhos se abriam aterrados, Manuel tinha de cometer um crime, ele não tinha culpa, não, caramba, isto vem cá de dentro da gente, rói a gente cá por dentro. Esbarrondou-se no banco, estava morto de trabalho, o domingo era o dia do Senhor, mas a sorte tinha de ser limpa depressa. E por ali ficou esmagado, o taberneiro riu com riso fanhosos enh! Enh! Enh! tinha uma cabeleira grossa como lã churra, homens cantavam ao desafio, lá fora o sol ia torrando a estrada branca, a serra mirrada, a aldeia, ia torrando. Chinola vergava, era sono ou que era? depois ergueu a cabeça abandonada e encostou-se à parede, que so...nei... ra. Ronronhava sons arrastados, ninguém lhe ligava importância porque estava pronto. De repente os olhos brilharam-lhe, estendeu o braço com um dedo espetado para o Borralho e disse:

- Sei um ninho.

Borralho não o ouviu ou não ligou, Chinola insistiu:

- Sei um ninho de Soeiros no Termo

E a cabeça pendeu de novo, o taberneiro estava interessado enh! Enh! Enh! Pediu:

- Conta lá isso, enh! Enh! Um ninho de Soeiros, ó Chinola? É pássaro bisnau...

Chinola, vergado, lá das profundezas, que disse o carão do taberneiro? Lá das profundezas do nevoeiro lançou:

- Temos mais um melhoramento na terra, o Doutor Soeiro é um homem e tanto.

E Borralho foi descobrindo a sua raiva e levantou-se atordoado de navalha aberta, crescendo para o Chinola que ficara imóvel de cabeça pendida, «sei um ninho». Todos os homens disponíveis se entrepuseram, segurando o Borralho, Chinola ergueu de lado um olho mortiço, que barulheira era aquela? Manuel Borralho aquietou-se, vomitando em palavrões grossos a raiva que o comia. Depois encaminhou-se para casa, sòzinho, olhos por terra, a mãe insultou-o logo à entrada, mas ele cortou-lhe a corrente:

- Vá à...

E Joaquina calou-se. Manuel Borralho adormeceu.

Só Maria do Termo não dormia naquelas noites sem fim. Sentia-se abandonada naquele extremo da aldeia, porque não nascia o menino bem depressa? A mãe fora-se embora, meu Deus! Os homens olhavam-lhe para o ventre, como a vida é engraçada! Para o ventre que a esmagava de vergonha e lhe abria um caminho de esperança no tormento que era seu. Queria agora cantar, sim, queria agora entontecer num canto de delírio, como a noite é longa e escura nome de Deus! Não há estrelas no céu, pelo silêncio fechado não corre um grito de luz, sim, eu queria cantar mas a minha boca fechou-se numa amargura tão grande... Mas o filho ia chegar. Naquela manhã Maria do Termo sentiu que a sua hora tinha vindo, e não se levantou, andava aos dias, na véspera fora levar roupa, não pôde, voltou para casa cedo e não comeu. Mandou um garoto chamar a senhora Felícia que era parteira e bruxa, só a cara o mostrava, boca retraída, nariz recurvo e as mãos... Ao meio dia, justamente quando o sacristão badalava as trindades, Maria do Termo era mãe. Durante oito dias não saiu à rua e o Dr. Soeiro não vinha, e para quê? Ele já não precisava de Maria do Termo e jurava pelos Santos Evangelhos, às cinzas dos que já lá estavam que o garoto não era seu. Eu quis fazer dela alguma coisa, levei-a para Lisboa, meteu-se lá com um marinheiro que é daqui dos sítios, ainda a avisei. Quando Maria se ergueu veio até ao balcão com o rosto escorrido e velho.

Manuel Borralho andava-lhe no encalço, agora é que era. Não a queria para mulher, não, porque Maria tinha mudado para ele que a via agora com outros olhos, já não tinha medo de lhe falar, ela estava usada, mas quando dias depois lhe disse coisas grossas, Maria do Termo acudiu:

- Parece impossível. Veres-me com um filho nos braços e falares-me dessa maneira.

E ficou muito triste, muito triste mas não chorou. Foi então que a raiva nasceu mais forte no peito do Borralho, tinha de cometer um crime, não sabia bem as razões, quer dizer, via que era melhor desprezar tudo aquilo, mas o ódio crescia mesmo assim e um homem tem de desafrontar a sua honra. Todavia, talvez não fosse bem por isso, a gente às vezes não se entende bem, o que ele queria era ter casado com a Maria do Termo quando foi possível e agora tem de vingar-se em alguém, isto não tem discussão, possa! Vêm-me cá com razões, mas que raio, e então: hão-de fazer de um homem o que lhes apetece? Isto não pode ficar assim e tem de levar volta.

A tarde caía lenta e mansa, o azul do céu apagava-se. Gritos de aves cruzavam-se no ar, um sossego de bênção, a paz descia aos corpos

extenuados, na terra mirrada a vida ia dormindo. O professor derramou-se na soleira da porta, estendendo os pés nus metidos em chinelas de ourelo, meditando. Os filhos davam-lhe empurrões entrando e saindo de casa, corriam pela estrada descalços e sujos, gritos desencontrados, tornavam a entrar e a sair de casa, a dar empurrões, nome de Deus que não deixam uma pessoa descansada. As batatas estavam mirradinhas e o cebolo, então o vèdor disse que o Sr. Professor podia regar nesse dia, lá andou debaixo da estorreira do sol, agora estava ali arrasado, mas os pequenos faziam-no de fel e vinagre.

- Mas que andam vocês a entrar e a sair?
- Vou buscar o arco.
- Vou pôr o arco.
- Vou buscar a bola.

E pronto. *Eh! eh...* gritos de garotos alegres, correrias, gralhada fresca, pardais estralejavam chilreios que ensarilhavam o ar. O professor encostava a cabeça embranquecida à ombreira da porta e ia observando quem passava. Gente de fora, gente da cidade de sapato bom e calça branca, sem gravata por espírito de coerência, alguns eram dali mesmo, mas viviam em Lisboa o que lhes dava certa importância. Passavam bandos representativos das várias classes. A classe do clero era constituída por um rancho de seminaristas de todos os tamanhos como uma gaita de capador, o Borralho já se ia agregando, mas ainda não tinha fato preto, ele ia nesse ano para o Seminário, segundo os desígnios de Deus. O povo tinha vários grupos escalonados, artífices, rendeiros de grandes propriedades, o enxurro ficava junto da taberna que era a sua sede e o professor ia observando como ali, naquela pequena aldeia se podia apreender toda a engrenagem social. Cada qual se fechava no seu grupo odiando os de baixo, bajulando os de cima. Do vértice mais alto partiam duas linhas que se iam apartando até ao fundo. Era nesse triângulo que se encaixava a aldeia, o país, o mundo inteiro. Os da base ficavam na taberna que era a sua sede e aguentavam o peso dos de cima. Os do vértice superior eram poucos mas os de baixo defendiam-se porque tinham o interesse próprio a defender, o professor pensava. Pensava que era um erro crasso ver-se na massa trabalhadora e operária uma coisa uniformemente esmagada. A oposição não se fazia por charuto - pirisca, sapato de polimento - pé descalço. Por isso o *statu-quo* dificilmente seria abalado, entre o charuto e a pirisca havia o cigarro feito e o cigarro de onça... Cada qual pensava que para baixo estava a pirisca e, tendo de mudar, só para charuto. Assim é que estava certo, a orgânica social era bem mais complicada do que a esquemática sistematização de contraste. Quando um elo se quebrava logo os outros aderiam, o enxurro é que se amolava,

porque só ele não tinha quem esmagar. Tudo mais se ia vingando na classe inferior, procurando o apoio na que estava logo acima. E, por sobre tudo, nem sequer muitas vezes a consciência da sua sorte punha nos músculos dos restos a força do desespero. Por isso tinham de aguardar que a luta partisse do cigarro de onça. Mas como, se era justamente aí que se fazia uma maior resistência passiva? Havia os indiferentes, os que estavam à espera da última moda, os inteletuais que se masturbavam com conceitos refinados, que falavam muito no Homem, com H grande, nas suas cavernas psicológicas, que desprezavam soberanamente a base de todas as construções: - oão. Se um escritor falava nas torturas da plebe, logo a elite proclamava que o homem «primário» não tinha interesse.

Para quê contar-lhe as torturas fisiológicas? O importante eram as torturas psicológicas, mas esqueciam que para ele próprios se darem a esse luxo do alto conceito tinham primeiramente de acalmar a entranha sórdida. Berravam que nem só de pão vive o homem, como para convencerem os outros de que eles viviam do ar.

O professor sentia-se arrastado pelo tumulto das reflexões, ergueu-se do degrau, foi até à ponte improvisada em madeira.

Primeiro o pão. Aqueles garotos de Tucídedes, isolados de toda a gente, a primeira palavra que forjaram foi *bécos,* pão. Mas a comédia não acaba. O homem sente pudor em afirmar-se animal e é animal cem por cento. Para disfarçar a brutalidade do comer, complica o talher, inventa mil regras de civilidade, como se deve trinchar um pato? Um xilofone de cálices e copos, criados de colarinho teso, mas ele no fundo, o que pretende é comer. Por isso o «primário», os restos são desprezados pela classe do cigarro de onça. Ele quer também é comer mas infelizmente não sabe dizer a coisa de outra maneira.

Nem só comer.

Manuel Borralho largou da taberna, a estrada abria-se para fora da aldeia: - caminhar. Trouxe o seu corpo pesado, a sua cabeça fechada, trouxe o ódio que o roía, mas à ponte perdeu tudo. E nasceram-lhe em troca uns olhos de ternura para a sua leira que ia ficando limpa de areia e pedregulho. Porque não era a leira mesmo sua?

- Stá aqui, stá pronta. Prò ano já semeio.
- Se semeares...

Disse o professor. E ele tinha umas palavras escuras que sempre significavam muito.

- Atão porque não havia de semear, senhor professor?
- Tu fizeste algum contrato por escrito?

- Por escrito... Mas isso nunca se viu. Um homem tem a sua palavra e é quanto chega.
- E se depois de teres preparado a terra, tirado a areia, ele te sobe a renda? Hã? Se ele te disser: - agora as coisas subiram e tal etc., a cantiga do costume? Que é que tu fazes?

Foi um urro que a fera largou lá do centro de si mesma. Manuel já vinha carregado de ódio e o professor estava a picá-lo, eu matava-o, eu escarrava-lhe em cima, tirava-lhe as tripas com uma navalha, esborrachava-lhe a cabeça, extirpava-lhe os olhos, retalhava-o às rodelas, eu seja cão, oxalá me metam o focinho num monte de trampa se eu o não trabalhasse. Largou:

- Matava-o

E naquele ronco explodiu todo o rancor, o queixo ficou a tremer, livra, se o ladrão está bêbado, bem me cose, o professor ergueu-se cautelosamente e pensou esta frase que disse depois:

- Ele não te fazia uma coisa dessas.

E o Borralho bufou os restos da indignação, canudo! Ele vinha derrancado, o professor tinha-o cosido mais. Mas agora o professor dizia outra coisa, o Borralho passeou-o vagamente com raios de sangue que se cruzavam nos bugalhos dos olhos, o professor dançava, balouçava, depois Borralho olhou a leira bem comprida, já quase limpa de areia, gentes passavam como a tarde estava boa! As pernas arqueavam-se, e largou estrada fora, para quê? Queria acertar as ideias, as pernas vergavam, estarei bêbado? Olha que raio! Dois copitos põem um homem de cangalhas ao ar, o Soeiro e a Maria, o professor...; mas então o safardana ia-me, pedir mais medidas? Eu matava-o. Tão certo como eu ser Manel, - queria acertar as ideias. Estrada estreita, estrada larga, eu tenho de malhar com os ossos na África, mas morra um homem e fique fama, já me estendo mas é aqui...

Bebeu ainda água da fonte de duas bicas, de uma a água jorrava abundante, a outra era seca, lembrava uma cara de zarolho, Manuel Borralho bebeu e depois deitou-se, a tarde era quieta. Tarde de sossêgo, o céu era uma concha já picada de pirilampos, curva de seda macia, tarde repousada. Para que passou o Bogas mesmo em frente, caramba, mesmo em frente como a desafiá-lo? Ele estava para ali derrubado, o Soeiro, a Maria, o professor, cada qual puxava para a sua banda, um homem nem sabe mesmo o que fazer. Deitara-se no restolho, o estômago chocalhava a água que bebera. E a brisa era fresca, o céu começava a ter estrelas, tudo era

bom e adormecia como lago. Porém o Bogas passara com o seu ar de rufia estragado, já não valia a pena pôr gravata e os dedos dos pés iam rompendo pelas brechas dos sapatos. Agora apetecia malhar nele como em centeio verde, o pulha. O Bogas passara e enrodilhara outra vez a cabeça do Borralho, canudo ele não tinha culpa, ele estava para lai esbandalhado no restolho, o cordel que segurava as calças arreara e a barriga espreitava pela camisa repuxada, estava para ali. Mas o filho da mãe do Bogas, mãos dadas atrás no rabo, lá vinha ele a menear-se, não tinha emenda, não era mesmo carregar-lhe logo ali?

- Ouve lá, ó meu proa!

Bogas estacou vivamente.

- Olha que se pensas que eu me esqueci, stás enganado. Hás-de te haver co'um homem...

Soergueu-se com esforço, as penas cediam e veio-se aproximando. Bogas olhou em redor cautelosamente. Ninguém. E de um pincho precipitou-se sobre o outro como um raio. Nos bolsos estalaram as navalhas de mola, Borralho ao primeiro impulso esbarrondou-se no chão. Ofegante, tinham nos olhos o ódio recalcado em mil gerações e lestos despediam golpes nos braços, no rosto, músculos tensos, um sobre o outro, rolavam, rebolavam-se, pernas cruzadas, braços cruzadas navalha empunhada sangrando. Pelas ventas o sangue jorrava, o sangue jorrava pelos cantos das bocas, numa fúria desabrida, os cabelos empastavam-se em sangue e suor.

- Queres mais?

Borralho não respondia, só queria cravar o outro bem no bucho, mas o pulha defendia-se como um endemoninhado. Bogas não queria matar, teria de malhar com o costado na África, mas havia de marcar bem o Borralho, braço lesto, navalha de ponta, e riscava-lhe todo o corpo, olhos incendiados de furor. Também ele viera de uma raça que empoçaram em crimes, tinha no sangue a febre do ódio recalcado através das gerações. E o seu braço era vigoroso, navalha aberta, na cara do adversário os golpes abriam veios de sangue. Foi quando um magote de homens veio em correria e os apartou. Sangrando sempre, abandonavam-se nos braços que os erguiam, cabeça pendida, as duas navalhas tombaram para o restolho das mãos lassas que as seguravam e ficaram ali sob o céu de estrelas, coalhadas de sangue fresco na noite que ia descendo.

Na noite que ia descendo, Joaquina Borralho caminhava a custo pela estrada branca, os carros passavam numa correria doida e erguam nuvens de pó que enrolavam quem tinha de andar a pé. Viera da vila, o filho estava no hospital. Não lhe dissera nada, entrara na enfermaria, o filho tinha o rosto coberto de ligaduras. Mas da cama derramava-se a mão calosa, enegrecida do trabalho e Joaquina Borralho tomou-a entre as suas.

- Pra que veio você cá?

Não se moveu, os olhos estavam cobertos de trapagem, mas as mãos duras da mãe eram bem conhecidas. E falou. Falou com o rancor que vivia nele, Joaquina compreendia-o. Estava já habituada, a gente fala mesmo assim, pobre não sabe falar doutra maneira.

- Deixa-te star calado, não fales, que te pode fazer mal. Olha, trouxe-te estas maçãs, ficam-te aqui na mesa, agora se calhar nem as podes comer.

O filho não respondeu e Joaquina aproveitou o silêncio para olhar a enfermaria que era pequena. Três janelas largas, o estuque a estalar, lá de fora vinha o barulho da vila. E descobriu ao fundo os olhos destapados do Bogas, que rebrilhavam. Então Joaquina Borralho teve uma vontade doida de ir à rua buscar uma laje bem grande e descarregá-la na cabeça daquele bandalho de modo a esborrachá-la bem.

Agora vinha pela estrada branca, sentia uma angústia muito grande, o ventre doía-lhe e os carros passavam em correria louca arrancado nuvens de poeira. Sentou-se na vereda, tinha o rosto branco de cal. A noite ia descendo, mas ainda mal se viam as estrelas, tinha tempo de chegar a casa. O Joaquim bem podia ter vindo com ela, mas desde que entrara na fábrica a fábrica, a fábrica tomara conta dele, já não era da mãe, só para lhe lavar a roupa muito negra do óleo da fiação, porque os escudos eram uma porcariazita, uns mil réis que não davam para mandar tocar um cego. Nesse dia o garoto seroava até lá pela madrugada, vida de cão, mas ele gostava daquilo. Falava da fiação, do mestre da fiação e do mestre das cardas, na fábrica não conhecia ninguém superior.

Joaquina Borralho sentou-se na vereda, se passasse alguém, nome de Deus era uma sorte. Aquelas dores no ventre não a iludiam, sim, ia ter mais um filho, triste herança o homem lhe deixara, que a enchera de filhos e filhos e mais filhos, faltava ainda agora este. Não sei como é que os ricos não têm filhos como a gente, a gente é uma bruta não sabe nada. E ela bem lhe dissera, está quieto, homem, parece que adivinhava, corpo de uma Borralho é terreno fértil que nunca nega filho.

De repente as dores foram mais fortes, meu Deus que eu morro. Dores agudas, dores amplas que a abarcavam desde a cabeça aos pés, e ninguém passava na estrada poeirenta senão os carros apressados. Dobrou-se, deitou-se ao longo da vereda, a criança nasceu mesmo ali, enquanto pelo céu escuro as estrelas iam abrindo os olhos brilhantes. Joaquina não podia pensar tinha apenas dores, dores fortes e sabia apenas que ia morrer, era bom morrer ali, morrer de uma vez, que já estava farta da vida até à raiz dos cabelos, que lhe tinha dado a vida? Tinha sido sempre uma moira de trabalho, nunca pudera levantar a cabeça, que importava morrer? Ao menos acabava-se tudo de uma vez. Quando viera ver o filho ao hospital parecia que adivinhava, aquilo estava para breve, mas teve de vir ver o filho, que saíra das suas entranhas e que era seu, tinha o seu sangue, a sua condição de desgraça. Agora estava ali à espera que as dores abrandassem e pudesse pegar na trouxa, a criança gritava, como havia de chegar a casa?

Foi quando um homem passou. Morava perto, era caseiro de uma herdade, vinha também da vila. Joaquina quis encobrir a sua vergonha, ela era uma desgraçada que tinha filhos nas valetas, mas o homem percebeu tudo e desatou numa corrida, eh! Mulher! Chamou, a mulher veio do fundo da horta, ele contou. E todo o rosto era uma aflição muito grande, queria falar, mas as palavras atravancavam-se na garganta, bufava como toiro e o suor escorria. Veio ele e a mulher, levaram Joaquina para casa e a criança, todo o céu agora rebrilhava com as luzes acesas e pelos campos e serra, pelos casais perdidos, pelo mundo além a paz descia com as bênçãos largas do fim. Joaquina pediu água e disse que não senhora que não era preciso deitar-se «à gente já nem lhe custa ter filhos, a vida que faz é tê-los, eu, graças a Deus, tenho um corpo forte, aguento com tudo».

- Se não fosse um filho que tenho no hospital, eu não tinha saído de casa. Mas ficava com remorsos na consciência... Tenho é sede, se fizesse favor...
- Mas vossemecê não vai hoje daqui.
- Ai vou, sim. Eu nunca fiquei doente...

O homem teimou, a mulher insistiu, Joaquina veio de manhã cedo e disse que muito obrigado, Deus lhe pague, ainda há boas almas no mundo.

- A gente tem que se ajudar uns aos outros e vossemecê devia era ir de carro.
- Olha de carro... Burro velho já não toma andadura, a gente só sabe andar a pé.

Mas quanto lhe custou! Isto estou é já gasta, sou ferro velho, é deitar prò lixo. Também agora os comeres são poucos, a féria do Joaquim, que é que dá? A Maria lá vai arrebanhando o que pode, e é o que vai valendo, mas ela é burra, não tem jeito nenhum. Se fosse eu... Aquela casa é uma casa de fartura, ela podia trazer-me muito feijão e batata e azeite, mas diz sempre que tem medo. Depois para ver se o irmão sempre vai para o Seminário... Eu nunca acreditei em nada disso, agora pra padre. Ele o rapaz é fino que eu nem sei a quem saia, só sendo ao tio que sempre foi homem pra arranjar a sua vida por lá. Mas eu não posso andar, isto é que foi uma, bem fico por aqui.

Sentou-se de novo, branca e branca, o corpanzil alastrou pelo chão e a criança mamou outra vez.

Duas horas se passaram até que o carro de bois da D. Estefânia veio gemendo de um caminho, lá de umas propriedades que o Senhor Capitão tinha para o pé da estrada real.

- Eh! Calhau!
- Eh! Joaquina! Atão que raio foi isso, mulher, que já andas aí com outro ao peito?
- Leva-me no carro.
- Salta lá prò carro tu e a cria. Mas olha lá... Isso! Senta-te deste lado, não me vás esmagar os ovos.

E o carro andou, Calhau ainda disse:

- Olha como tu vais, que nem te tens de pé. Deita-te prài, co'um raio, que vais mais morta que viva.

E foi todo o consolo da Calhau, que não sabia dizer mais nada. E até mesmo à filha de Joaquina, à Maria, ele não soube dizer quase nada: - encontrei a tua mãe numa valeta, ela já teve a criança, e Maria parece que ficou indiferente. Só lá por dentro a novidade crescia, toda a fartura daquela casa entrou pelos seus olhos gulosos, a mãe estava doente, tivera o filho no caminho da vila e não tinha que comer. Correu à cozinha e olhou, sim, olhou, fruta madura, um jarro de leite, batata e carne, tudo ali bem na sua frente, era só estender a mão, não viam? Podia ser mandada embora e o irmão não seguiria um modo de vida tão bonito, bem bonito, os padres têm do bom queijo e tudo o que é bom, a D. Estefânia tanta coisa como mandava ao senhor prior, mas tudo estava ali mesmo à mão. Não podia agora pensar bem como fazer, porque era uma pressa, queria era levar alguma coisa, ela não era nenhuma ladra, nunca ninguém pudera ofendê-la assim, da fama não se livrava é certo, mas não, nunca roubara uma palha

porque fazia sempre as coisas sem dar nas vistas, mas agora? Olhou em roda, escutou. A outra criada saíra, o patrão estava em cima, a patroa na igreja. E não refletiu mais, arrebanhou o que pôde e tomou ao colo a irmãzita que na véspera achara acocorada à porta, quando a mãe já tinha partido para a vila. A miúda andava aos trambolhões pela aldeia e era uma sorte que ficasse debaixo de algum carro porque era muito pequena e levava muito tempo a criar, mas os carros não passavam sobre ela, havia sempre quem a desviasse da estrada:

- Deixarem andar uma criança assim pela rua. É não terem mesmo consciência nenhuma.

Mas não era verdade, Joaquina Borralho tinha até muita consciência, mas a vida era tanta... E os outros também se tinham criado pelas ruas, nunca nenhum carro os pisara, ao menino e ao borracho, é bem sabido o ditado. A vida é muita, a gente tem sempre que fazer, não se pode acudir a tudo.

Joaquina Borralho estava sentada com todo o seu corpo na soleira da porta, suando, branca de cal. Estava pronta, já não tinha aquela força de outros tempos, que mulheraça! Tinha os filhos e começava logo a trabalhar, o corpo dava para tudo, caramba, corpo duro de valente. Maria descarregou os comestíveis.

- (Deite-se mas é, stá agora aí com essa cara que até parece que a desenterraram.
- Espera... Stou mesmo avezada a ir prá cama,)

E foi ao berço examinar a criança sem qualquer espécie de interesse. Habituara-se a ver nascer cada ano um irmão, aquele era mais um.

- Lá em casa não terão dado conta? Tu trouxeste tanta coisa...
- Ná... E se derem, deram.
- Se derem, vens pra rua e são capazes de ter meterem numa cadeia.
- Não stava ninguém em casa, só stava o patrão no quarto.
- Isso não quer dizer.

Passou a mão pela fronte a escorrer, olhou em volta, o sol chapava-se na placa do largo, do monturo vinha um cheiro nauseabundo, caruma empastada em esterco, moscas gordas zumbiam. Levou os olhos depois até ao berço, e ali os deixou ficar um instante com o filho que adormecia.

Um silêncio abafado desdobrava-se pelos campos quietos pregados numa imobilidade de terror. Do solo ressequido erguiam-se labaredas

trémulas, e toda a aldeia se comprimia recolhida na ardência que mirrava os campos e a serra, pedra e tojo, sem um gorgolejo de água cantarolando nas regueiras. Parecia que Joaquina Borralho tinha medo de rasgar o silêncio implacável que se abatia sobre as coisas, e por isso na sua massa quieta apenas se movia de vez em quando a mão grossa e rugosa para enxugar a fronte que se fundia em suor. Por fim sorriu e falou:

- E atão lá o menino? Nunca mais te atentou?
- Oh! Só quando não pode...

Joaquina respirou fundo e num sorriso largo balouçou a cabeça. Uma ideia útil enevoar-lhe o pensar e não lhe permitia ver senão que era realmente muito útil. De maneira que não teve tempo, apesar do silêncio, de refletir se não era tão boa como julgava. E falou. Baixo, por causa do Joaquina que dormia a sua noite:

- Tu podias era fazer uma coisa, eh! Eh! Tu davas-lhe a entender que sim e coisa, que talvez lhe fizesses a vontade e ias-lhe apanhando o que pudesses. Fosse eu... Vós nem sei pra que tendes a cabeça. Olha, uma vez ainda eu não falava prò teu pai, veio ter comigo o Borrego velho, tu já o não conheceste. Foi até no caminho do cemitério. Aquilo era Jaquina pràqui, Jaquina pràli, se tu quisesses e coisa, eu só lhe disse: que é que você me dá? Olha que me não saí de mim... Fiz de conta que sim, que queria, e eu queria era apanhar-lhe da boa batata e feijão que ele era rico, já era viúvio. Ora, não te digo nada: - aquilo foi um correr de coisas cá pra casa que até tua avó que Deus tenha em descanso me meteu num inferno. Mas eu só dizia: - deixe lá star, que ele não leva nada daqui. E não levou. Um dia, já era ao escurecer, quis-se fazer atrevido, julgava que já podia e ia a deitar-me a mão. Ora! Dei-lhe um safanão que o deitei prà valeta. Ele já era velho, coitado, eh! Eh! Eh! Até depois tive pena. Mas foi assim: deitei-o prà valeta e mim é que se me cá importava. Toda a gente fez pouco dele, o Zé barbeiro até lhe fez uns versos pelo entrudo. Comi-lhe o que pude e depois mandei-o à outra banda. Vá lá prà mãe que o deu, queria fazer pouco de mim, mas achou-se ao engano. Pois tu podias fazer o mesmo.

E Maria disse apenas:

- Eu não tenho cá feitio pra isso. A mim, quando me atenta dá-me mas é logo vontade nem sei de quê...

No entanto não era bem assim, Maria sabia que não era bem assim porque havia o mistério do amor a desvendar, era uma curiosidade que a mortificava sobretudo à noite e de manhã, e seria mesmo só curiosidade? Em todo o caso, apesar de o Eduardinho ser homem, parecia, Maria achava sempre maneira de reagir, embirrava com o raio do rapaz, então? Quando ele vinha com falas mansas, lembrava-se logo do que é que queria e depois era filho da patroa, Maria sentia logo não sei que raiva a crescer e a curiosidade também só vinha à noite quando era escuro e tudo estava calado, era assim.

- Mas tu não perdias nada e olha que agora bem nos fazia jeito alguma coisita - disse a mãe.

Maria ficou pensativa, quem sabe? Afinal não é nada do outro mundo, de modo que logo daí a dias experimentou porque o Eduardinho tinha o seu problema a resolver e a criada, caramba! Era um bocado e tanto.

- E quanto me dá?

Chapou-lhe com a pergunta, ele pulou. A cachopa estava no bom caminho, ele era um tipo batidíssimo, sabia levar a água ao rego. Em todo o caso foi corando com a pergunta, porque isso não estava na sua mão, mas sabia levar a água ao rego, de forma que concentrou-se para tomar medidas e depois propôs:

- Dou-te o que quiseres mas só depois.
- Tá maluco! Não senhor; primeiro dá e é se quer...

E ele tornou a oferecer tudo, mas só depois é que dava. Maria não arrancou da sua e o raio das férias que eram tão compridas, a aldeia era mesmo uma porcaria de terra teve de começar a ir dando alguma coisa, a ver se a coisa ia, mas não foi. Joaquina Borralho foi enchendo o saco eh! Eh! Mas olha lá, tu foste na fita? Hã?

- Qual na fita... deixe correr!

Corriam batatas, corria azeite, mas quando uma vez correu um dinheirito que o Eduardinho roubou à mamã foi o fim do mundo.

- Eduardo! Tu mexeste no dinheiro?

Ele gaguejou, que burro. Foi o bastante para D. Estefânia descarregar um sermão e prometer sanções de arrasar com a intervenção do papá.

- Tu andaste-me a comer por lorpa, minha reles - disse ele por fim e Maria gozou.
- Atão que é que o menino quer? Nunca houve ocasião...
- Meu estupor...

Isso é que me cá rala, palavras leva-as o vento e o verão foi acabando. O azul do céu esmaeceu, outono! Pintaram tudo de cores pálidas e as gentes quando olharam o céu e entristeceram, Joaquina Borralho entristeceu-se também e não foi preciso olhar o céu. Era uma mina de largo filão aquela da casa de D. Estefânia, mas acabara. Enquanto a aragem breve bafejava brandamente balouçando em dormência a ramagem do arvoredo e que bom, meu Deus! Que ia um calor de rachar! E a ramagem do arvoredo tombava sobre a frieza do chão, os veraneantes iam-se chegando à cidade, mas vejam que beleza o verde dos lameiros, - só os pobres foram pensando que tinham o inverno à porta. Os poetas sonharam mais uma vez, com persistência, com uma terra impossível, com portos ignorados e boémia de marinheiros vagabundos, porque era bem de ver que este sonho andava na mornidão do outono. Joaquina Borralho, sabes tu o que pensam os poetas? Sabes tu o que são poetas? Eh! Mulher! Que nunca atingirás o limiar dos segredos da vida. Nunca saberás que um homem é tanto mais rico de humanidade quanto mais puder complicar as coisas simples. Descobre-me tu contradição onde todos vêem lógica, vira-me o mundo de patas ao ar, dize que está patas pra baixo, mostra-te convencida disso, e serás profunda, Joaquina.

Não digas que são parvoíces porque é com estas parvoíces que se enriquece o «património da Humanidade» com H grande e tu sabes que bicho é este da Humanidade? Saberás tu ao menos que te querem por força meter também na pele desse bicho e tu não estás lá, Joaquina porque em boa verdade te digo que só lá estará quem deu à luz o mesmo bicho. Nem tu nem os teus filhos, nem talvez Maria do Termo, e depois do outono, voltou verdadeiramente o inverno mas para os pobres porque só eles o tinham previsto.

Ora um dia aconteceu que Maria do Termo achou a sua hora e partiu. Não partiu porém para as terras impossíveis dos poetas, ou talvez partisse e foi decerto esse o seu mal. O seu corpo fecundado tinha agora sonhos acessíveis a todos, mesmo porque poucos saberiam sonhar de outra maneira enfeitada, pobre é pobre em tudo, só alcança o que está diante do nariz. Por isso é que tinham vindo todos, toda a aldeia viera, até mesmo o Chinola e os seus ossos vergados. Manuel Borralho saíra do hospital e todo

o ódio se lhe derretera em frente da leira que era sua. Mas um dia alguém o levou pelo escuro ao longo de um caminhou perdido. Foi então que o outro apareceu. Para que contar o resto? Alguém lhe ergueu o estadulho e o descarregou com a fúria acumulada na cabeça do Soeiro. Rebentaram nele os urros da fera que vivia bem no centro dos seus nervos, do seu músculo empedernido. E a navalha de ponta estalou e rasgou veios no rosto largo do outro, até que o sangue escorreu todo. Meteu-lhe a cabeça no lamaçal e a obra estava cumprida. Todo o mundo gritou o nome do criminoso, porque era conhecido desde os começos do mundo. Vinha o grito de tempos imemoráveis, vinha dos faraós e dos patrícios, vinha dos senhores feudais. Toda a gente sabia que o Borralho tinha morto o Soeiro. Toda a gente sabia que ele queria matá-lo e foi esse, talvez, o seu verdadeiro crime. Tudo o mais estava feito e os homens repetiram a condenação de sempre. Ele partiu. Ninguém pensa na sua volta, nem talvez a mãe que o foi ver à prisão e disse apenas:

- Ai homem, que te desgraçaste! - mas quase nem pensou no que disse.

E ele não respondeu, tinha a mãe diante de si, seria mesmo a mãe? Sim, era, e então soergueu o rosto envelhecido e perguntou num desespero:

- Mas que veio você cá fazer?
- Ai homem que te desgraçaste!

Agora que estava a sós com o filho podia sentir por ele como que repugnância porque era um assassino de instintos ferozes, matara o Soeiro, e no entanto não sentia. Nem medo, apesar de Manuel a comer com olhos torvos, nem medo, nem mesmo dó.

- Eu matava-o outra vez se pudesse.

Vinte anos de desterro, mesmo a forca, ainda assim valia a pena matar o Soeiro, matar outro que fosse, Joaquina sabia-o bem. Vida ou morte, o trabalho de forçados lá na aldeia ou o desterro de África eram coisas tão parecidas, porque não matar? Manuel podia ser morto também, isso não lhe fazia diferença nenhuma, como sentem os outros tanto a morte e porque não matar, já que não há outro processo de castigar mais duro? O crime é crime sobretudo para os outros que têm muito amor à vida e perdem tudo na morte, Manuel pouco perdia, como explicar bem isto? Pobre raro chora à hora da morte porque a morte é a vida ou o contrário, é assim, tudo se mistura, é tudo tão confuso que o crime já não é crime ou

pelo menos não é o que os outros pensam. A gente não sabe mesmo como é que os ricos se ofendem às vezes com a porcaria de umas palavritas sem importância nenhuma porque tudo são palavras e não doem na carne. Como a vida tem tanta coisa diferente de uma pessoa para a outra! E assim Joaquina saiu da prisão, assistiu ao julgamento do filho e depois tudo esqueceu porque a vida não parava. Que fiz eu ontem? E ante-ontem e há três anos? Onde está o meu homem que se matou? Sempre e sempre os dias vão correndo e não há um momento sequer pra descanso da lembrança da gente, como hei-de eu explicar isto?

- Ó Chinola! Mas tu não terás mesmo dè-réis de vergonha na cara? Tu, um velho, com uma carga de filhos... Tu já nem tens dentes, homem. Eu só queria saber como é que se te meteu essa na cabeça.

Mas o Chinola passara, porque toda a aldeia viera. O Chinola era um homem, só que estava um tanto gasto. Quer dizer... Mas vocês já viram bem o que é aquela mulher? Até um morto se erguia.

- Mas ela era lá capaz de te olhar pra essa porcaria de cara?
- A cara não se vê, que é de noite.

Chinola abriu uma comparação:

- Vocês já viram um comboio?

Rolava o olho arregalado pela taberna cheia de sorrisos.

- Vi eu um comboio. Vá; diz lá o resto.
- Atão se já viste um comboio hás-de saber que é a máquina a coisa mais feia. Tu entras no comboio e aquilo são almofadas e tudo o mais. Mas a máquina é que puxa.
- O' Chinola, essa não tem muita piada.
- Atão já vês que é assim: - a máquina é que puxa.
- Mas você ainda é mais feio que uma máquina de comboio.

Agora, sim, dava vontade de rir. Até Chinola escancarou a caverna da boca mostrando os dentes amarelos todos.

Porém Maria do Termo apenas esperava que ele passasse, ele, o outro, o que tinha de vir.

Mas como havia ele de romper por entre o desejo de tantos?

Você já viu bem a mulher? E um pedaço e tanto. Tu és burro, homem; aquilo é só pra quem tem muito dinheiro. Eu cá, então, não

acredito no que dizem; ela caiu uma vez stá bem, na melhor fazenda cai a nódoa, mas agora é uma rapariga séria. E veja lá vizinha que são novos e velhos endoidados com aquele estupor, Nosso Senhor me perdoe que a gente até se perde da cabeça. Quantos anos tem vossemecê? Faço sessenta pró S. Martinho. Atão já vêm você stá c'os pés prá cova. Não seja burro; vá dormir, que o seu mal é sono. Velhos e novos a onda corria pela aldeia e ela esperava à sua porta, pela hora. Dia e dia, meses e meses, vê como o tempo se passa num ar. Não deixes que o momento te fuja, ele o último, o melhor, o único.

Três vezes a primeira voltou, depois que o Soeiro passara no brilho do carro, na voz calma e forte (vens, Maria?). Mas todas as vezes as flores tiveram cores diferentes e as aves soltaram vozes desconhecidas. Três anos, tanta coisa se passara... António Borralho, conta a tua história:

Naquela manhã D. Estefânia falou com ternura:

- Levanta-te, que são horas. Vá, anda...

Ele levantou-se, mas o sol não se erguia, só os galos sabiam que a manhã vinha aí. António Borralho não tinha tempo de pensar no seu desterro, porque o fato preto era novo, tinha uma mala azul de correias (que frio!) e D. Estefânia dera-lhe tanta coisa para comer na viagem...

Queijo e presunto e galinha assada e queijo. Lembras-te do Carapinha que repartiu contigo o queijo do menino do Presidente? Ergue-te Carapinha, escolhe os teus braços e pernas entre as pernas e braços dos teus irmãos e vem ver-me partir.

- Toma tento nessa cabecinha. Muito juìzinho e escreve logo que chegues.
- Sim , minha senhora.

Igreja escura de naves frias, velas erguiam a medo a sua luz frouxa, Joaquina Borralho veio também. Ela gerara no seu ventre aquele filho agora amortalhado de preto, ela o criara, lhe dera leite a beber. Mas agora o menino de preto não é seu, nunca mais o será, o Senhor o levou. Foi aquela magra de cara mirrada e dentes podres que o meteu num fato preto e o ofertou ao Senhor. Não! Ele é seu, bem seu, porque tem o seu sangue, foi gerado no seu ventre e um dia por certo há-de erguer a voz que ela lhe deu desde o leite que mamou. Porém tudo se passa muito longe dali, agora Joaquina não é sua mãe, traz um chale roto, sim, traz os pés descalços e vê tudo de longe. O padre veio dizer-lhe que erguesse as mãos ao céu, Deus tinha baixado os Seus olhos misericordiosos sobre a sua desgraça, disse coisas assim, mas Joaquina não agradece nada a Deus, não sabe bem

porquê, devia agradecer porque um filho padre era uma sorte, mas ele depois nem olhava para ela.

- Até à vista, minha mãe.
- Adeus, Tonho.

E queria chorar, mas não podia. Era como se lho arrancassem outra vez do ventre e no entanto achava bem que o levassem, os carros podiam até ter passado por cima dele quando era pequeno e não o teria agora. Mas então? Era esquisito, tinha pena, e quando voltou para casa levou duas vezes o avental sujo aos olhos. Veio sòzinha, nem se despediu à vontade, porque o filho já não era bem seu, e porque não mandava a D. Estefânia um dos dela? Tinha lá tantos, mandasse um. No entanto sempre fora uma graça tirar-lhe o rapaz da rua.

Partida! O comboio lançou um grito agudo, sangrando, moveu.se pesadamente, com ferragens chocalhadas, *vu...u...ú*, árvores corriam, árvores e casas, morros apertados entalavam a carruagem, depois o canal abria-se em planície descoberta, ribeiras e moinhos *vu...u...ú*, mulheres de ventre emproado seguravam bandeirolas junto de casotas ao pé da linha. E enquanto tudo isto acontecia, a aldeia ia morrendo lá bem longe, na memória de António Borralho. Comeu logo a merenda que lhe não saía da lembrança, outros fatos pretos foram entrando no comboio e quando faltavam poucas estações, pôs-se a desejar muito que tudo voltasse ao antigo.

- Chegámos!

Tanta gente, tanto fato preto, rostos encortiçados das soalheiras dos campos, porque era aí, entre os pobres, que Deus os ia escolher, como muito bem disse o Reitor ao outro dia da chegada. Por entre aquela massa negra os braços magros de um padre açoitavam o ar indicando aos novatos os carros de bois onde se arrumavam as malas e sacos de roupa e a caminhada começou. Que terra esta, onde fica a minha aldeia? Não conheço ninguém, tanta gente! Bota de bezerro, bota fina, sapato de polimento, cabelo liso, bem penteado, cabelo duros cortados à escovinha, grupos formavam-se, bandos iam rolando pela estrada branca, iam-na manchando de negro, abraços estrepitosos, efusivos, aperta aqui estes ossos, então essas férias? Depois o mar foi sossegando e apenas o marulhar das ondas escorria da estrada, alastrando pelos campos, e a noite ia caindo. Terra desconhecida, onde fica a minha aldeia? Olhos vagos, olhos tímidos percorrendo toda aquela massa negra, tanta gente, e eu estou só, bem longe da minha terra.

Era assim que uma saudade vinha também, de vez em quando, minar o peito largo do Gorra e o fazia quedar à beira do rio, no cais, quando os seus ombros de toiro não tinham fardos a carregar. Não tinha filhos, tinha só aquela irmã e os sobrinhos, mas era quanto chegava para sentir de vez em quando uma saudade a minar-lhe o peito largo. Também estava farto de alombar sacos e agora que amealhara alguma coisa ia partir outra vez, mas de comboio.

Saiu na estação com a trouxa às costas e logo os seus pés se puseram a caminhar, rumo à aldeia que fumegava na manhã fria de Dezembro. Passou pelos campos, caminhos estreitos, estrada aberta, passou pelas ruas da sua terra, poucos erguiam os olhos ou a mão, porque ninguém tinha razão para conhecê-lo, homem perdido em vida de cigano.

- Então já vieste?

Mas Joaquina conhecia-o. Ajudou-o a descarregar a trouxa sem uma palavra de estranheza como se o esperasse.

- Então por cá?
- Tudo na mesma, o Tonho foi pra padra, eu mandei-te dizer, não recebeste a carta?
- Venho derreado de fome, tens aí alguma coisa que se coma?
- A Maria já saiu da casa do Sr. Capitão.
- Dá-me alguma coisa de comer, que stou morto de fome.
- Só se quiseres uma malga de caldo verde que ficou de ontem. Inda nem fiz nada hoje.
- Manda aí comprar um pão que eu dou-te o dinheiro, e um litro de vinho.

Rapou a panela, parecia trazer fome de uma semana.

- Pois a Maria saiu de lá, há-de haver meio ano e agora ajuntou-se com ele.
- Com quem?
- Com o que a enganou, mas não te aflijas que ele não a deixa.
- Não tens aí ao menos uma batata cozida? Apetecia-me agora.

Joaquina examinou a panela, já sabia que não tinha batata nenhuma, tudo se comia naquela casa, mas examinou a panela: - não há batatas. A pequenita trouxe o pão e o vinho e abriu a mão mostrando o troco.

- Ai a minha vida, que é do tostão que aqui falta?

- Só me deram este.
- Dá cá o tostão.

Joaquina descarregou a sova da ordem, e a miúda saiu a choramingar com os dois rebuçados no bolso. Gorra espalhou-se junto à lareira e pôs ali ao pé o pão e a garrafa para ouvir melhor as histórias que a irmã lhe ia contar. Joaquina foi buscar um caneco e bebeu um trago com gosto.

- Conta lá atão. Disseste que a Maria... e quem é o filho da mãe que a enganou?

Ninguém a tinha enganado. Só quem é pobre entende bem como estas coisas acontecem, Gorra entendia, mas era de bom tom afinar as maneiras pelas dos ricos. Quando António partiu para o Seminário, Maria percebeu que a sua missão estava comprida. Agora o domínio que a senhora exercia sobre ela fazia-a desejar fortemente a liberdade antiga, o que era bem estranho. Não comeria bem, não teria vestidos bons, aventais bem lavados. E no entanto era como se nada disso lhe importasse, porque desejava fortemente a liberdade antiga. Maria, vai à fonte, vai lavar esta roupa, hás-de ir lá em baixo à Quinta dizer ao caseiro... levanta-te, que são horas, tens um sono de pedra, e um dia e outro, um dia e outro, do rosto mirrado da patroa, da gorda cozinheira espirravam ordens, desciam comandos, vá pràqui, vá pràli, não tem a gente um momento de seu. Maria pregava a boca e girava como lançadeira de um lado para o outro.

- Eh! Andas sempre de trombas. Quem não está bem, muda-se.

Maria ficava ainda, calada, e apenas o ódio crescia na mesma medida em que crescia o respeito ou o temor. Sentia ganas de lançar as unhas àquele rostinho de víbora, arrancar-lhe as repas do cabelo grisalho, partir-lhe o resto dos dentes com uma pedra. Até mesmo quando a senhora vinha com modos secos ordenar-lhe que comesse:

- Já acabas de lavar; vai agora comer, gira!

Ela não girava, e puxava ainda pela escova, no fundo talvez acreditasse que moía a patroa. Gostaria de abandonar a tarefa quando lhe desejavam que continuasse com ela, não agora que a mandavam comer. A irmãzita é que se não esquecia das horas das refeições e vinha plantar-se à porta, à espera.

- Cá está o presente...

Maria vinha enxotar a garota:

- Já daqui pra fora. Sempre agora aqui a ógada.

E odiava mais a patroa. E que havia de fazer? Ela não entendia bem, ela sentia apenas que seria bom ter uma casa com fartura de tudo, ter talvez uma criada para descarregar o instinto do domínio. Mas nunca sonharia sequer com isso, outras criadas diziam estou muito bem naquela casa, a minha senhora é uma santa, mas todas no fundo odiavam as patroas, coisa esquisita. O homem só tinha inteligência depois de ter sido plenamente animal. Depois, sim, lembrava-se de que era um ser inteligente e enfeitava e justificava com um verniz de superioridade os seus instintos primários. Nada custa construir teorias, sistemas complexos, interpretações da vida e do destino do homem, quando o bucho está calado. Mas todas as ideias se perdem se o bruto sem lógica aparece quando... Pois não se sabe quanto? E é tão fácil esmagar o bruto com razões pesadas quando se não tem necessidade de ser bruto...

Um dia vinha da serra com o gado atrás e parou na fonte para beber. Ia a desviar o cântaro da bica mas Maria acorreu:

- Tira daí as unhas, que me deixas cair o cântaro.

E desviou-o ela. Depois vieram outras palavras, até que chegou o galanteio direto:

- Toma! Antes queria casar-me co'um burro.

Ele tocou-lhe a blusa.

- Tira daí a patinha, que isto não é baldio...

Ambos entendiam que se estavam aceitando e que todo aquele pedregulho eram amabilidades.

Conversaram várias vezes e um dia, enquanto o cântaro transbordava de cheio à bica da fonte, eles chegaram a conclusão debaixo de um castanheiro e pouco tempo depois Maria sabia que ia ser mãe. Talvez casasse, talvez não, que importava o casamento? Luxo de fidalgos. Nascera-lhe no corpo um grito que não sabia disfarçar para que justificá-lo com o casamento? Bem no fundo nem Joaquina nem o irmão se sentiam vexados com o procedimento de Maria, mulher é para ter filhos. Todas as leis que regulavam as relações do homem e mulher eram ainda um meio

de distinção de classes. Por isso não havia censura para Maria exatamente pela mesma razão por que ninguém lhe deitava à cara o andar descalça e suja. Registo civil, estola religiosa, era tudo um formalismo inexpressivo, próprio de outra gente. Se um senhora da alta caísse na sorte de Maria, Joaquina e Gorra e tudo mais do porão descarregariam a injúria à senhora da alta. Mas quem iria censurar-lhes o procedimento da moça? A imoralidade só existia porque existia a lei e a lei tinha sido obra dos homens. Nada disto Joaquina o refletia discriminadamente porque a sua psicologia era «primária», toda a capacidade de reflexão que lhe tinham posto na cabeça mobilizava-a para achar de comer, primeiro comer, depois, quem sabe? Talvez depois de saciada, quando o pão lhe nascesse pelos cantos, talvez Joaquina desse um tratado de alta e complicada psicologia, boa para qualquer romance acrobático de gabinete. Assim era uma bruta, um cangalhão empedernido com uma vida sem interesse, porque eternamente banal, comer, beber, gerar filhos...

Nem uma pontinha de interesse ou novidade. O homem superior afirma-se por uma inquietação de picuinhas psicológicas, o mundo, que é o mundo? Qual o destino do homem? A carne atasca-se num lamaçal e o espírito escapa-se como enguia ao suborno da matéria e daqui nascem problemas complexos, golpes dextros de subtilezas que aprofundam o conhecimento do homem. Isto sim, presta, o homem goza-se a si mesmo e descobre coisas imprevistas, ou não as descobre, encaixa-as em fórmulas novas, ou decreta-se e a gente fica a maturar no caso e isto sim é superior, é inteligente e interessante.

Porém o professor não concordava, que me importam a mim interpretações da vida, do destino do homem, que me importam os segredos do que sou? Eu tenho uma carga de filhos que passam mal, trabalho como um galego, para o raio que os parta aos meninos inteligentes que fazem discursos, escrevem charadas. Está bem que se distraiam, a mim não me interessam. Definir, interpretar, mas para quê? Faça-se isso depois, como quando após o bom jantar, se toma café e joga xadrez. Está bem que se não goste de ser desgraçado, mas o egoísmo dos homens é tão feroz que nem sequer tolera que se lhe fale das desgraças dos outros. Inferioridade, banalidade, «primarismo» falar dos que não têm tempo de meditar as coisas profundas e inúteis. Corja de bandalhos.

Gorra ouviu a história de Maria e perguntou:

- Inda há vinho na garrafa?
- Nem pinga.

Então ele saiu, raça de frio! O ar fino de gelo e aço escorria pelos canos dos ossos de Gorra que engelhava o couro das faces e raspava uma na

outra as mãos de lixa. Do chão ensombrado, a poeira da geada despedia agulhas miúdas, fumo branco lavrava nos telhados erguendo-se das fendas em rolos macios, coalhando o ar de uma calma de *home*. Rostos encorrilhados de velhos amornavam ao sol, encostados às esquinas, contra o vento, e em tudo se derramava um frio líquido de ribeira clara gorgolando por entre placas de gelo... Gorra fazia girar o rosto encasmurrado, para a direita e para a esquerda - olha o Gorra já veio de Lisboa - resmungava saudações. Era um homem de poucas falas e toda a capacidade de reflexão que possuia, mobiliza-a para analisar com escrúpulo o feito que ia cometer, ele não passava nunca pela aldeia sem liquidar qualquer assunto, era assim. Mas desta vez não sentia em si uma decisão forte: *é pràli*, e Gorra não tinha cabeça pra medir bem os prós e os contras. Também não tinha jeito para ralhar, e as coisas às vezes resolvem-se com ralhos «você é um ladrão reles», «você é um canalha» «seu patife», eh! ... palavreado, ele não era assim, uma pessoa se tem ofensa de outra, escavaca-a. E é com uma navalha ou com um cavalo-marinho, mas racha-a de meio a meio e está o assunto arrumado.

Passou pela taberna, raio de frio, e como tinha dinheiro fresco, engrolou dois cálices de aguardente, que às vezes o álcool aclara as ideias. E o taberneiro fungou o seu riso roufenho *enh...enh...* ó Gorra, tu não ganhas prás botas.

- Vim de comboio.
- O que vale *enh! Enh!* O que vale é que as solas dos pés são de dura.

Ficou a rir-se ainda, muito consolado, com os dentes graúdos à mostra, enquanto Gorra punha em andamento o corpanzil de lagatão, rumo à casa da sobrinha que ficava em baixo ao pé do cemitério. Empurrou a porta, ninguém, só uma pequenita sentada no chão térreo, choramingando. Gorra estacou. No carão labrosta os olhos quedaram-se suspensos, depois contornaram a pocilga, uma panela de três pernas, umas mantas sobre palha acamada, e a miúda parou no seu choro, dedo na boca, ergueu os olhitos reluzentes, mirando o homem grande que atravancava a porta. Então Gorra vergou o corpanzil e levantou a pequenita que era da sua família, saíra do ventre da sobrinha e enxugou-lhe os olhos num lenço encardido, e fitou-a bem e deu-lhe uma côdea de pão que trazia no bolso. Depois, enquanto a aconchegava, embrulhando-a no casaco, foi resmungado «a reles da tua mãe deixou-te aqui sòzinha, minha filha» e a pequena pareceu conhecê-lo, porque se calou, enovelando-se-lhe sobre o peito largo de lutador. A mãe veio vindo de baixo, cântaro à cabeça, e ficou um pouco embaraçada ao ver o tio mas não o mostrou.

- Que é desse canalha desse teu amigo?

Maria não lhe deu atenção. Foi entrando sossegada na pocilga e só depois de pousar o cântaro é que disse:

- Vossemecê não me venha pra cá com comédias, que farta de comédias ando eu.
- Eu racho-o.
- Racha o quê?...
- Ou ele te arrecebe, ou vai saber o que é um homem.
- E a dar-lhe...

Gorra não punha na ameaça aquela convição que o fazia avançar como toiro e estava tudo estragado. Olhava a sobrinha que ia acendendo o lume sem se perturbar e isso tirava-lhe os restos de fúria que devia trazer consigo, ambos sabiam que a vida era assim mesmo, barulho fazia-se era com os de cima, não com os iguais.

- Mas ele não fala em arreceber-te?
- E torna... Vossemecê julga que a gente é rica prò dar ao registo e ao padre? Julga? O que vossemecê vem de fidalgo... Dê-me o dinheiro, ande, que eu vou-me registar. se quer.

Dinheiro? Dinheiro, vírgula, andei eu a malhar comigo numa laje, dei o corpo ao manifesto, dinheiro?

Em todo o caso Gorra devia oferecer o dinheiro necessário.

- Se não tens que chegue, eu ajudo.
- Vossemecê o que tem é léria. Que ajuda, que ajuda. Ajuda o quê? Eu não tenho pra mandar tocar um cego.

Estava-se a discutir em terreno movediço, essa coisa do casamento para que servia? Ou seria que Gorra arranjara aquelas ideias fidalgas, lá por Lisboa?

Lisboa! Como tudo vai morrendo, Maria do Termo. Já nem me importava saber onde isto irá parar. Outro filho. Outro filho e a obra da destruição a completar-se. Rapaz forte, cabelo às ondas, fora tropa na capital, era carpinteiro. Era pessoa de certa categoria no meio acanhado da aldeia, um artífice, não tinha comparação com um Borralho, dos Borralhos, ladrõezitos reles, prometera casamento. E depois? Ora! Tudo foram palavras, eu sempre me quis parecer que aquilo não era moita que desse coelho, uma maneira de falar, mas ele que sim e mais que também... Uma

mulher como eu que havia de fazer? Inda teimei pra só falarmos na rua, à vista de todo o mundo, mas ele que não, que era porque não gostava dele e eu tinha tanto medo de alcançar outro filho, só Deus sabe o trabalho que este me tem dado... Foi assim... Eu não queria, mas ele teimou, e uma mulher como eu...

E ela tinha jurado que antes fosse uma cadela bem reles, antes comesse trampa, do que aceitar homem de ocasião. Tinha medo aos filhos, tinha medo à vista, a vida era má. E porque a vida já não tinha segredos, Maria do Termo fora perdendo o rosado das faces morenas e a sua voz só de longe em longe se erguia num canto dolente para embalar a criança. E porque lhe deram o corpo que tinha? E porque lhe fizeram perder o encanto de menina? Ela ficou assim, a vida mudara-a, tinha outros olhos e outro sentir. Seios caídos, mãos encordoadas, o cabelo caía em repas do lenço roto, e agora ela podia sem receio percorrer caminhos abandonados, pela noite escura. Seixos duros, pedras e tojo, um esterco de mulher de vidas, a gente nem ao domingo tem tempo de se lavar, sempre o garoto sujando, tudo uma ruína e o mundo ia rolando calmamente.

Gorra deixou a sobrinha no curral e veio vindo para a aldeia, mas qualquer coisa de si mesmo lhe ficava para trás, junto da criança que aquecera ao peito. Gorra não fora registado quando nasceu, vivia como besta, porém diante da família era bom. Transbordava de ternura e isso aborrecia-o de certo modo. Tão pouco tempo tivera para ver a pequenita, tão pouco tempo tivera, agora ia meditando. Gostaria de a ter trazido consigo para a observar bem, porque era possível que consigo para a observar bem, porque era possível que se parecesse com ele tal como o António, Joaquina dizia que até na inteligência não tinha mais a quem saísse, porque Gorra sempre fora homem para governar a sua vida. Só não sabia como governá-la agora que viera à aldeia para ver os seus que a toda a hora lhe enchiam a lembrança lá nessas terras distantes por onde sempre andava. Vida de cigano sem eira nem beira. Ná... Estava envelhecendo e precisava chegar-se para junto da família. Talvez um dia os levasse a todos para Lisboa, trabalho sempre havia de arranjar, e que bom chegar a casa e ver a irmã e os sobrinhos. Gostava de ver o António, ele havia de estar crescido, quanta coisa ele teria aprendido nos livros, já devia mesmo saber qualquer coisa da missa. E antes que esquecesse, Gorra entrou numa loja a comprar uma camisola para a criança que estava roxa de frio.

No entanto D. Estefânia queria que o seu lugar lá nas alturas ficasse bem marcado, livre de concorrência, e não perdeu de olho a Maria que fora sua criada e a roubara infamemente, porém isso não tinha muita importância, uma coisa não tira a outra. E falou ao marido no caso:

- Vê tu aquela desgraça, homem, é um escândalo na terra.

Mas o marido estava trombudo, enterrado em mantas e cobertores, na cadeira. Ergueu o olho bugalhudo por cima da luneta.

- Um escândalo... Mas disso há aí às dúzias.
- Credo, homem, que exagero.

Ele então sacou as mãos carnudas dos agasalhos, («mas que catarreira me havia de cair»). Primeiro rapou a garganta e depois falou. Ainda assim, a voz vinha carregada de bronquite:

- Olha: - a Susana do Pavão que está amigada com o Forcalho; a Mitra com o Varela; a ... («mas que raio de catarreira que me havia de cair»).

D. Estefânia acudiu:

- Mas a Maria sempre esteve na nossa casa. É outra coisa...

Porque enfim, D. Estefânia cometia de certo modo um pecado por aproximação, credo! Não é isso, mas... era assim uma coisa; depois, talvez...

- ... A gente sempre a estima um pouco mais, é como que é cá da casa. Já vês, homem...
- E agora? Que é que tu queres?

Mau! A coisa estava a aclarar-se, farto de despesas ando eu, e é um no Seminário, é outra... Bom:

- O que é que tu queres?

O marido da D. Estefânia agora levantou tudo, os olhos, o tomate do nariz e encarou a mulher bem de frente.

- Eu queria... que é que eu hei-de querer?
- Dinheiro?
- Anda lá, homem, não sejas assim, que Deus até te pode castigar.

O Sr. Capitão, porém negou com tudo quanto podia e as luneta desencavalaram-se com o tremor.

Então D. Estefânia renunciou à marcação decisiva do lugar lá nas alturas e abriu uma subscrição. Foi assim que Maria arranjou um vestido novo e fez banquete (foi cozinhado na casa de D. Estefânia e comido na da

Maria) e Joaquina pôde extrair a moralidade do caso, o que era ainda uma vantagem:

- Ora vês tu ? Nem por muito se madrugar amanhece mais cedo. Se te tivesses casado, tinhas feito uma despesona e assim inda arranjaste que vestir, e olha que é bem bom. O pano da saia não custou menos que quinze mil réis o metro.

Gorra concordou com um balanço vagaroso de cabeça e olha se eu era burro e tinha pago o casamento, que nem comia a jantarada que comi...

- Muito lhe atrombei eu naquele arroz que stava daqui.
- E eu? Vossemecê carregou-lo mas foi na vinhaça. Ai, bebeu mais de dois litros. Ai isso bebeu.
- Canudo! Que aldemenos atestei o bandulho.

Aí, seu Gorra, tira-me esse ventre de misérias. Forças nessa batata, nesse arroz, vinho pra baixo, come por uma vez, caramba. Agora só apanha disso pelos queixos quando o Tonho cantar missa.

Mas quando António voltou mais uma vez a férias, desiludiu o tio que esperava dele muita conversa e até talvez um pouco de latim, só para ver como isso era, nunca soubera o que o padre ronronhava no missal. Joaquina tinha-o prevenido de que António era outro, não fazia recados a uma pessoa, tinha até vergonha da família. Joaquina já nem ia esperá-lo à camioneta, porque D. Estefânia e a criada empalmavam-no logo, levavam-no a reboque para casa, e que pena eu tenho de nem lhe poder falar, sempre sou mãe, mas julgam que lhe faço mal e levam-no. Uma vez ainda me punha de lado a ver se ele me olhava, e ele olhou e correu para mim e deu-me um beijo. Mas foi só uma vez. D. Estefânia lá de longe berrou:

- António, vamos.

Ele foi. Logo a senhora o advertiu:

- Não podes conviver com a tua família que só dá maus exemplos.

Franziu o rostinho miúdo e acabou:

- Grande sorte tens tu, em não te porém fora do Seminário. A mim mo deves.

E à inteligência estupenda do garoto que rompia por entre todos os meninos protegidos, os que tinha *graxa* dos professores, e abalava a escala das classificações, um portento.

Gorra não era homem para se encolher. Quem ia esperar o pequeno à camioneta era ele, e viesse lá a Estefânia ou o raio, havíamos de ver.

- Olha lá, homem, tem mão em ti, que o podem mandar embora e já não provamos uma miola de queijo. Eh! Eh! Eu o que quero é que ele vá a padre e òdepois deixa-o cá comigo.

Gorra viu-se um instante sacristão de opa vermelha, chocalhando a campainha, em qualquer aldeia distante, ajudando à missa. Canudo! Como é que eu vou, agora, aprender ajudar à missa? Era isso:logo que o rapaz chegasse a padre, ia ser uma mina para a família. Porém Gorra tem de ir esperar o garoto, já o não via há tanto tempo e ele era filho da sua irmã. Joaquina vestiu-se de novo e foi também.

D. Estefânia embrulhada num chale-manta viu-os e ficou logo nervosa, olhando de lado, ansiando por que a camioneta chegasse bem depressa para acabar aquele martírio.

A camioneta chegou. Gorra abeirou-se logo da portinhola, espiando, e quando descobriu o sobrinho soltou um berro que atroou os ouvidos delicados de D. Estefânia:

- Eh! Tonho de um raio, que stava a ver que nunca mais chegavas!

Os seminaristas encararam aquele bruto com espanto e António corou

- Eh! Tonho de um raio, que stás mesmo um homem feito!

Mas logo a D. Estefânia se abeirou dele, muda e fria, e Gorra, obedecendo a um impulso milenário, desbarretou-se e acuou. Foi colar-se à irmã e ambos, de longe, viram sumir-se o fato preto do garoto, o chale-manta da senhora e mala na cabeça da criada. Gorra sentiu-se derrotado pela reserva do sobrinho, pela mudez de D. Estefânia, António já não era da sua família.

- Eu não te disse? Já da outra vez foi assim. E o diabo do rapaz é como que até tem vergonha da gente.
- Eu, se não fosse por lhe estragar a carreira...

E no entanto António Borralho, António dos Santos Lopes, chamava-se assim de lei, ele há-de ser Borralho toda a vida, andam-me agora cá com nome complicados, e no entanto António Borralho devia ser mais um filho como os outros, mas o fato preto e os livros tornavam-no diferente. Podia ser uma honra para a família, talvez um dia fosse, mas agora punham-no à parte, credo! Nem que a gente fosse pràqui uma tinhosa.

- Qual tinhosa, mulher?! (disse o Calhau) tu até inda stás uma mulher e tanto.
- Vê lá se te apetece casamento.
- E atão? Inda nos ajeitávamos; ou que pensas tu? Aqui onde me vês, inda não é qualquer um que me verga.
- Ai o rai' do estafermo, não querem lá ver?
- É o que te digo. E olha que não davas um mau passo. A gente há-de conversar.

E dito isto, largou estrada abaixo, arrastando os sessenta anos que lhe arqueavam as penas miúdas.

António sentia-se triste. Sim, a família envergonhava-o, quanto dissabor sofrera no Seminário por vir de gente que andava aos dias, mas envergonhava-o porque os outros, até os ministros do Senhor, impunham-lhe à força a divisão de classes, ele era da mais reles. Mas por outro lado, queria correr para o tio, para a mãe, sobretudo quando os garotos da sua idade o olhavam de longe, oh! Ele queria correr com eles a aldeia, ir para a Serra, nunca mais... Atado à regra, andava amortalhado, levantava-se de madrugada, ossos gelados, e não tomava logo o café. Um dia havia de fugir daquele casarão comprido de salas de cimento, largas e frias, só ao alto se entreabriam as bandeiras das janelas por onde entravam os ruídos dos carros que rodavam na estrada, e um farrapo azul de céu.

À noite, iludindo a vigilância de D. Estefânia, correu a casa da mãe, os olhos de Joaquina tomaram-se de um brilho líquido, ia abraçar o filho com ímpeto, mas recuou:

- Atão tu? ... Querem lá ver que fugiu sem licença?
- Não senhora; a senhora deixou.

Deixava nada, os seus escrúpulos eram miudinhos, embora o abade lhe dissesse, então, então, lá ver a mãe deve até ir vê-la, sempre é mãe, deve respeitá-la.

António olhava a sua casa, deu um abraço ao irmão que ficou muito encavacado, sabia era palavrões, impróprios para os ouvidos de um seminarista, tinha o fato de serrobeco besuntado de óleo.

Rosto triste muito e muito, Gorra indagou:

- Atão, mas tu queres mesmo ir pra padre? Nem podes ter uma mulher...
- Cala-te pràì, meu burro! Agora a dizer coisas ao rapaz! Deixa-o lá seguir a sua vida - Joaquina descarregou.

Depois foi amimar o filho, ofereceu-lhe uma malga de feijões. «Toma que foram cozidos hoje, deite-lhe uma pinga de azeite» enquanto Gorra e Joaquim iam seguindo a operação com os olhos, «não quero muito obrigado» - «a gente é só que tem por hoje».

E chegava. Joaquim e Gorra atrombaram na malga comum devorando os feijões com sofreguidão ciumenta, «deita pràqui mais» e comiam, Gorra mandara buscar um litro porque ainda tinha dinheiro e comiam e bebia. «Deita cá mais uns feijõezitos», «não tenho mais».

Um dia António saiu do Seminário, mas saiu sem querer, puseram-no fora porque não servia, tinha-lhe acontecido um desastre. Em Agosto, os meninos de D. Estefânia fizeram um balão para a festa. António era o criado e por isso colara os gomos e trabalhara a mecha, que era serviço porco, por causa do petróleo, e sem grande responsabilidade, Eduardinho era o engenheiro. Para que a subida do balão não fosse monótona, comprou-se uma bomba grossa que foi suspensa do arco. António não tinha mãos a medir, palha para inchar o balão, a bomba ali ao pé com o rastilho de demora e quando tudo estava pronto, o fogo pegou-se diretamente à bomba que António segurava na mão e um estoiro rebentou os ouvidos dos que assistiam, isto foi à tarde. Gritos de pânico, a camisa de Eduardinho esfrangalhou-se e António apertava com toda a força o pulso donde o sangue esguichava em repuxo, os dedos esbrinçados e suspensos, pontas de ossos à mostra, a mão era uma sopa de sangue. Correram ao hospital enquanto um gato da casa, abocanhando um osso perdido, rosnava em defesa, olhando aos lados com rancor.

D. Estefânia desinteressou-se pela cura do garoto que já não poderia ser ministro de Deus, agora iria arranjar outra ocupação para marcar lugar lá nas alturas.

- Se ele não tinha vontade nenhuma de ir pra padre... Aquilo até o fez de propósito.

Ela o disse.

Foi por esse tempo que o ventre de Maria do Termo se arrendondou pela terceira vez. A sua história estava feita, viria o quarto, o quinto, quantos mais? Veio descendo do carpinteiro para o cavador, e agora era de qualquer um.

Calhau tornou à sua:

- Jaquina!
- Que é?
- Que raio, mulher, aceita-me por uma vez. Tu não tens homem que te defenda e eu inda não stou práqui um entrevado.
- Pra quê? Pra arranjar mais desgraças? Farta de filhos stou eu.
- Deixa-te de música, anda lá, eu não tenho ninguém, tu stás sozinha, precisas de um homem que te defenda.
- Defenda de quê? Eu tenho unhas pra me defender.

Daí em diante Calhau vinha de vez em quando pela tarde, derreado, até à porta de Joaquina, e tinha sempre qualquer coisa para dizer, mas quase nunca dizia nada porque a tralha dos garotos não deixava conversar uma pessoa. Então Calhau deixava-se ficar quieto, sentado numa pedra, desembrulhando um cigarro.

- Fuma um, Gorra.
- Não quero.
- Fuma um, homem, que um cigarro até ajuda a espairecer uma pessoa.

Gorra não queria. Já tinha percebido o jogo do Calhau, que ia falando um tanto ou quanto comprometido e tornava a oferecer cigarros ao Gorra ou então um copo se queria vir daí à venda do Capacho. Mas diante de Joaquina falava outra vez desafogado:

- Eh! Mulher, decide-te por uma vez, que inda vais levar uma vida bonita.
- Mas tu que já nem prestas pra nada, Calhau... Tu e eu já stamos de pés prà cova.
- O diabo leve a morte, mulher; inda aqui stou pra bater sola. Mexe-te, que se faz tarde.

E em Joaquina, no rosto de Joaquina ondeou um sorriso incrível de enlevo, tinha o mais novito ao colo e Calhau estava em baixo sentado, esfumaçando e cuspindo por entre as pernas fininhas, carregadas com sessenta anos de bois e de lavoura. Depois Joaquina desceu da soleira da

porta, pôs-se em frente e olhou-o com atenção e descarregou uma gargalhada que lhe fez tremer o corpo todo de alto a baixo, o menino chorou no colo.

- Olha que inda assim, Calhau, a gente procurando bem, inda as encontra. Prò que o diabo te havia de dar.

Nessa noite Calhau expôs claramente o problema a D. Estefânia que cobriu o rostinho de horror e vergonha, meu Deus, que escândalo, os velhos são piores que os novos. Depois recolheu os trastes que eram poucos, tinha um relógio barrigudo marca comboio, um comboio pintado no mostrador, e o uso era pouco porque só lhe dava corda aos domingos para o mostrar no Adro à hora da missa atrelado a uma corrente de prata (mesmo de prata, Calhau?) uma corrente grossa como amarra de navio.

Gorra havia de cobiçar-lhe o relógio e uma por outra vez Calhau havia de consentir que ele o usasse ao domingo.

E pelo escuro foi-se aldeia abaixo para dormir com Joaquina.

Agora D. Estefânia ficava com o problema de outra amancebia e o Sr. Capitão com o problema dos bois.

- Vocês vão ver que inda comemos outra jantarada, (profetizou o Gorra com o seu golpe de vista seguro e a sua desgraçada necessidade). Tinha aquela fome, que queriam? Tinha aquela fome de lobo.

Mas o Sr. Capitão decidiu liquidar o assunto assim mesmo sem dinheiro e sem jantar, e as senhoras que tinham contribuído generosamente para o casamento de Maria, não estavam dispostas a casar a freguesia inteira. Gorra não comeu outro jantar e acomodou-se automàticamente ele e os sobrinhos à nova situação. Bem no fundo, ninguém se importava com a vida deles, só a D. Estefânia tinha aqueles escrúpulos, o Calhau sempre fora da casa. E lá continuou, porque o Sr. Capitão tinha o problema dos bois em aberto, quem havia de andar com eles? E a mulher encolheu-se. De modo que Joaquina sempre foi comendo alguma coisa que o Calhau lhe trazia à noite e tudo foi seguindo.

Ninguém se lhes metia na vida, porque os Borralhos não pertenciam à sociedade e viviam como bestas fora de todas as leis, malhados de carbúnculos, estropiados, aleijados, com o cérebro duro que não cede à verruma de qualquer norma. Que importava a vida de Joaquina e Calhau? Não tinham contas a dar a ninguém, porque ninguém lhes dava nada que as justificasse, cacos velhos, estrume, cangalhada, um amontoado informe de cérebros de pedra, pernas, braços, não há uma estrela no céu, quem falou

para aí em excelência do espírito? Batatais roídos, cheias da ribeira, a terra fica linda de ruas alinhadas, corta-se a perna, é mais rápido, a medicina é uma profissão liberal, - dá-lhe as voltas que entenderes, de qualquer modo tu hás-de reconhecer que lá no fundo do triângulo a vida se perdeu. Desse fundo é que eu te falo. Comer, beber, gerar filhos, dias e anos se vão uns atrás de outros, nenhuma mudança sobre a face da terra. Nem as aves nem o sol passaram na rua escura alagada de suor negro e fétido.

Tira os teus olhos do rosto
e lança-os ao chão.
Então verás como és grande,
Como a tua sombra pesa.
Porque rasgas, pois, teu ódio,
Se eu te digo
que estás mais alto do que és
e que o mundo que tu vês
tem alturas bem diferentes
nos teus olhos e nos meus?

Quem vem pôr um fim à história dos Borralhos? Ela não acabou ainda e não se sabe já onde foi que começou. Talvez, António Borralho, tu a escrevas um dia. Tu ao menos descobriste que tinhas inteligência, tu sabes o que sois, o que sempre tendes sido.

Até que um dia Gorra concebeu um plano grandioso.

- Vocês vêm daí todos pra Lisboa sempre tenho a família ao pé. Trabalho sempre se há-de arranjar.

Não, Gorra, Lisboa é longe.

- Aldemenos lá ninguém nos conhece, porque isto é mesmo uma porcaria de terra, a gente não pode dar um traque que se não saiba logo.

E que importa? O enxurro vai passando pelos pés e a gente limpa-os à entrada de casa.

- Olha o Marimba que tem arranjado por lá a sua vida. A gente havia de se arranjar também.

Gorra está velho pelo menos por dentro, mas não tem feitio pra ficar práli a vida inteira e que havia de fazer? Vida de cão, ao menos por lá sempre ganhava mais.

- Mas eu já stou velha - Joaquina disse.
- Velha quê, mulher? Tu ainda podes trabalhar pra fora; olha a do Marimba!

E Calhau pôs-se a basofar das suas pernas, que ainda estava ali pra bater, e Gorra mediu-o de alto a baixo, duvidando. Não tinha pensado bem no tropeço do Calhau, pra que raio se juntara a irmã com aquela corcódoa? Oh! ... Inquieta-se o corpo toda a vida, mas Gorra não desiste da sua ideia e tornou a olhar Calhau:

- Tu inda serás homem pra aguentar um peso? - e franzia o carão, duvidando sempre, mas Calhau entesou-se nas perninhas arqueadas e Joaquina riu, velho jarreta...
- O Jaquim pode-se empregar numa fávrica e o Tonha sempre sabe ler, mesmo assim co'a mão sempre arranja travalho numa loja.

Calhau também tinha muitos projetos na cabeça e pô-los pràli todos, Gorra foi-os examinando um por um e Joaquina transbordava de alegria. Nunca saíra daqueles sítios e que espanto quando entrou na carruagem de terceira! Calhau ainda inquiriu se não haveria lugar mais barato, só se fores no *Vagão Jota*, disse o Gorra, e riu.

- Atão vamos nesse, canudo, sempre se forra alguma coisa.
- Homem, isso é pràs bestas - e riu, tornou a rir, ó Calhau... Gorra gozou a fartar, sabia uma coisa mais que o Calhau, podia troçar da ignorância do semi-cunhado e foi feliz, porque era raríssimo o Gorra apanhar alguém em falso.
- Vocês é que vão ver agora o que é a vida. Isto é mesmo uma porcaria de terra.

Cabeças, pernas e braços amontoados, a carruagem de terceira vai alagada de mau cheiro, Lisboa fica sempre para lá de Lisboa, outros virão após ti, Gorra, outros seguirão o teu rumo na carruagem de terceira.

Quem vem pôr um fim à história dos Borralhos? Na curva bonita do céu, nem o sol, nem uma ave passou.

Noite. Maria do Termo segue o curso das estrelas, sentada à porta da casa, que fica fora da aldeia, onde os homens possam ir buscar amor em segredo, enquanto os filhos miúdos vão ressonando no chão.

- Canta!

Veio o convite de longe, vem das raízes dos tempos, dos tempos que se escoaram, carne velha, estragada, os seis já se cansaram de tanto amamentarem os filhos que vão crescendo: - mãe, quem é o meu pai? Veio o convite de longe, talvez do fundo da África, das grades de uma prisão...

- Maria, se tu quisesses, eu ganho alguma coisa...

Manuel Borralho falou.

- Canta!

Pela noite sossegada, lá bem do fundo do tempo, a sua voz elevou-se. E as estrelas abriram olhos de rebrilhos novos, correram pelo ar rios de sangue, músculos retorceram a vida em golpes ágeis, ficou vibrando a canção enchendo a regueira cavada nas montanhas. Os homens sonharam e Chinola desentalou a pirisca da orelha para sonhar também...

Desce do pedestal em que te ergueram
e vem debruçar-te um momento
sobre um momento de vida.

- Maria!

Tudo em volta envelheceu nestes anos tão longos, Manuel Borralho vem gasto de pena que cumpriu. Só ninguém viu que o crime cometido fora cometido já antes de ele ter vindo ao mundo. Tudo em volta envelheceu.

Maria do Termo pode agora receber Manuel Borralho, porque a cadeia dos filhos a pusera bem nos restos, no enxurro. Tudo estava integralmente previsto. Por isso mal se beijaram e se abraçaram. Ele veio devagar e foi sentar-se também à entrada da casa, vendo o rumo das estrelas. E quando lá bem do fundo, lá bem do fundo do tempo, Maria se levantou, ele pôde saciar a sua fome de amor, de amor ou lá o que era que nunca soube dizer.

Quem vem pôr um fim à história dos Borralhos? Ela não acabou ainda e já é tempo de acabar.

Faro, Maio de 1943
Melo, Setembro de 1944

FIM

Transcrição do Relatório de Censura

Proibido

Despacho:

Em 9/3/1947

Nº 333
Distribuido para leitura em 4/3/1947
Recebido em 6/3/1947

Relatório N.º 2982

Autor: Vergilio Ferreira
Tradutor:
Editor: Coimbra Editora
Proveniência: Requisitado

VAGÃO J

Parece que o autor esteve em qualquer vila, ou aldeia, e escolheu para protagonista do seu romance a família mais asquerosa do povoado - a família Borralho.

É uma família de degenerados, sem escrúpulos, sem caráter, sem dignidade, constituída por pae, mãe e muitos filhos dormindo todos no mesmo quarto, em que os pais têm relações sexuais deante dos filhos, sem o mais leve pudor de parte a parte.

A filha mais velha, que a certa altura foi servir para uma casa rica, era induzida pela mãe a roubar a patroa e a ter relações sexuais com o filho da casa, para obter recompensas.

De vez em quando o autor salienta a questão social, pondo em destaque a diferença entre ricos e pobres e mostrando bem o rancor que se apodera dos segundos pelos primeiros, quando postos em presença uns dos outros.

O romance gira todo em volta destas misérias sociais, como se pode ver com facilidade em diferentes páginas que vão assinaladas.

Em vista do exposto, sou de opinião que o livro não deve ser publicado.

(a) Borges Ferreira
capitão

Contexto: Portugal estava num regime ditatorial e facista dos anos 1926-1974. Livros que mostrassem as desigualdades sociais eram censurados.